

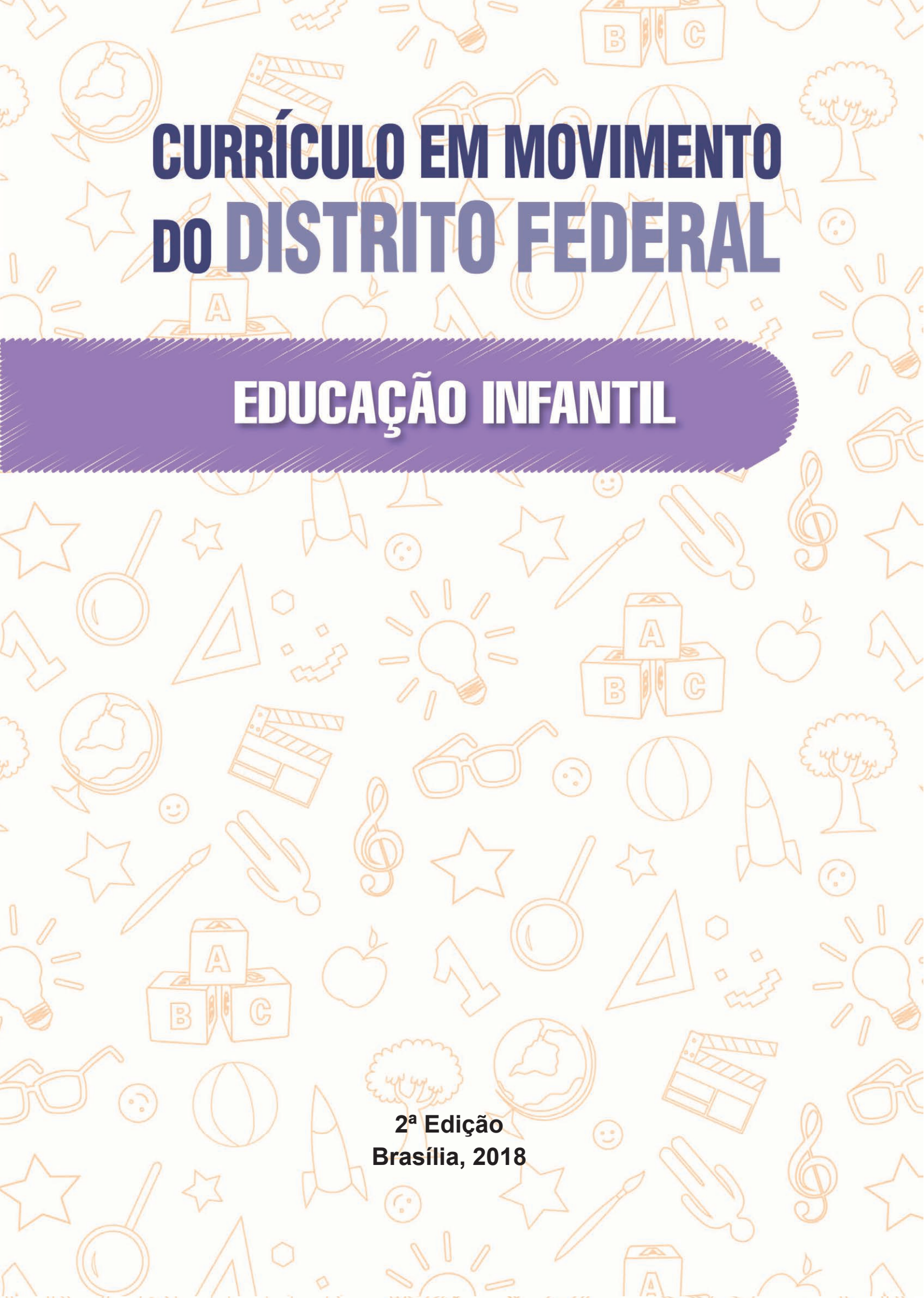


CURRÍCULO EM MOVIMENTO DO DISTRITO FEDERAL

EDUCAÇÃO INFANTIL

**Secretaria de
Educação**

**GOVERNO DO
DISTRITO FEDERAL**

The background is a light orange color with a repeating pattern of various educational icons in a darker orange line-art style. These icons include stars, lightbulbs, triangles, circles, hands, musical notes, rockets, trees, apples, and blocks with letters A, B, and C.

CURRÍCULO EM MOVIMENTO DO DISTRITO FEDERAL

EDUCAÇÃO INFANTIL

**2ª Edição
Brasília, 2018**

Governador do Distrito Federal

Rodrigo Rollemberg

Secretário de Estado de Educação

Júlio Gregório Filho

Secretário Adjunto de Estado de Educação

Clovis Lucio da Fonseca Sabino

Subsecretária de Educação Básica

Luciana da Silva Oliveira

Coordenadora Geral

Daniela Lobato do Nascimento

Analista de Gestão (Consed)

Lucas Moura Maximo

Coordenadora de Etapa

Andréia Pereira de Araújo Martinez

Redatores de Currículo

Agilson Carlos de Andrade Arruda

Maria Auristela Barbosa Alves de Miranda

Maria Luíza Dias Ramalho

Revisão de Língua Portuguesa

Alessandra Edver Mello dos Santos

Lucas Moura Maximo

Capa, programação visual e diagramação

Frank Alves

Colaboradores

Comissão Estadual de Implementação da Base Nacional Comum Curricular no Distrito Federal (instituída pela Portaria nº 163, de 07 de junho de 2018)

Leitores Críticos das Unidades Regionais de Educação Básica

Leitores Críticos das Unidades Escolares

Leitores Críticos da Subsecretaria de Educação Básica: Ana Neila Torquato, Cícero da Silva Lima, Débora Cristina Sales da Cruz Vieira, Ellen Daiane Cintra, Elna Dias Cardoso, José Ricardo de Moraes Veiga Abreu Neto, Pedro Ivo Silva, Renata Callaça Gadioli, Ruth Meyre Mota Rodrigues, Sérgio de Oliveira Souza e Simone Soares Nogueira.

Colaboradores Institucionais

Janduy Procópio Leite Júnio e Ednéia Alves Cruz (CRE Brazlândia); Marcos Antônio de Sousa e Simone de Almeida Alves de Souza (CRE Ceilândia); Firmino Moreira de Queiroz e Carla Geórgia de Freitas Queiroz (CRE Gama); Afrânio de Souza Barros e Flávia Marize Cadena Bragança (CRE Guará); Ana Maria Alves da Silva e Vanessa Romão Rodrigues (CRE Núcleo Bandeirante); Isac Aguiar de Castro e Raquel Vila Nova Lins (CRE Paranoá); Queti Diettrich e Ana Paula Monteiro da Silva (CRE Planaltina); Ana Lúcia Marques de Paula Moura e Cleire de Souza Miranda Varella (CRE Planto Piloto/Cruzeiro); Célia de Lira Soares e Carlos Venício Siqueira (CRE Recanto das Emas); Cícero Elivan Alves Feitosa e Débora Vilhena Perugino de Araújo (CRE Samambaia); Claudiney Formiga Cabral e Mariana Almada Viana (CRE Santa Maria); Paulo Viana de Souza e Luiz Eugênio Barros de Brito (CRE São Sebastião); Marco Aurélio Vieira de Souza e Ana Cristina de Castro (CRE Sobradinho); Juscelino Nunes de Carvalho e Giseliene Barbosa Barreira (CRE Taguatinga); Antônio Carlos do Patrocínio (Coordenação de Políticas Educacionais para a Juventude e Adultos); Hélia Cristina Sousa Giannetti (Coordenação de Políticas Educacionais Transversais); Klesia de Andrade Matias (Coordenação de Políticas Educacionais para Educação Infantil e Ensino Fundamental); Andyára da Gama Wolney, Daniela Aparecida de Castro, Débora Cristina Sales da Cruz Vieira, Kátia Ceanne Bomfim Borges, Marília Magalhães Teixeira e Simone Pereira Costa Benck (Gabinete da Subsecretaria de Educação Básica).

1ª EDIÇÃO (2014)

Consultoria e revisão técnica

Cátia Candido da Silva
Edna Rodrigues Barroso
Lucélia de Almeida Silva
Maria Luiza Dias Ramalho
Michelle Abreu Furtado
Patrícia Carneiro Moura
Patrícia Nunes de Kaiser
Regina Aparecida Reis Baldini de Figueiredo
Regina Lúcia Pereira Delgado

Instituições Educacionais Públicas Participantes da Validação do Currículo da Educação Infantil – 2013

Brazlândia: CAIC Benedito Carlos de Oliveira; CEI 01; CEI 02; EC 05; EC Almécegas; EC Chapadinha; EC Incra 06; EC Incra 07; EC Incra 08; EC Polo Agrícola da Torre;
Ceilândia: CAIC Anísio Teixeira; CAIC Bernardo Sayão; CEF 30; EC 01; EC 02; EC 03; EC 06; EC 08; EC 10; EC 11; EC 12; EC 13; EC 15; EC 16; EC 17; EC 18; EC 19; EC 20; EC 21; EC 22; EC 25; EC 26; EC 27; EC 28; EC 29; EC 31; EC 33; EC 34; EC 35; EC 36; EC 38; EC 39; EC 40; EC 43; EC 45; EC 46; EC 47; EC 48; EC 50; EC 52; EC 55; EC 56; EC 57; EC 59; EC 62; EC 64; EC 65; EC 67; EC P Norte; **Gama:** CAIC Carlos Castello Branco; CEF 09; CEF Casa Grande; CEF Córrego do Barreiro; CEF Engenho das Lages; CEF PAB; CEF Ponte Alta de Cima; CEF Tamanduá; CEI 01; EC 02; EC 03; EC 15; EC 21; EC 22; EC 28; JI 02; JI 03; JI 04; JI 05; **Guará:** CEI 01 Estrutural; EC 01; EC 06; EC 07; EC 08; EC SRIA; JI Guará;
Núcleo Bandeirante: CAIC Juscelino Kubitschek; CEF Metropolitana; CEF Vargem Bonita; CEI Candagolândia; CEI Núcleo Bandeirante; CEI Riacho Fundo I; CEI Riacho Fundo II; EC Ipê; JI Riacho Fundo II; **Paranoá:** CEI 01; Centro Social João Paulo II; EC 03; EC Capão Seco; EC Cariru; EC Lamarão; EC Sussuarana; **Planaltina:** CAIC Assis Chateaubriant; CED Taquara; CEF Cerâmica Dom Bosco; CEF JK; CEF Mestre Darmas; CEF Rio Preto; CEF São José; CEI 01; EC 04; EC 05; EC 07; EC 09; EC 11; EC 13; EC 14; EC Altamir; EC Aprodarmas; EC Barra Alta; EC Córrego do Meio; EC Estância; EC Estância do Pipiripau; EC ETA 44; EC Palmeiras; EC Pedra Fundamental; EC Rajadinha; EC Reino das Flores; EC Vale do Sol; JI Casa de Vivência; **Plano Piloto/Cruzeiro:** CEI 01; EC 04 Cruzeiro; EC 08 Cruzeiro; EC da Vila do RCG; EC Granja; EC Varjão; JI 01 Cruzeiro; JI 102 Sul; JI 106 Norte; JI 108 Sul; JI 114 Sul; JI 208 Sul; JI 21 de Abril; JI 302 Norte; JI 303 Sul; JI 304 Norte; JI 305 Sul; JI 308 Sul; JI 312 Norte; JI 314 Sul; JI 316 Sul; JI 404 Norte; JI VI COMAR; **Recanto das Emas:** JI 304; JI 310; JI 603; **Samambaia:** CAIC Airton Senna; CAIC Helena Reis; EC 108; EC 210; EC 307; EC 317; EC 325; EC 403; EC 415; EC 419; EC 431; EC 510; EC 511; **Santa Maria:** CAIC Albert Sabin; CAIC Santa Maria; CEI 210; CEI 416; EC 100; EC 203; EC 218; JI 116; **São Sebastião:** CAIC UNESCO; CEI 01; CEI 03; **Sobradinho:** CAIC Júlia Kubitschek de Oliveira; CEI 01; CEI 02; CEI 03; CEI 04; EC 05; EC 10; EC 14; EC 16; EC 17; EC Córrego do Ouro; EC Lobeiral; EC Morro do Sansão; EC Ribeirão; EC Rua do Mato; EC Sonhém de Cima; **Taguatinga:** CEF 18; CEI 01; CEI 02; CEI 03; CEI 04; CEI 05; CEI 06; CEI Águas Claras; CAIC Walter Moura; EC 02; EC 21; EC 27; EC 45; EC 50; EC 53.

Colaboradores

Aida Fernanda Maria Leal Feitosa, Ana José Marques, Andreia Monteiro Milhomem Sales, Arianne Pereira de Caldas, Arinalda Oliveira Ramos, Clarissa Ivy Fortunato Ribeiro, Cleide Soares de Oliveira, Cristiane Chaves Magalhães, Daisy de Sousa Gonçalves, Daniele Silva Araújo Freitas, Emir Bezerra Faustino, Eneida de Nazaré da Silva Brasil Dias, Érica de Souza Nunes de Borges, Erisevelton Silva Lima, Fernanda Tomaz A. Otaviano, Hélia Mara Monte dos Santos, Ione da Costa Melo Silva, Jeovany Machado Anjos, Kátia Leite Ramos, Keli Cristina dos Santos, Keula de Cassia Silva Soares, Leila Cristina de Louredo Mesquita, Lidianne Sousa de Castro, Marcelle Luzia de Paula Lira Noronha, Marcia Cabral dos Santos, Márcia Helena Lopes Braúna, Maria Andreza Costa Barbosa, Maria Ângela Rodrigues das Neves, Maria Aparecida de Oliveira, Marisa Inês Borges Barroso Moura, Marize Queiroz Pacheco, Marlene Rezende do Nascimento, Marlene Vieira, Melissa Barros Cardoso, Mauro Gleisson de Castro Evangelista, Miriam Lúcia H. Masotti Dusi, Mônica Angélica Barbosa de Almeida, Mônica Cunha Rezende, Mônica de Lima Araújo, Priscila Poliane de Souza Faleiro, Rejane Elaine Lopes Vieira de Melo, Renata Pacini Valls Carvalho, Ronaldo Pacheco de Oliveira Filho, Renata Rolim de Andrade, Rober Carlos Barbosa Duarte, Rosália Policarpo Fagundes de Carvalho, Rosinalva Carvalho Cabral Maldaner, Samara Nery Oliveira Almeida, Sandra Zita Silva Tiné, Silvânia Lopes de Souza Velez, Silvia Braz Guimarães Silva, Simão de Miranda, Simone Alves Pereira, Telma Aparecida Carlos Monteiro, Valdívia Egler.

Revisão

Edileuza Fernandes da Silva
Erisevelton Silva Lima

Ilustrações

Alteração em respeito à Lei 13.709/2018 - LGPD

Documento aprovado pelo Conselho de Educação do Distrito Federal nos termos da Portaria nº 389, de 4 de dezembro de 2018.

2ª edição atualizada pela Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal a partir da 1ª edição, publicada em 2014.

SUMÁRIO

1. INICIANDO NOSSA CONVERSA.....	8
2. CONTINUANDO NOSSA CONVERSA: a identidade do Distrito Federal expressa no Currículo ..	11
3. O DISTRITO FEDERAL E SUAS CRIANÇAS: um olhar à diversidade cultural das infâncias	14
4. EDUCAÇÃO INFANTIL PARA QUÊ?	18
5. CRIANÇAS E INFÂNCIAS (COM)VIVENDO NA EDUCAÇÃO INFANTIL	22
5.1. Periodização do desenvolvimento infantil: o que precisa ser considerado?	24
6. QUAIS SÃO OS EIXOS INTEGRADORES DO CURRÍCULO DA EDUCAÇÃO INFANTIL?	27
6.1. Educar e Cuidar	28
6.2. Brincar e Interagir.....	29
7. ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO.....	33
7.1. Materiais.....	33
7.2. Ambientes	34
7.3. Tempos	34
7.4. Rotina	34
7.5. Datas comemorativas.....	36
8. INSERÇÃO E ACOLHIMENTO.....	37
9. RECOMENDAÇÕES SOBRE AS PRÁTICAS SOCIAIS	40
9.1. Alimentação.....	41
9.2. Sono	41
9.3. Banho	42
10.DIMENSÃO RELIGIOSA NA EDUCAÇÃO INFANTIL? Uma questão a ser discutida entre os profissionais da educação.....	43
11.INSTITUIÇÃO DE EDUCAÇÃO INFANTIL E FAMÍLIA: experiências compartilhadas	45
12.POR UMA EDUCAÇÃO INFANTIL INCLUSIVA E ACOLHEDORA.....	47
13.TRANSIÇÕES NA EDUCAÇÃO INFANTIL	50
14.AVALIAR: processo sensível, sistemático e cuidadoso.....	53
15.EDUCAÇÃO INFANTIL: 1º Ciclo da Educação Básica	56
16.O MUNDO INFANTIL IMERSO EM CAMPOS DE EXPERIÊNCIAS.....	58
16.1. O eu, o outro e o nós	63

16.2. Corpo, gestos e movimentos.....	68
16.3. Traços, sons, cores e formas	76
16.4. Escuta, fala, pensamento e imaginação	86
16.5. Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações	94
17.REFERÊNCIAS.....	101



Alteração da imagem em respeito à Lei 13.709/2018 - LGPD

1. INICIANDO NOSSA CONVERSA

A infância é quando ainda não é demasiado tarde. É quando estamos disponíveis para nos surpreendemos, para nos deixarmos encantar. Quase tudo se adquire nesse tempo em que aprendemos o próprio sentido do tempo (Mia Couto).

O currículo é um documento que necessita de um permanente movimento de revisitação para se manter atualizado diante das constantes mudanças sociais, bem como para se adequar às novas legislações e normatizações. A homologação da Base Nacional Comum Curricular – BNCC tornou iminente a necessidade de um novo olhar para o Currículo em Movimento do Distrito Federal.

É importante mencionar que a pedra fundamental no processo de análise se deu do próprio currículo que a SEEDF já possuía, na intenção de provocar um diálogo do Currículo em Movimento, lançado em 2014, com a nova legislação. Portanto, esse movimento não tem a intenção de desconsiderar o processo coletivo e colaborativo de constituição da primeira edição do Currículo, pois valoriza todo seu processo histórico e que emerge de sua elaboração. Por conta disso, em muitas partes deste

novo documento é possível encontrar trechos do Currículo anterior, que teve como ponto de partida e suporte teórico-prático documentos legais, currículos de outros entes federados, textos acadêmicos e ações coletivas desenvolvidas na rede pública de ensino do Distrito Federal.

Entre as ações realizadas, em 2013 ocorreu a “Plenarinha do Currículo”, ação que envolveu cerca de 400 crianças e 50 profissionais das instituições públicas e conveniadas¹, com o objetivo de ouvir e tornar nossas crianças partícipes no processo de aprendizagem e desenvolvimento que é estruturado na e para a Educação Infantil.

Esse processo de escuta às crianças resultou no interesse de manter o projeto da Plenarinha nos anos seguintes, abordando, a cada ano, temáticas que evidenciam o papel da criança como sujeito de direitos.

A Plenarinha é um projeto que nasceu na Educação Infantil e, agora, envolve também as crianças do primeiro ano do Ensino Fundamental, na intenção de promover uma ação conjunta entre as duas etapas da Educação Básica, considerando a abordagem da transição. O objetivo da Plenarinha é promover a escuta atenta, sensível e intencional às crianças acerca de suas necessidades e interesses e, para que elas possam anunciar sua visão de educação e de mundo, expressando como compreendem a realidade que as envolve. Assim, a Plenarinha traz à cena a criança como protagonista no processo educativo, algo que precisa ser pensado e considerado no Currículo e na ação pedagógica.

Voltando à ação da “Plenarinha do Currículo” que ocorreu em 2013, tal atividade procurou dar visibilidade ao princípio da relação dialógica que busca construir como metodologia de trabalho com as instituições públicas e parceiras, uma vez que a reflexão e a elaboração do Currículo somente ganham sentido e materialidade com o protagonismo dos profissionais da educação, que são os orientadores dos processos de aprendizagem e desenvolvimento das crianças em cada uma das instituições onde a Educação Infantil se faz presente, bem como, com o protagonismo das próprias crianças, sujeitos de direitos.

Nesse sentido, ao longo do ano de 2018, a SEEDF realizou várias ações para mobilizar e instigar a participação dos profissionais da educação do Distrito Federal no processo de revisitação do Currículo que se apresenta, tais como Fóruns Regionais; Ciclo de Formações; Ciclo de Plenárias; Leitores Críticos e Consulta Pública.

A 2ª edição do Currículo em Movimento do Distrito Federal para a Educação Infantil oferece aspectos que norteiam e subsidiam as instituições de educação coletiva para a primeira infância na elaboração, desenvolvimento e avaliação de suas Propostas Pedagógicas – PP², com o objetivo de ofertar um atendimento educativo de qualidade aos bebês, às crianças bem pequenas e às crianças pequenas, alinhando-se às Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil – DCNEI e à Base Nacional Comum Curricular – BNCC, entre outros documentos legais.

¹ A SEEDF mantém Termo de Colaboração com Organizações da Sociedade Civil – OSC, que à época recebiam a denominação de Instituições Conveniadas e, atualmente, são intituladas Instituições Educacionais Parceiras.

² De acordo com as DCN e a BNCC, o Projeto Político-Pedagógico – PPP, atualmente, denomina-se Proposta Pedagógica – PP.

Com o pressuposto de que todos que trabalham nas instituições de Educação Infantil participam e promovem as aprendizagens e o desenvolvimento integral das crianças, o Currículo deve ser lido, discutido e incorporado por tais profissionais que integram o espaço educativo: diretor, vice-diretor, supervisor pedagógico, secretário escolar, técnico administrativo, orientador educacional, professor, coordenador pedagógico, equipes especializadas de apoio, monitor, cozinheiro, auxiliar da limpeza, equipe de conservação, vigilância, dentre outros. Incluem-se também o conselho escolar e demais órgãos representativos da comunidade.

Para além da imersão em cada instituição educativa, o Currículo deve ser plenamente conhecido pelos profissionais que lidam com as políticas públicas educacionais da Educação Infantil.



Alteração da imagem em respeito à Lei 13.709/2018 - LGPD

2. CONTINUANDO NOSSA CONVERSA: a identidade do Distrito Federal expressa no Currículo

Linhas modernas. Desenho futurístico. Leveza expressa com concreto armado. Projeto arquitetônico. Patrimônio cultural da humanidade. Brasília, capital do Brasil.

Será só isso?

Falar do Distrito Federal vai muito além de expor Brasília como projeto de cidade planejada que se materializou em realidade no Planalto Central, reconhecida por suas formas singulares de arquitetura e considerada patrimônio da humanidade pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO.

Mas por que discorrer sobre o Distrito Federal?

Porque discutir currículo envolve a reflexão sobre o território. De que lugar que se fala? Como ele se constitui histórica e socialmente? Quais são suas singularidades e como elas se expressam? Como se revela sua paisagem natural e culturalmente constituída? Que grupos sociais se encontram nesse território? Que crianças e quais infâncias pertencem a esse lugar e como elas se relacionam? Todas essas questões perpassam a constituição de um currículo. Se tais reflexões fossem ignoradas não haveria a necessidade de cada unidade da federação elaborar seu próprio currículo. São as peculiaridades de cada território que dão subsídio para a formulação do currículo que contribui para o planejamento, para a prática pedagógica e para a

avaliação do processo educativo. É primordial pensar sobre o território que se constitui, influencia a atuação pedagógica e que, dialeticamente, sofre a influência de todos os educadores.

O Distrito Federal está situado na Região Centro-Oeste, sendo uma das 27 unidades da federação brasileira. É a menor unidade federativa do Brasil e a única que não possui municípios. Em seu território, encontra-se a capital federal do Brasil, Brasília, que também é a sede do governo do Distrito Federal.

O Distrito Federal é um quadradinho no meio do mapa do Brasil, mas nem por isso deixa de ter suas características próprias. É constituído por pessoas de todas as unidades federativas do Brasil, bem como por estrangeiros que, por inúmeros motivos, residem em seu território. Mesmo sendo o ente federado de menor idade, possui uma população que nasceu, cresceu e contribui para a constituição social, cultural e histórica desse lugar.

As populações indígenas já residem nesse território há muito tempo. Há quem diga que no Distrito Federal não tem indígenas, sendo esta uma visão naturalizada pelo senso-comum que precisa ser desmistificada para que esses povos sejam respeitados e considerados nas políticas públicas, sobretudo as que versam sobre a educação. Há estudos que revelam que, no século XVI, o território central do país, que inclui o atual Distrito Federal, era ocupado por indígenas do tronco linguístico Macro-jê, como os Acroás, os Xacriabás, os Xavantes, os Caiapós, os Javaés etc. (CHAIM, 1983) e, atualmente, “no Distrito Federal residem três etnias, a saber: Tapuyas/Fulni-ô, Tuxa e Cariri Xocó” (NASCIMENTO, 2018, p. 22).

Além dos povos indígenas, é marcante a presença de comunidade remanescente quilombola, a saber a Comunidade Mesquita, que fica na região do entorno do Distrito Federal. É importante destacar esse ponto, pois o Distrito Federal tem intensa relação, das mais diversas formas, com as cidades de seu entorno. Ademais, notam-se comunidades que residem no campo, assentados e acampados da reforma agrária, povos tradicionais, entre outros. Toda essa diversidade humana presente revela a constituição de seu peculiar território.

Apesar de Brasília ser sonhada como uma cidade planejada, com linhas arquitetônicas desenhadas em concreto armado, ao seu redor, o Distrito Federal cresceu, criando alternativas próprias para a realidade que emergia dos agrupamentos sociais que já existiam aqui, que vieram para cá ou que nasceram aqui. Nessa expansão territorial, criou-se 31 regiões administrativas (DISTRITO FEDERAL, 2018c), cada uma com sua identidade, organização e necessidades próprias.

O Distrito Federal é caracterizado pela beleza natural do Cerrado, sendo este o segundo maior bioma do país, com cerca de um terço da sua biodiversidade. É marcado principalmente pelo clima tropical, com uma estiagem que se prolonga por aproximadamente cinco meses. Uma reflexão que o Cerrado provoca, sobretudo quando se pensa uma educação para a sustentabilidade, como prevê um dos Eixos Transversais deste Currículo, é acerca dos impactos causados pela perda da biodiversidade, imposta pelo adensamento populacional e a expansão da agropecuária.



Alteração da imagem em respeito à Lei 13.709/2018 - LGPD

3. O DISTRITO FEDERAL E SUAS CRIANÇAS: um olhar à diversidade cultural das infâncias

Dando continuidade à discussão da territorialidade, indaga-se: que crianças e infâncias estão presentes no Distrito Federal?

Como tem se visto, os conceitos que identificam a infância se constituíram ao longo da história até se depararem com a criança definida como sujeito histórico de direitos, atuante e protagonista na constituição de sua identidade pessoal e coletiva. Mediante suas interações, relações e práticas cotidianas, a criança utiliza o brincar, a imaginação, a fantasia, a observação, as narrativas, os questionamentos, “experimenta, aprende e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura” (BRASIL, 2010a, p. 12).

Partindo dessa compreensão de criança, cabe observar suas infâncias e seus percursos como produtoras de cultura, pois há inegável diversidade cultural brasileira que se reflete na composição do Distrito Federal, dadas suas peculiaridades que comportam tanto os modos de viver das crianças do campo, indígenas, quilombolas e migrantes do território nacional. O trabalho educativo nas instituições que ofertam Educação Infantil pressupõe a ampliação do olhar voltado às infâncias constituídas historicamente no território distrital, pois:

Crianças e infâncias são marcadas por conceitos constituídos social e culturalmente. O modo como são percebidas e compreendidas interfere, direta e indiretamente, na organização do trabalho pedagógico a ser realizado nas instituições educativas para a primeira infância (DISTRITO FEDERAL, 2018a, p. 21).

Tal representatividade cultural presente no Distrito Federal abarca, também, os contextos das crianças estrangeiras, reiterando assim, que “dentro das instituições que ofertam Educação Infantil na SEEDF, pressupõe que não podemos nos restringir a pensar uma única criança, uma única infância e, sim, às inúmeras infâncias e crianças que se fazem presentes no contexto educativo e coletivo” (DISTRITO FEDERAL, 2018a, p. 21). Nesse sentido, observa-se que:

A comunidade escolar está cada vez mais diversificada, hoje temos em nossa rede de ensino, crianças indígenas, quilombolas, do campo, entre outras, envolvidas em um mar de tecnologias, que podem ter ou não mais ou menos influência no seu cotidiano. Todas essas diferentes crianças, com especificidades distintas, precisam ser consideradas na prática educativa (DISTRITO FEDERAL, 2018a, p. 21).

A exemplo do eixo brincadeira, evidenciado pelo Guia da VI Plenarinha (DISTRITO FEDERAL, 2018a), torna-se importante destacar esta pluralidade infantil no trabalho educativo, nos diversos campos de experiências elencados neste Currículo. A prática docente, permeando os campos de experiências, os direitos e objetivos de aprendizagem e desenvolvimento da criança, deve compreender e considerar, em sua intencionalidade educativa, as variáveis que constituem as infâncias presentes no Distrito Federal alinhadas às práticas socioculturais da atualidade.

Mesmo dentro de um grupo étnico existem muitas diferenças, como entre os indígenas. As crianças indígenas têm sua infância diferenciada em cada etnia, formando em sua aldeia seu modo de vida social particular. Portanto, deve-se considerar, na instituição que oferta Educação Infantil, os momentos de trocas de experiências, em que as crianças compartilhem sua cultura, aprendendo umas com as outras, enriquecendo seu repertório cultural e de seus pares.

É importante mencionar as experiências que alguns grupos sociais possuem em meio à coletividade, com os anciãos, com o território, com os recursos naturais, as tradições, os costumes, entre outras, que podem ser compartilhadas com os que não usufruem desse contexto, inclusive em atividades realizadas nos espaços fora dos muros da instituição educativa.

Lembrando que as tradições não são isoladas, elas se movimentam com o fluxo do processo histórico, possibilitando o resgate e a continuidade de tradições, dialogando com a sociedade atual, em uma dinâmica de resistência e transformação (DISTRITO FEDERAL, 2018a, p. 23).

Destaca-se que a intencionalidade do trabalho educativo com crianças das mais diversas culturas deve estabelecer vínculos com seus valores culturais, sociais, históricos e econômicos de suas comunidades, onde a instituição que oferta

Educação Infantil se estabelece como “um espaço de diálogo entre o conhecimento escolar e a realidade social das crianças, valorizando o desenvolvimento sustentável, o trabalho, a cultura, a luta pelo direito à terra e ao território” (DISTRITO FEDERAL, 2018a, p. 23). No cotidiano da Educação Infantil, o docente deverá propiciar momentos de escuta e rodas de conversa com vistas a identificar as características culturais individuais das crianças. Em geral, as crianças quilombolas, indígenas, bem como as do campo, convivem nos espaços naturais disponíveis e se desenvolvem nas atividades realizadas nesse contexto.

As escolas que recebem crianças indígenas e quilombolas ou de outros grupos sociais, devem olhar as especificidades dessas crianças, respeitando suas histórias de vida, suas comunidades, suas tradições e convidando-as a compartilhar suas experiências, possibilitando espaços e tempos de troca, para que assim, todas as crianças possam ampliar suas experiências, saberes e conhecimentos (DISTRITO FEDERAL, 2018a, p. 24).

Em relação às crianças do campo, vale destacar que as rotinas ambientais, sensoriais, afetivas, culturais e sociais envolvem particularidades voltadas aos ciclos de produção, à sazonalidade de plantio e de colheita, de estiagem das águas, das épocas de reprodução dos peixes, das aves e de outros animais, de idas e vindas de aves e de outros bichos (SILVA; PASUCH, 2010).

Outro aspecto importante a considerar na Educação Infantil é o desenvolvimento de uma educação que promova a igualdade racial, no sentido de apresentar às crianças a realidade existente e provocar reflexões sobre a diversidade humana e o respeito a essa diversidade, isso em relação a todas as raças e etnias que constituem a humanidade.

Se uma criança negra se sente bem com o seu corpo, seu rosto e seus cabelos, e uma criança branca também se sente bem consigo mesma, pode haver respeito e aceitação entre elas. Essa é a importância do trabalho com a promoção da igualdade racial nesta etapa. Se houver uma intervenção qualificada e que não ignore a “raça” como um componente importante no processo de construção da identidade da criança, teremos outra história sendo construída (BRASIL, 2012, p. 9).

Como referendado acima, o respeito é essencial no processo educativo e, nesse sentido, destaca-se as crianças indígenas, estrangeiras e/ou refugiadas que precisam de atenção em relação à sua inserção em uma nova cultura que possui muitas diferenças, dentre elas, a língua. Em muitas etnias indígenas, as crianças dialogam usando apenas sua língua materna, situação que também ocorre com as crianças de outros países. As instituições que atendem à Educação Infantil precisam se organizar para acolher essas crianças, de forma que tenham um olhar e uma escuta sensível às suas necessidades, buscando estratégias de comunicação e de inserção no coletivo das próprias crianças, por meio de inúmeras formas de expressão que podem ser vivenciadas pelos humanos. Cabe ainda destacar o esforço no sentido de estabelecer comunicação entre a instituição educativa, a criança e sua família e/ou responsáveis, focando nos aspectos afetivos e cognitivos, bem como motores, sensoriais e sociais, imbricados nas relações educativas.

Portanto, faz-se necessário desenvolver um olhar e uma escuta atenta à cultura, respeitando histórias e modos de vida e de estar no mundo da criança, bem como sua formação identitária nas relações que estabelece com sua cultura. Dessa maneira, a instituição que oferta Educação Infantil deve proporcionar ocasiões de trocas de vivências e experiências entre as diversas infâncias existentes em seus espaços educativos, ampliando as possibilidades de desenvolvimento de cada criança como sujeito que se constitui também nesse espaço social.





Alteração da imagem em respeito à Lei 13.709/2018 - LGPD

4. EDUCAÇÃO INFANTIL PARA QUÊ?

A Educação Infantil é duplamente protegida pela Constituição Federal – CF (BRASIL, 1988): tanto é direito das crianças com idade entre zero e cinco anos (Art. 208, IV), como é direito das trabalhadoras e dos trabalhadores das cidades e do campo em relação às suas filhas, filhos e dependentes (Art. 7, XXV). Ou seja, a Educação Infantil ilustra a relação recíproca que caracteriza os direitos humanos ao unir o direito à educação e ao trabalho. Nesse sentido, a Educação Infantil volta-se como expressão dos direitos humanos, com foco na dignidade e no direito de aprendizagem das crianças. Além disso, representa possibilidades de emancipação, uma vez que a garantia de oferta da Educação Infantil viabiliza o ingresso ou permanência de trabalhadoras e trabalhadores, com destaque às mulheres, no mercado de trabalho.

É importante mencionar que nem sempre o atendimento educativo foi assegurado às crianças dessa faixa etária. Voltando um pouco na história, até o século XVIII, não existia nem mesmo um olhar às singularidades das crianças. Entre os séculos XIX e XX, começam a emergir, de modo ainda incipiente, uma inflexão na

direção dos direitos das crianças, prerrogativas de cidadania, teorias do desenvolvimento e conhecimento da periodicidade da vida infantil. Iniciativas da Medicina, da Psicologia e da Pedagogia formulam discursos e sustentam práticas, divulgando normas de higiene e cuidados para as crianças. Investem-se em campanhas de amamentação, criam-se instituições de atendimento, como as creches (ainda com um viés assistencial) e jardins de infância.

Com o tempo, começa a ganhar corpo um ideário sobre a infância que atribui à criança o status de sujeito de direitos, estendendo-se na elaboração de documentos celebrados internacionalmente, entre os quais, a Declaração de Genebra (1924), a Declaração Universal dos Direitos da Criança (1959) e a Convenção dos Direitos da Criança (1989).

No Brasil, a década de 1980 marca a virada do processo de reconhecimento e valorização da infância, porque o enfoque sai da tutela da família e recai sobre o direito assegurado pelo Estado. A criança passa a ser considerada sujeito de direitos, fruto da mobilização da sociedade civil organizada, do movimento de mulheres e de pesquisadoras e pesquisadores da educação, em especial da Educação Infantil, que, por meio de intensas lutas e discussões sobre a necessidade da educação formal, culminou com os avanços registrados na CF de 1988, que passa a considerar a criança como sujeito de direitos: direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à dignidade, ao respeito, à liberdade, às convivências familiar e comunitária.

Uma das consequências desse movimento é o reconhecimento da Educação Infantil como dever do Estado e direito da criança. Se a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA em 1990 foi um dos primeiros marcos nessa direção, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, promulgada em dezembro de 1996, é a consolidação que firma o elo entre a primeira infância e o atendimento educativo em instituições de educação coletiva.

A Educação Infantil, segundo os artigos 29 e 30 da LDB é a “primeira etapa da Educação Básica”. Essa lei consagra definitivamente o atendimento às crianças de até cinco anos de idade, como parte da estrutura e do funcionamento dos sistemas educacionais. Seguindo a mesma direção, a BNCC define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais para a Educação Infantil e demais etapas da Educação Básica, afirmando a necessidade e importância de atendimento educativo às crianças da primeira infância.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (BRASIL, 2017, p. 05).

A Educação Infantil organiza-se em dois momentos, denominados Creche e Pré-escola. Tais denominações são controversas. A história da Educação Infantil no Brasil tem se pautado numa luta entre superar o assistencialismo, por muito tempo associado à creche, e a preparação para o Ensino Fundamental, também, por algum tempo, ligada à pré-escola. Dessa forma, quando se fala em Creche e Pré-escola,

não se vincula a nenhuma dessas concepções; trata-se, na verdade, da organização da primeira etapa da Educação Básica.

Uma nova organização dentro dessa já estabelecida na legislação brasileira foi apresentada pela BNCC: bebês (de 0 a 1 ano e 6 meses), crianças bem pequenas (de 1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses) e crianças pequenas (de 4 anos a 5 anos e 11 meses), compreendendo esses três períodos singulares da infância em suas especificidades e necessidades para cada momento do desenvolvimento, sem a pretensão de enturmação seriada, que tem como critério as idades estanques. Entende-se essa forma de organização como constituinte da unidade da Educação Infantil – Primeiro Ciclo, segundo a organização da Educação Básica da SEEDF.

A Educação Infantil não é assistencial, tampouco preparatória, pois trata-se de uma etapa da Educação Básica que abarca os direitos de aprendizagem voltados às reais e atuais necessidades e interesses das crianças, no sentido de proporcionar seu desenvolvimento integral.

Segundo o artigo 29 da LDB, a Educação Infantil tem como finalidade “o desenvolvimento integral da criança até cinco anos em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e comunidade”. E, conforme o artigo 5º das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil – DCNEI de 2010, a Educação Infantil é oferecida em estabelecimentos de educação, que se caracterizam como espaços institucionais não domésticos. Esses estabelecimentos são públicos ou privados e precisam *educar cuidando* e *cuidar educando*, compreendendo a unidade indissociável desses Eixos Integradores, entre crianças de zero a cinco anos e onze meses de idade no período diurno, em jornada integral ou parcial.

Em seu artigo 8º, as DCNEI ressaltam que o objetivo principal da primeira etapa da Educação Básica é colaborar para o desenvolvimento integral das crianças ao garantir aprendizagens, bem como o direito à proteção, à saúde, à liberdade, ao respeito, à dignidade, à brincadeira, à convivência e à interação com crianças de diferentes faixas etárias e com adultos.

As perspectivas crítica e pós-crítica compreendidas nos pressupostos teóricos do Currículo em Movimento, como também a Psicologia Histórico-Cultural e Pedagogia Histórico-Crítica, apresentam o ato educativo como profundamente revolucionário, no sentido de provocar nas pessoas mudança de vida a partir da apropriação do patrimônio cultural da humanidade. Nas interações, por meio do uso de instrumentos e signos, as pessoas se humanizam, são modificadas pela cultura e a modificam, numa relação dialética. Tais perspectivas enfatizam também a constituição da individualidade a partir da coletividade. Dessa forma, por meio das interações e brincadeiras, ocorre a vivência das práticas sociais, contempladas pelos campos de experiência e a apropriação dos saberes necessários, o que provocará uma nova formação. É importante lembrar que Vigotski (2012a) apresenta uma periodização das idades que não é estanque, pois depende das experiências culturais estabelecidas. A cada nova idade (ou período), a criança vivencia experiências que contribuem para novas formações. Estas inauguram e apontam transformações psicológicas, bem como geram uma nova situação social do desenvolvimento.

Essencialmente, essas teorias entendem que cada ser humano é diferente, portanto, segue caminhos diversos para aprender e desenvolver-se. Assim, estruturar

um currículo sobre essas bases implica lançar mão de práticas pedagógicas inovadoras e abertas, que proporcionem as descobertas, o respeito ao momento do desenvolvimento e às necessidades de cada ser humano e, no que diz respeito à primeira infância, que proponham ações educativas com intencionalidade a fim de fomentar o desenvolvimento da criatividade, da colaboração intra e intergeracional, da imaginação e da participação, enfatizando os princípios éticos, estéticos e políticos sobre os quais se fundamentam a Educação Infantil (BRASIL, 2010a).

A constituição da sociedade deve ser permeada pelo pleno respeito às crianças, em constante processo de valorização do protagonismo infantil, com a garantia de diferentes formas de sua participação, tanto no planejamento como na realização e avaliação das atividades que elas participam no contexto da instituição que oferta Educação Infantil.

No ano de 2013, foi instituída a Lei Federal nº 12.796/2013 que altera a LDB 9.394/1996 e determina que a educação obrigatória e gratuita atenda às crianças e adolescentes de quatro a 17 anos de idade, resultando na obrigatoriedade de as famílias e/ou responsáveis matriculem suas crianças na Educação Infantil a partir da idade estabelecida.

Na SEEDF, o atendimento educativo às crianças entre zero e cinco anos e onze meses de idade encontra-se distribuído em unidades públicas diversas: Jardim de Infância – JI e Centro de Educação Infantil – CEI. Também, por questões estruturais, tem-se ainda turmas de Educação Infantil em espaços que não atendem às especificidades das crianças, como Escola Classe – EC, Centro de Atendimento Integral à Criança – CAIC, Centro de Ensino Fundamental – CEF, Centro Educacional – CED. Além disso, a SEEDF estabelece parcerias com Organizações da Sociedade Civil – OSC, que são as Instituições Educacionais Parceiras. Essas instituições atendem em prédios próprios ou públicos construídos pela SEEDF em parceria com o Ministério da Educação – MEC, que são as unidades do Pro-Infância, denominadas no Distrito Federal de Centros de Educação da Primeira Infância – CEPI. Outro grupo a ser considerado é o das instituições privadas, confessionais ou não, que apresentam organizações diversas.

A maior oferta desta Secretaria concentra-se no atendimento educativo às crianças pequenas (de 4 anos a 5 anos e 11 meses). Já em relação aos bebês (de 0 a 1 ano e 6 meses) e às crianças bem pequenas (de 1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses), ainda há a necessidade de estender o atendimento educativo visando oportunizar a Educação Infantil para todas as faixas etárias, como prevê tanto a Meta 1 do Plano Nacional de Educação – PNE (2014-2024), como a Meta 1 do Plano Distrital de Educação – PDE (2015-2024). Essa política de expansão deve vincular a garantia de qualidade na infraestrutura e equipamentos, na gestão, na formação dos profissionais da educação e nas práticas pedagógicas e avaliativas.

Em relação ao tempo de permanência das crianças nas instituições de educação coletiva, oferta-se tanto jornada de tempo parcial (cinco horas), quanto de tempo integral (dez horas). Em todos os casos, ressalta-se que os profissionais devem trabalhar pela promoção das aprendizagens e do desenvolvimento integral das crianças.



Alteração da imagem em respeito à Lei 13.709/2018 - LGPD

5. CRIANÇAS E INFÂNCIAS (COM)VIVENDO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Muitas concepções sobre criança e infância coexistem no imaginário social. As bases teóricas deste Currículo – Psicologia Histórico-Cultural e Pedagogia Histórico-Crítica – compreendem que as concepções de crianças e infâncias decorrem de determinações sociais de âmbito político, econômico, social, histórico e cultural, ou seja, consideram as crianças, no contexto das práticas educativas, como sujeitos de direito, que têm necessidades próprias, que manifestam opiniões e desejos de acordo com seu contexto social e sua história de vida.

Essas distintas concepções permeiam o campo da educação quando se identificam práticas pedagógicas, orientadas às crianças, ora baseadas em um pensamento espontaneísta, desprovido de intencionalidade educativa, ora apoiadas em uma concepção naturalista, a qual se vale de métodos coercitivos e de avaliações comportamentais cujos prêmios e castigos ocupam lugar de destaque para a obtenção do comportamento desejado. Isso ocorre, portanto, quando o professor não

acredita nas possibilidades de desenvolvimento da criança, desconsiderando-a como sujeito ativo e participativo.

A Educação Infantil precisa oferecer as melhores condições e recursos constituídos historicamente para as crianças, porque elas são seres que se humanizam por estarem vivenciando as experiências existentes no mundo, desejando e interagindo com outras pessoas. Tal como destaca Saviani (1991), “de acordo com a pedagogia histórico-crítica, a educação é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens” (SAVIANI, 1991, p. 247).

Portanto, as crianças atribuem sentido e atuam sobre o mundo, fazem história e cultura, em meio às relações humanas. Elas são seres de memória, que vivenciam seu presente e projetam seu futuro. São seres que possuem um corpo que expressa múltiplas linguagens. São seres que se constituem nas e pelas relações sociais e culturais existentes no mundo. Desse modo, as crianças, para além da filiação a um grupo etário próprio, são sujeitos ativos que pertencem a uma classe social, a um gênero, a uma etnia, a uma origem geográfica. São sujeitos sociais e históricos, marcados pelas condições das sociedades em que estão inseridos. Significa dizer que são cidadãs, pessoas detentoras de direitos, produtoras de cultura e que, também, são influenciadas pela cultura (PRESTES, 2013). A infância não se resume a um determinado estágio de desenvolvimento, mas é um fenômeno social que não comporta olhares uniformes e homogêneos, pois é preciso considerar e respeitar as mais diversas infâncias.

Entre as várias concepções, o currículo requer um posicionamento sobre qual é a visão assumida sobre Educação Infantil, crianças e infâncias. Portanto, este currículo ressalta que a criança é um ser em constituição e em processo de humanização, como esclarece Vigotski (2012a), pois, ao apropriar-se da cultura acumulada ao longo da história, a criança (re)nasce como ser social.

As crianças, por serem capazes, aprendem e desenvolvem-se nas relações com seus pares e com adultos, enquanto exploram os materiais e os ambientes, participam de situações de aprendizagem, envolvem-se em atividades desafiadoras, vivenciando assim suas infâncias. Fazendo uso de suas capacidades, aprendem e se desenvolvem ao cantar, correr, brincar, ouvir histórias, observar objetos, manipular massinha e outros materiais, desenhar, pintar, dramatizar, imitar, jogar, mexer com água, empilhar blocos, passear, recortar, saltar, bater palmas, movimentar-se de lá para cá, ao conhecer o ambiente à sua volta, ao interagir amplamente com seus pares, ao memorizar cantigas, ao dividir o lanche, escrever seu nome, ouvir músicas, dançar, contar, entre outras ações.

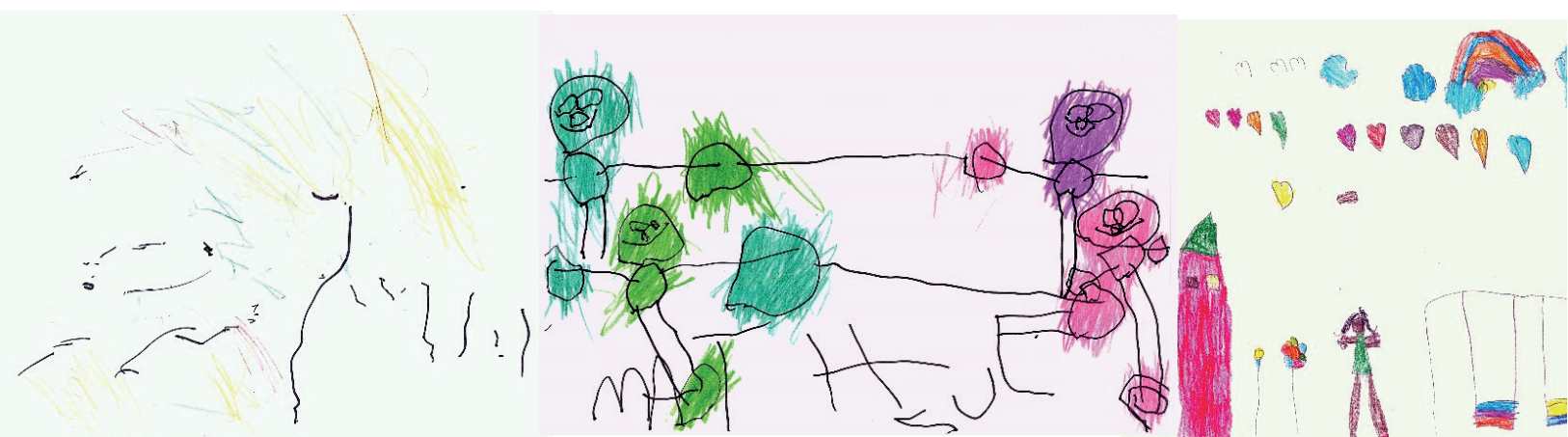
A instituição que oferta Educação Infantil é um lugar privilegiado para que as crianças tenham acesso a oportunidades de compartilhar saberes, de reorganizar e recriar suas experiências, de favorecer vivências provocativas, inovar e criar cultura, de ter contato e incorporar os bens culturais produzidos pela humanidade.

Todavia, crianças de mesma idade são singulares e seu desenvolvimento também pode apresentar desenvolvimento distinto. Cresce, em importância, o papel da instituição de educação para a primeira infância como locus onde deve ocorrer uma diversidade de experiências, que, por sua vez, precisam ser internalizadas pelas

crianças para a concretização da “emergência do novo”, das aprendizagens e, portanto, do desenvolvimento desenvolvimento (VIGOTSKI, 2012a).

O ponto de vista que norteia este Currículo aposta justamente nas imensas possibilidades e potencialidades das crianças e de suas infâncias. É necessário conhecê-las em seus fazeres, linguagens, invenções, imaginações, brincadeiras e cuidados.

5.1. Periodização do desenvolvimento infantil: o que precisa ser considerado?



Alteração da imagem em respeito à Lei 13.709/2018 - LGPD

Os bebês, as crianças bem pequenas e as crianças pequenas possuem semelhanças e diferenças. Muitas características estão presentes de maneira comum, outras são específicas de cada período ou faixa etária. De qualquer maneira, é essencial ter em conta:

- as diferentes infâncias, a história da infância e da Educação Infantil – no mundo, no país, no Distrito Federal e em cada instituição educativa;
- a diferença entre o atendimento em instituições de Educação Infantil e o atendimento em outros espaços coletivos como família, igrejas etc.;
- a influência da instituição de educação para a primeira infância na vida dos pequenos cidadãos e a necessidade de imprimir intencionalidade educativa em suas práticas;
- as peculiaridades e os perfis sociopolítico e econômico distintos das crianças;
- a faixa etária e sua dependência em relação às famílias e/ou responsáveis e suas características;
- o desenvolvimento físico, social, cognitivo, motor e emocional de cada criança;
- a maneira como a criança aprende e apreende o mundo;
- a importância de uma relação cotidiana com as famílias e/ou responsáveis, suas vivências e seu acervo cultural.

Quando se elegem três períodos (bebês, crianças bem pequenas e crianças pequenas), há efetivamente um alerta para o fato de que esses marcos cronológicos

são referências gerais, pois nenhuma criança é idêntica à outra (ARCE; MARTINS, 2007). Nesse sentido, a BNCC acrescenta: “esses grupos etários não podem ser considerados de forma rígida, já que há diferenças de ritmo na aprendizagem e no desenvolvimento das crianças que precisam ser considerados na prática pedagógica” (BRASIL, 2017, p. 40).

Reitera-se que o desenvolvimento não é “um somatório de experiências que se sucedem de modo linear e mecânico com o passar dos anos” (ARCE; MARTINS, 2007, p. 9), mas requer um entendimento da dinâmica das atividades vivenciadas socialmente e situadas historicamente. As aprendizagens sistematizadas orientam e intervêm diretamente no processo de desenvolvimento infantil.

A periodização do desenvolvimento infantil foi e é objeto de estudo de várias correntes teóricas. Apresenta-se, de forma bastante sumária, o que propõe Elkonin (2012), a partir da teoria da atividade proposta por Leontiev (2014), tendo por base a Psicologia Histórico-Cultural. A atividade-guia é aquela que dirige e orienta o desenvolvimento psíquico da criança. Também chamada de principal, orientadora ou dominante, é aquela “cujo desenvolvimento governa as mudanças mais importantes nos processos psíquicos e nos traços psicológicos da personalidade da criança” (LEONTIEV, 2014, p. 65).

Assim, cada período tem uma atividade dominante com uma função central na relação do sujeito com o mundo. No primeiro ano de vida, a atividade-guia é a relação social, em que ocorre a comunicação emocional direta do bebê com as demais pessoas, que podem ser crianças ou adultos; no segundo ano, a atividade-guia do desenvolvimento é a atividade objetual manipulatória e, entre o período de três anos a seis anos, a atividade que orienta o desenvolvimento passa a ser as brincadeiras de papéis sociais.

Convém fazer duas ressalvas: a primeira, que a Psicologia Histórico-Cultural apresenta as idades não de forma fixa, mas aproximada, pois compreende o desenvolvimento em seu aspecto não linear, para o qual é mais importante a experiência do que a cronologia. A segunda ressalva é que a atividade anterior não deixa de existir, apenas surge uma nova atividade que se torna protagonista.

A fase que compreende a Educação Infantil é um tempo de descobrimento de si mesmo e do mundo físico, social e cultural. Os bebês vão, aos poucos, desenvolvendo o controle da marcha e dos esfínteres e o gradual autocontrole corporal. Utilizam o corpo para a comunicação e a expressão. O olhar e o choro tornam-se uma linguagem muito presentes. Já as crianças bem pequenas avançam na constituição da identidade e da autonomia, diferenciam a si e ao outro que já é considerado nas relações sociais. Enquanto as crianças pequenas consolidam as finalidades (para quê) e os motivos (por quê), o que as leva a refletir sobre suas ações.

Na primeira infância, a criança se utiliza da manipulação de objetos e da realização de atividades manuais, como modelagem, pinturas, desenhos, esculturas etc., participa de jogos, da representação simbólica e da brincadeira de papéis sociais. Nessa fase, a criança desenvolve-se consideravelmente, de modo a ampliar sua percepção do próprio corpo, suas possibilidades motoras, seu conhecimento de mundo, apresenta possibilidades de constituir a noção de espaço e de tempo. Verifica-se, também, a ampliação da linguagem oral e diferentes formas de

expressão, entre elas, o desenho e a elaboração de hipóteses sobre a leitura e a escrita.

Considerando o exposto, o papel da Educação Infantil é de constituir-se como uma etapa da Educação Básica que percebe as possibilidades de desenvolvimento da criança e que propicia meios para contribuir nesse processo.



Alteração da imagem em respeito à Lei 13.709/2018 - LGPD

6. QUAIS SÃO OS EIXOS INTEGRADORES DO CURRÍCULO DA EDUCAÇÃO INFANTIL?

A Resolução do Conselho Nacional de Educação nº 5, de 17 de dezembro de 2009, fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Esse documento delibera, em seu artigo 9º, que as práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores a brincadeira e as interações.

Assim, a SEEDF adota como Eixos Integradores do Currículo estes elementos basilares do trabalho educativo com as crianças: Educar e Cuidar, Brincar e Interagir. Tais eixos precisam ser considerados juntamente com os Eixos Transversais do Currículo em Movimento: Educação para a Diversidade; Cidadania e Educação em e para os Direitos Humanos e Educação para a Sustentabilidade.

O cotidiano de educação coletiva é permeado por essa transversalidade, que reclama ações acerca da biodiversidade e diversidade cultural, étnico-racial, de crença, de gênero e configurações familiares, inclusão das crianças com deficiência, atendimento à heterogeneidade e à singularidade, direito às aprendizagens e diversas formas de viver a infância e convivências entre as gerações.

Portanto, a elaboração da Proposta Pedagógica – PP, que é construída à luz deste currículo, precisa ser pensada de acordo com a realidade da instituição que oferta Educação Infantil, observando características, identidade institucional, escolhas coletivas e particularidades pedagógicas, de modo a estabelecer a integração dessas experiências, bem como conhecer a realidade social que permeia tais instituições e a realidade das crianças com as quais atua pedagogicamente. Todos esses elementos precisam dialogar com os Eixos Transversais e Integradores, que se aplicam à realidade da Educação Infantil do Distrito Federal por inteiro.

6.1. Educar e Cuidar



Alteração da imagem em respeito à Lei 13.709/2018 - LGPD

Os profissionais que atuam na Educação Infantil precisam compreender as especificidades dessa etapa da educação e a concepção da criança como sujeito de direitos, de modo a pautar sua ação em atividades que contemplem o cuidar e educar, compreendendo a unidade que implica tais ações.

É por meio das relações sociais que as crianças se apropriam, reproduzem e produzem atividades vivenciadas em sua sociedade. No contexto da Educação Infantil, “(...) essa experiência estará vinculada aos desafios da vida coletiva numa cultura diversificada e às exigências de um projeto político-pedagógico sistematizado” (BARBOSA, 2009, p. 82). Dessa forma, o cuidado com o corpo é aprendido, associado à cultura e às relações sociais. Conhecimentos como alimentação, brincadeiras, higiene, controle corporal, movimento, repouso e descanso e recepção e despedida das crianças são práticas sociais que devem ser problematizadas e

orientadas no espaço da Educação Infantil a fim de garantir o desenvolvimento integral das crianças (BARBOSA, 2009).

O ato educativo diz respeito não apenas à apropriação do patrimônio cultural da humanidade, expresso nas artes, ciências, tecnologias, tradições, acesso ao qual as crianças efetivamente têm direito, mas, na Educação Infantil, todas as ações se prestam a educar, a apresentar suas tradições culturais às novas gerações e inseri-las na sua sociedade. As crianças aprendem como se alimentar, repousar, higienizar-se, vestir-se, interagir no seu meio social. Daí a necessidade de que as ações pedagógicas, na instituição que atende à Educação Infantil, sejam planejadas, tenham intencionalidade e partam de situações reais do cotidiano. Quando as crianças são cuidadas, aprendem também a cuidar de si, dos outros, dos ambientes, dos animais, da natureza.

Portanto, educar e cuidar são ações indissociáveis. O ato de cuidar vai além da atenção aos aspectos físicos, e educar é muito mais do que garantir à criança acesso a conhecimentos, experiências e práticas sociais: “ações como banhar, alimentar, trocar, ler histórias, propor jogos e brincadeiras e projetos temáticos para se conhecer o mundo são proposições de cuidados educacionais, ou ainda, significam uma educação cuidadosa” (BARBOSA, 2009, p. 70). O cuidado é, portanto, uma postura ética de quem educa.

6.2. Brincar e Interagir



Alteração da imagem em respeito à Lei 13.709/2018 - LGPD

Na Educação Infantil, as aprendizagens ocorrem em meio às relações sociais, tendo em vista que, a partir delas, a criança interage tanto com crianças da mesma faixa etária e de outras idades quanto com os adultos, o que contribuirá efetivamente

para seu desenvolvimento. Ressalta-se que as interações se estabelecem nas relações sociais, desde o nascimento, por meio de comunicação gestual, corporal e verbal. Constituem-se como possibilidades de ouvir o outro, de conversar e trocar experiências e de aprender coletiva e colaborativamente.

A maneira como as relações sociais acontecem, no âmbito da instituição de educação para a primeira infância, influencia na qualidade do processo de aprendizagem e desenvolvimento. Em vista disso, o coletivo, a troca de experiência, a relação com os objetos, pessoas e os elementos sociais e culturais contribuem para a constituição de vínculos com o outro e com o conhecimento, a curiosidade, o espírito investigativo, criativo e imaginativo.

Nas interações que se estabelecem em uma educação cuidadosa, a unidade afeto-intelecto precisa se consolidar, pois a atividade intelectual envolve a afetividade intrinsecamente como ações indissociáveis presentes nos relacionamentos humanos. Portanto, em meio às práticas educativas, é essencial a possibilidade de expressão das emoções e dos sentimentos, pois as pessoas envolvidas nessa prática educativa afetam e são afetadas (VIGOTSKI, 2009).

A compreensão da criança como ser que pensa e sente simultaneamente pode mensurar a relevância da afetividade como parte integrante do processo de aprendizagem e desenvolvimento, o que deve pautar a reflexão sobre as interações estabelecidas na instituição de educação para a primeira infância. Assim, é importante conhecer as preferências das crianças, a forma delas participarem nas atividades, seus parceiros eleitos para os diferentes tipos de tarefas e suas narrativas. Essas observações e percepções podem ajudar o profissional da educação a reorganizar as atividades de modo mais adequado à realização dos propósitos infantis e das aprendizagens coletivamente trabalhadas. As interações criança/criança são essenciais e merecem conquistar tempos e espaços no planejamento e nas atividades.

Os pressupostos teóricos do Currículo em Movimento do Distrito Federal não entendem o desenvolvimento como uma conquista individual, mas coletiva e que ocorre a partir do caminho de desenvolvimento de cada criança, em meio às relações sociais e culturais. Nas relações interpessoais, intra e intergeracionais, com os objetos da cultura e com os saberes, a criança aprende, desenvolve-se e humaniza-se. Outro aspecto importante, traz-nos Kishimoto (2010) ao afirmar a necessidade de integrar a educação ao cuidado e à brincadeira, apresentando como elementos exigidos a(s):

- Interação com o docente;
- Interação com os pares;
- Interação com os brinquedos e materiais;
- Interação entre criança e ambiente;
- Interações (relações) entre a instituição que oferta Educação Infantil, a família e/ou responsáveis e a criança.

Segundo Kishimoto (2010, p. 01), “a opção pelo brincar desde o início da educação infantil é o que garante a cidadania da criança e ações pedagógicas de

maior qualidade”. Brincando, a criança lança mão de variadas formas de expressão: gesticula, fala, desenha, imita, brinca com sons, canta, entre outras possibilidades.

Brincar é condição de aprendizagem, desenvolvimento e, por desdobramento, de internalização das práticas sociais e culturais. Para as crianças, brincar é algo muito sério, sendo uma de suas atividades principais. Enfatiza-se que essa atividade não é a que ocupa mais tempo da criança, mas aquela que contribui de modo mais decisivo no processo de desenvolvimento infantil (ELKONIN, 2012).

Segundo Vigotski (2008), a brincadeira cria a chamada zona de desenvolvimento iminente³, impulsionando a criança para além do estágio de desenvolvimento que ela já atingiu. Para o autor, o brincar libera a criança das limitações do mundo real, permitindo que ela crie situações imaginárias.

Brincar é uma ação simbólica essencialmente social, que depende das expectativas e convenções presentes na cultura. Quando duas crianças brincam de ser um bebê e uma mãe, por exemplo, fazem uso da imaginação, mas, ao mesmo tempo, não podem se comportar de qualquer forma; devem obedecer às regras do comportamento esperado para um bebê e uma mãe, dentro de sua cultura. Caso não o façam, correm o risco de não serem compreendidas pelos companheiros de brincadeira.

Contudo, de acordo com a Psicologia Histórico-Cultural, ninguém nasce sabendo brincar. A brincadeira emerge da vida em sociedade entre os seres humanos. Aprende-se pelas interações com outras crianças e com adultos, pelo contato com objetos e materiais, pela observação de outrem, pela reprodução e recriação de brincadeiras, pelas oportunidades ofertadas para isso. Aprende-se nas instituições de Educação Infantil, em casa e na sociedade, nas interações que se estabelecem entre os familiares e amigos. As possibilidades de exploração do brinquedo, por exemplo, dependem da ação dos adultos e do que a criança incorpora dessa relação.

Diante de tudo isso, sugerem-se algumas perguntas que podem orientar a vivência da brincadeira no cotidiano da instituição de Educação Infantil:

- Por que as crianças brincam?
- Brincar é realmente importante na instituição de Educação Infantil?
- Qual a relação entre brincadeira, aprendizagens e desenvolvimento?
- De que maneira organizar e incentivar brincadeiras que quebrem os estereótipos de gênero e etnia?
- Como articular as brincadeiras e interações com as experiências da comunidade?
- Como preservar a memória cultural popular e vinculá-la às novas tecnologias?
- Como observar, acompanhar e participar das brincadeiras para estabelecer vínculos e contribuir para o desenvolvimento da criança?
- Como contribuir com a imaginação infantil instigando a criatividade, investigação, curiosidade?
- É possível e desejável inserir atividades lúdicas, jogos e cantigas tradicionais no repertório contemporâneo da brincadeira infantil?

³ Segundo Zoia Prestes (2012), a tradução correta para o termo utilizado por Vigotski é “zona de desenvolvimento iminente”, pois o desenvolvimento está na iminência de acontecer. Vigotski estabeleceu um pensamento dialético, e, nesse sentido, não tratava de etapas que se sucedem de forma linear.

Permitir que as crianças sejam protagonistas nas ações de brincar não significa deixá-las sem a supervisão e orientação de adultos. A criança, em todos os espaços e tempos da instituição de Educação Infantil, é o centro do planejamento curricular: mesmo quando brinca sozinha, o professor precisa ter um olhar atento ao que está acontecendo, observando as ações, indagações e conquistas que as crianças estabelecem por meio das brincadeiras. Tal como ressalta Kishimoto (2010),

São inúmeras as experiências expressivas, corporais e sensoriais das crianças pelo brincar. Não se podem planejar práticas pedagógicas sem conhecer a criança. Cada uma é diferente de outra e tem preferências conforme sua singularidade. Em qualquer agrupamento infantil, há crianças que estão mais avançadas, outras, em ritmos diferentes. Dispor de um tempo mais longo, em ambientes com variedade de brinquedos, atende os diferentes ritmos das crianças e respeita a diversidade de seus interesses (KISHIMOTO, 2010, p. 4).

A brincadeira deve se fazer presente nos gestos e nas diferentes formas de apresentação oral, nos brinquedos e jogos e nos exemplos habituais dados pelos profissionais da educação. Ela também precisa guiar outras atividades, como troca de fraldas, banho, alimentação e escovação dos dentes, independentemente da faixa etária.

A brincadeira, como prática educativa, possibilita que as interações entre as crianças e seus pares e entre elas e os adultos se constituam como um instrumento de promoção da imaginação, da experimentação e da descoberta.



Alteração da imagem em respeito à Lei 13.709/2018 - LGPD

7. ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO

A organização do trabalho pedagógico é de suma importância na condução e consolidação do processo educativo, sobretudo na Educação Infantil. Para orientar o trabalho pedagógico do desenvolvimento infantil, é preciso promover uma ação educativa devidamente planejada, efetiva e aberta ao processo avaliativo. Por isso, é imprescindível pensar os tempos, os ambientes, os materiais, bem como as rotinas que são organizadas nesse contexto educativo.

7.1. Materiais

Os materiais compreendem objetos, livros e impressos de modo geral, brinquedos, jogos, papéis, tecidos, fantasias, tapetes, almofadas, massas de modelar, tintas, madeiras, gravetos, figuras, ferramentas, dentre outros. Esses podem ser recicláveis ou reutilizáveis, industrializados, artesanais, de uso individual e/ou coletivo, sonoros, visuais, riscantes e/ou manipuláveis, de diversos tamanhos, cores, pesos e texturas, com diferentes propriedades. Entretanto, a intencionalidade

pedagógica não pode ignorar e sobrepujar a capacidade da criança de transformar e criar por meio desses materiais no contexto educativo.

Vale destacar que as crianças produzem cultura e são produto dela, de modo que a interpretação e releitura que fazem do mundo e das coisas que estão à sua volta revertem-se em possibilidades de novos conhecimentos e aprendizagens.

7.2. Ambientes

Os ambientes da Educação Infantil têm como centro a criança e precisam ser organizados em função de suas necessidades e interesses, inclusive com mobiliário adequado. É interessante que os ambientes, seja dentro dos espaços da instituição de Educação Infantil ou fora de seus muros, permitam explorações individuais, grupais, simultâneas, livres e/ou dirigidas pelos profissionais da educação, não limitando a intencionalidade das atividades propostas.

É importante que as crianças vivenciem experiências diversificadas em espaços que disponibilizem uma variedade de atividades, percebendo os formatos, cores, texturas, odores, dentre outros aspectos que podem ser sentidos e compartilhados entre as crianças.

7.3. Tempos

Quando a criança tem a oportunidade de participar de situações cotidianas que lidam com duração, periodicidade e sequência, ela consegue antecipar fatos, fazer planos e elaborar sua noção de tempo. Neste espaço, cabe uma breve consideração sobre as possíveis denominações que um currículo pode comportar em relação à organização do trabalho pedagógico: atividades, temas geradores, projetos, vivências, entre outras. O importante é que essas estratégias sejam passíveis de atribuição de sentido por parte das crianças, e não sirvam apenas para mantê-las ocupadas ou controladas, afastando-as das experiências de vivenciar seu protagonismo infantil no processo educativo.

Além disso, é importante considerar as necessidades e interesses das próprias crianças, ou seja, o tempo destinado às atividades precisa ser organizado a partir de suas manifestações, isso em relação às brincadeiras, de seus momentos de descanso e de outras questões que permeiam a organização do trabalho pedagógico no contexto da Educação Infantil.

7.4. Rotina

É importante enfatizar que a rotina é apenas um dos elementos que compõem o cotidiano. Geralmente, a rotina abrange recepção, roda de conversa, calendário, clima, alimentação, higiene, atividades de pintura e desenho, descanso, brincadeira livre ou dirigida, narração de histórias, entre outras ações. Ao planejar a rotina da turma, o professor deve considerar os elementos: materiais, espaços e tempos, bem

como os sujeitos que estarão envolvidos nas atividades, pois tudo deve adequar-se à realidade das crianças.

A rotina pode ser o caminho para evitar atividades esvaziadas de sentido, rituais repetitivos, reprodução de regras e fazeres automatizados. Para tanto, é fundamental que a rotina seja dinâmica e flexível. Barbosa (2006) aponta que a rotina inflexível e desinteressante pode vir a ser “uma tecnologia de alienação” se não forem levados em consideração o ritmo, a participação, a relação com o mundo, a realização, a fruição, a liberdade, a consciência, a imaginação e as diversas formas de sociabilidade dos sujeitos nela envolvidos. A rotina é uma forma de organizar o coletivo infantil diário e, concomitantemente, espelha a Proposta Pedagógica da instituição de Educação Infantil. Ela é capaz ainda de apresentar quais as concepções de educação, de criança e de infância que se materializam no cotidiano educativo.

Com o estabelecimento de objetivos claros e coerentes, a rotina promove aprendizagens, desenvolve a autonomia e a identidade, propicia o movimento corporal, a estimulação dos sentidos, a sensação de segurança e confiança, o suprimento das necessidades biológicas (alimentação, higiene e repouso), isso porque contém elementos que devem proporcionar o bem-estar e o desenvolvimento integral da criança.

No caso da jornada em tempo integral, sugere-se que, no período da manhã, sejam incluídas atividades físicas, observando o tempo e a intensidade de calor ou frio. Já no período da tarde, podem ocorrer atividades como sono ou repouso e banho, ou seja, práticas sociais que envolvem as necessidades vitais dos seres humanos. Nas jornadas de tempo parcial, por serem mais curtas, tais práticas sociais aparecem com menor frequência, ainda que também estejam presentes. É essencial abrir espaço e reservar tempo para as brincadeiras, sejam livres ou dirigidas, isso em contextos de Educação Infantil de tempo integral ou parcial.

Vale destacar que as ações da rotina devem se pautar nas necessidades das crianças, e não nas relações de trabalho dos adultos. Os horários de lanche, almoço, limpeza das salas, funcionamento da cozinha, ou seja, as atividades relacionadas às crianças precisam estar sintonizadas com suas próprias necessidades. Por vezes, as crianças querem ou propõem outros elementos que transgridam as formalidades da rotina, das jornadas integrais ou parciais, dos momentos instituídos pelos profissionais da educação, sejam no sono, na alimentação, na higiene, na “hora da atividade”, nas brincadeiras, entre outros.

A partir da observação, é possível detectar como as crianças vivem o cotidiano da instituição de Educação Infantil. Esses sinais das crianças ajudam a apontar possibilidades que não se limitam às rotinas formalizadas e ainda oferecem subsídios para trazer à tona a valorização da infância em suas relações e práticas. Cresce a relevância de um planejamento cuidadoso, flexível, reflexivo que minimize o perigo da rotina ser monótona, distante e vazia de sentido para as crianças e até para os profissionais da educação.

7.5. Datas comemorativas

A exploração das datas, festejos, eventos comemorativos no calendário da Educação Infantil está bastante naturalizada em suas instituições educativas. Entretanto, tal fato não pode obscurecer a necessidade de reflexão acerca dessa realidade. Nesse sentido, ao propor celebração de datas comemorativas no calendário letivo, é importante que, coletivamente, os profissionais da educação reflitam a respeito disso, respondendo questões como:

- Por que a instituição de Educação Infantil acredita ser válida a mobilização de equipes para celebrar esta ou aquela data específica?
- Por que é necessário realizar atividades acerca das datas comemorativas, todos os anos, com poucas variações em torno do mesmo tema?
- As atividades relacionadas à temática ampliam o campo de conhecimento das crianças? Em que sentido?
- As atividades foram escolhidas pelo coletivo da instituição educativa, pela família e/ou responsável ou pelas crianças?
- Os sentimentos e as aprendizagens infantis são levados em consideração?
- O trabalho desenvolvido em torno das datas está articulado com os objetivos relacionados às aprendizagens? Constam na Proposta Pedagógica da instituição educativa?
- As crianças são submetidas, ao longo dos anos, às mesmas atividades, ações e explicações?
- Considera-se as idades das crianças, seus interesses e capacidades ao se eleger as datas comemorativas?
- São feitas diferentes abordagens para diferentes faixas etárias?
- Interrompem-se trabalhos em andamento para incluir datas comemorativas?
- Quais são os critérios para a escolha das datas comemorativas? Algumas são mais enfatizadas que outras? Por quê?
- Os conteúdos e as atividades comemorativas são problematizados pelos adultos e pelas crianças?
- Como são tratados os aspectos culturais dessas datas comemorativas? Sob qual enfoque? Com qual aprofundamento?
- Quais valores, conceitos, ideologias atravessam essas celebrações?

Coletivamente, promover a crítica e a reflexão em torno das datas comemorativas auxilia na problematização de experiências curriculares. O que importa é tornar datas e festas carregadas de sentidos para as crianças, colocando, como centro do planejamento curricular, as aprendizagens dos estudantes, seu desenvolvimento e sua cidadania.





Alteração da imagem em respeito à Lei 13.709/2018 - LGPD

8. INSERÇÃO E ACOLHIMENTO

É comum tratar sobre a adaptação da criança na etapa Educação Infantil. Entretanto, não há unanimidade em relação ao termo utilizado para nomear o período de ingresso da criança na instituição de educação para a primeira infância. Podem ser usados os termos adaptação, acolhimento e inserção. Como se sabe, a escolha do termo revela concepções sobre as crianças e o modo de condução do trabalho dos profissionais da educação, bem como os pressupostos teóricos que fundamentam a prática educativa. Nesse sentido, ao tomar como referência os pressupostos teóricos que fundamentam este Currículo, opta-se por outra terminologia, que não adaptação, pois, para a Psicologia Histórico-Cultural, o processo de adaptação contribui para a ocorrência da acomodação, favorecendo a estagnação do desenvolvimento humano, o que não revela a intencionalidade educativa da SEEDF. Para tal perspectiva teórica, o que contribui para o desenvolvimento humano é o processo de inadaptação, pois esse provoca o ser humano a desenvolver-se.



Se o ambiente não oferecesse nenhum obstáculo a seu desenvolvimento natural, não haveria base alguma para o surgimento de uma ação criadora. Mas, ao contrário, a inadaptação é a condição principal para o desenvolvimento humano, pois faz emergir a necessidade de transformação do ambiente (SILVA, 2012, p. 21).

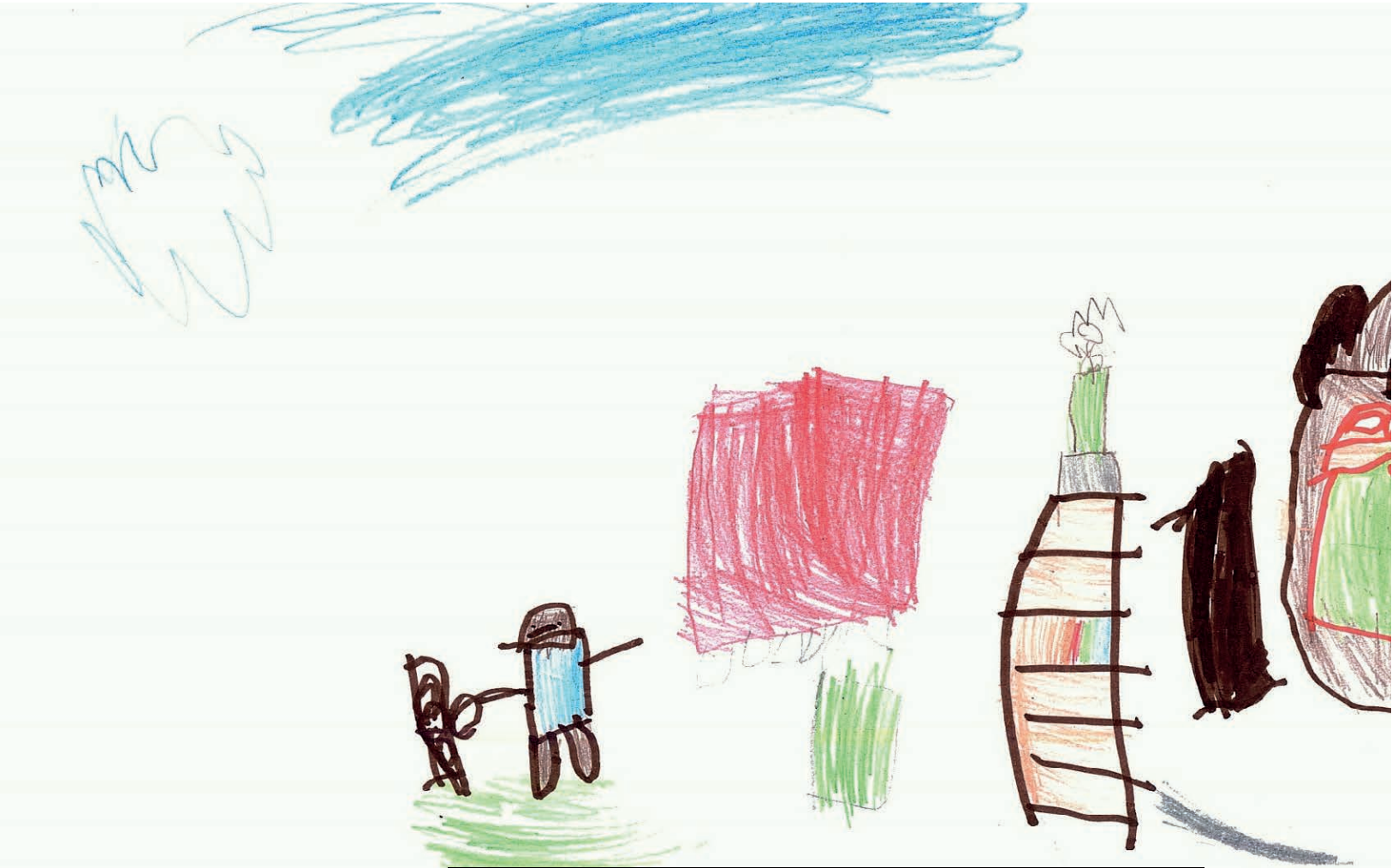
Portanto, este Currículo discorre sobre a inserção da criança na Educação Infantil e sobre como precisa ocorrer o seu acolhimento. Muitas vezes, a inserção da criança em um novo contexto vincula-se às experiências de separação de sua família por um determinado período do dia. Daí a importância de se debater sobre o acolhimento (e as formas de efetivá-lo) como ponto a ser contemplado no planejamento curricular. Mas por que discutir esse acolhimento na Educação Infantil? Na verdade, todos os seres humanos vivenciam novas experiências e novos contextos ao longo de sua existência, e, nesse caso, é preciso debater a necessidade de realizar um acolhimento que contribua para o processo de desenvolvimento da capacidade da criança de fazer parte de um novo contexto.

O processo de inserção em novas experiências inicia já com o nascimento da criança, acompanha-a no decorrer de toda sua vida e ressurgirá a cada nova situação que vivencia. Como na Educação Infantil se lida com bebês, crianças bem pequenas e crianças pequenas em processo de transição da casa para o mundo mais amplo, o acolhimento ganha ainda mais sentido.

Ressalta-se que esse período pode ser abordado de diferentes pontos de vista: o olhar da criança, das famílias e/ou responsáveis, e o da instituição de educação para a primeira infância. Ações de acolhimento precisam prever que linguagens, sentimentos, emoções, aprendizagens estejam oportunizando a consolidação da liberdade, da autonomia e do protagonismo infantil, e não apenas respondendo ao cumprimento de ordens com o objetivo de disciplinar os corpos infantis para o modelo escolar tradicional.

Todos, crianças e adultos, são sensíveis ao acolhimento. Afinal quem não gosta de ser bem recebido? A qualidade do acolhimento garante o êxito da inserção da criança no contexto da Educação Infantil. Para que isso ocorra, é fundamental que se faça compreender que o processo de acolhimento exigirá esforços tanto da criança e de seus pais, que buscam adequar-se a essa nova realidade social, como também do professor e instituição educativa, que precisam preparar-se para recebê-la. Em suma, o estabelecimento de vínculos positivos depende fundamentalmente da forma como a criança e sua família e/ou responsáveis são acolhidos na instituição que oferta Educação Infantil.

O acolhimento da criança envolve aconchego, bem-estar, amparo, cuidado físico e emocional. Sendo assim, o ato de educar não se separa do ato de cuidar, o que amplia o papel e a responsabilidade dessas instituições nesse momento. Por isso, a forma como cada uma efetiva o período de acolhida revela a concepção de educação e de criança que orienta suas práticas. Para tal, o planejamento das atividades é fundamental, para não reproduzir o espontaneísmo e a falta de reflexão. Pensar como se dará a chegada das crianças (novas ou não) nos primeiros dias do calendário e no decorrer do ano letivo, pensar nos tempos, materiais e ambientes, nos profissionais da educação e suas atribuições, nas famílias e/ou responsáveis e



Alteração da imagem em respeito à Lei 13.709/2018 - LGPD

9. RECOMENDAÇÕES SOBRE AS PRÁTICAS SOCIAIS

As práticas sociais, segundo Barbosa (2009), são, para muitas crianças, as primeiras experiências curriculares, constituindo-se como elementos essenciais para sua formação a partir dos muitos preconceitos, interpretações, compreensões e valorações que são estabelecidos nessa faixa etária, por meio dos encontros afetivos no convívio com pessoas. Para a autora, cabe-nos dar visibilidade e crédito a essas práticas e aos adultos que se responsabilizam por elas no dia a dia dentro da instituição que atende à Educação Infantil. As práticas sociais também são ações educativas que promovem aprendizagem e desenvolvimento, que se aprendem na cultura e constituem afetos, interações, conhecimentos e saberes.

Alimentação, brincadeiras, higiene, controle corporal, repouso e descanso, recepção e despedida das crianças, entre outros, são conhecimentos que precisam ser problematizados e orientados por todos os profissionais das instituições que ofertam Educação Infantil (BARBOSA, 2009).

Nas práticas sociais, as interações e a colaboração entre crianças e adultos favorecem a conquista da autonomia, a constituição da identidade, a expressão corporal, o diálogo, entre outros elementos que compõem a prática educativa da Educação Infantil. Tais práticas fazem parte do atendimento educativo que é ofertado

às crianças da Educação Infantil em tempo integral com maior ênfase, mas também podem ser vivenciadas em contextos de oferta em tempo parcial, em menor proporção. Nesse sentido, é preciso refletir como elas podem ser contempladas na instituição com intencionalidade educativa, observando os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento das crianças.

9.1. Alimentação

Todas as atividades na Educação Infantil envolvem o cuidar e o educar. Portanto, na hora das refeições, o profissional da educação também está educando, pois informa as crianças sobre a importância da alimentação saudável e do autosservimento, sobre o modo de sentar-se à mesa, como utilizar os talheres, a mastigação correta, entre outras práticas sociais. Ao mesmo tempo, alerta sobre os hábitos de higiene, a forma como, culturalmente, nossa sociedade se porta durante as refeições, o cuidado para não desperdiçar os alimentos, e oferece outras orientações.

Os momentos de refeição não devem se tornar períodos de automatismo ou de estresse. Para tanto, é fundamental observar se o ambiente onde as crianças fazem as refeições está em boas condições de higiene, segurança e se é propício para o exercício da autonomia e socialização, bem como se os alimentos são servidos em temperatura adequada. É importante ofertar a possibilidade de experimentar os sabores, as cores, as texturas e a consistência de diferentes alimentos, e assim empregar maior atenção às crianças que recusam alimentos ou que apresentam dificuldades para se alimentar sozinhas, além de disponibilizar água potável e utensílios limpos individualizados para as crianças beberem água durante todo o dia.

9.2. Sono

As crianças têm necessidades diferentes, inclusive de sono, e isso precisa ser respeitado. No contexto da escola, as crianças não precisam dormir no mesmo horário ou ter o mesmo tempo de sono. Algumas precisam dormir de uma a duas horas, outras necessitam somente de momentos de descanso, relaxamento, um pequeno cochilo e há ainda as que não dormem. É preciso que cada instituição que oferte Educação Infantil preveja propostas concomitantes para atender às crianças que queiram dormir ou descansar, bem como àquelas que não dormem.

Também cabe lembrar que o sono, como qualquer outra atividade que faz parte do dia a dia da Educação Infantil, não pode ser vinculado à punição, chantagem ou gratificação. A criança deve dormir ou ficar acordada porque sente vontade para tal.

Para atender às necessidades das crianças que dormem, das que querem descansar e das que não dormem, é preciso uma organização, sendo fundamental o empenho de todos os profissionais da instituição. Visando garantir a efetivação desses momentos, convém realizar entrevistas com as famílias e/ou responsáveis para conhecer os hábitos de dormir da criança, seu estado de saúde e práticas alimentares, isso além de ofertar lençol, fronha, travesseiro, manta ou cobertor e

colchonetes, higienizados com álcool antes do uso. Importante destacar ainda que as crianças podem dormir com objetos trazidos de casa, se isto as deixar mais seguras.

Para as crianças que não dormem, as salas ou outros espaços da instituição devem ser organizados com propostas planejadas, incluindo local para relaxamento, com colchonetes, tapetes e almofadas. Também deve haver brinquedos ao alcance dos pequenos, como jogos de memória, quebra-cabeças, dominós, blocos de montar, bonecos etc., e serem realizadas brincadeiras, leitura de histórias, entre outras atividades.

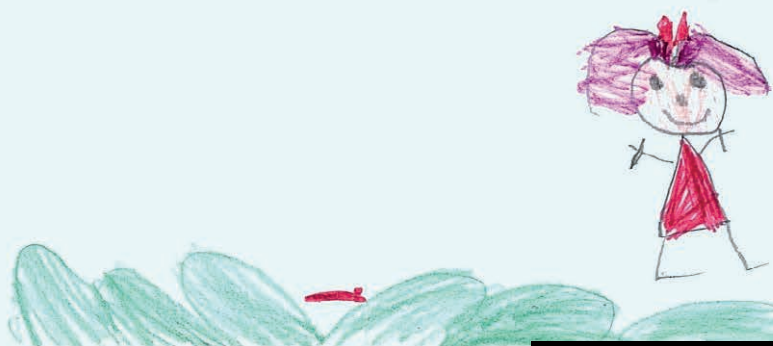
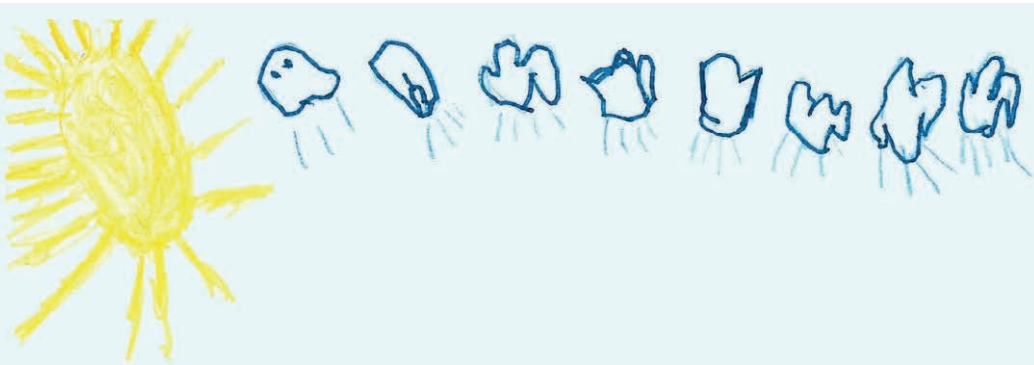
Tanto nas salas que estejam com crianças dormindo quanto naquelas com crianças acordadas, deve ter um profissional da educação coordenando e/ou supervisionando as atividades infantis.

9.3. Banho

O banho é um ato de afeto que deve ser feito com calma. É um momento precioso, porque o adulto interage individualmente com a criança. Esse momento deve ser de conversa e de brincadeiras com a água, bem como, para as crianças pequenas, de começar a se exercitar na autonomia de sua higiene pessoal. Convém lembrar que o banho é diário e seu horário deve observar a necessidade da criança; necessário usar sabonete líquido e não se recomenda a utilização de talco, pois pode provocar alergias e sufocamento. O local do banho de chuveiro precisa ser protegido por material antiderrapante e o piso deve ser mantido limpo. Tais práticas são mais frequentes com os bebês e as crianças bem pequenas, porém as crianças pequenas também podem precisar dessa atenção em alguns momentos em que houver a necessidade do banho, ou seja, indica-se aproveitar o momento com intencionalidade educativa.

Relevante lembrar que os produtos de uso pessoal de cada criança, como mamadeiras, copos, pentes, escovas de dentes, não podem ser compartilhados com outra; não se pode descuidar da higiene corporal (necessário lavar frequentemente as mãos, o rosto após as refeições e o sono), bucal, colaborando assim para que as crianças desenvolvam o autocuidado e a autonomia. É preciso manter também os objetos utilizados (brinquedos, almofadas, tapetes, lençóis, trocadores, banheiras etc.) em boas condições de higiene e de segurança; acolher a criança em momentos de choro, apatia, raiva, birra ou ciúme, ajudando-a a procurar outras formas de lidar com seus sentimentos, bem como relatar ao Serviço de Orientação Educacional, aos Conselhos Tutelares e às autoridades competentes suspeitas de casos de maus-tratos, negligência e/ou abusos.





Alteração da imagem em respeito à Lei 13.709/2018 - LGPD

10. DIMENSÃO RELIGIOSA NA EDUCAÇÃO INFANTIL? Uma questão a ser discutida entre os profissionais da educação

A humanidade, ao longo da história, empreendeu uma jornada de busca e de compreensão da vivência da espiritualidade. Esse movimento constitui-se em patrimônio cultural que converge para a edificação de relações humanas em sociedade. No mundo, essa busca se materializa das mais diversas formas, sendo necessária a prática do respeito a essas experiências.

No Brasil, tem-se a existência de diversas formas de expressão dessa busca, e, considerando o respeito à diversidade existente, o Estado brasileiro se declara laico em sua Constituição Federal (1988). Dito isso, é importante mencionar que a Educação Infantil pública não é proselitista, ou seja, não pode realizar práticas educativas que induzam as crianças a vivenciarem experiências de determinadas concepções, pois trata-se de um contexto pedagógico laico e pluralista, em que cada

criança precisa ser respeitada em sua individualidade e em suas experiências pessoais. No caso das instituições privadas, elas podem ser confessionais ou não.

Vale destacar que, na Educação Infantil, o ensino religioso não é tratado como componente curricular obrigatório, como acontece no Ensino Fundamental cuja oferta é obrigatória e matrícula facultativa. Portanto, não há a necessidade de sua efetivação, o que evidencia o respeito ao processo de identidade cultural da criança, que ainda está em fase inicial de desenvolvimento e, também, se consolidando por meio das experiências que vivencia com seus familiares.

Nesse sentido, tendo sempre em vista a laicidade e a perspectiva de superar conceitos e práticas equivocadas, excludentes ou discriminatórias, as instituições que ofertam Educação Infantil não se constituem em espaços religiosos, devendo acolher e valorizar a diversidade. Atividades que acabam privilegiando alguns credos em detrimento de outros, como realização de comemorações ou atividades ligadas a datas religiosas, orações, contação de histórias ou canções de caráter religioso, não devem ser praticadas nas instituições da SEEDF. A religião é uma decisão pessoal e seu desenvolvimento se dá em meio às pessoas que compartilham da mesma crença, não cabendo, portanto, em um contexto de educação laico e pluralista.

É importante que as crianças conheçam culturas diversas, especialmente aquelas dos povos que constituíram a nação brasileira: indígena, africana e europeia. O conhecimento dessas culturas engloba a alimentação, os costumes, as festividades e vestimentas que lhes são peculiares, dentre outros aspectos. Quando esses temas são abordados, devem ser de maneira a apresentar a cultura, e não a induzir crenças ou ressaltar preconceitos, julgando uma cultura melhor ou mais válida que as outras.

O respeito precisa ser vivenciado no contexto da Educação Infantil, portanto, a abordagem pedagógica precisa se constituir do conhecimento de si e do outro ao respeitar as semelhanças e diferenças que caracterizam cada sujeito, tratar de temáticas que contribuam para a formação das comunidades em sociedade, abordando aspectos humanos que envolvam convivência, responsabilidade, autoestima, solidariedade, colaboração, entre outros.



Alteração da imagem em respeito à Lei 13.709/2018 - LGPD

11. INSTITUIÇÃO DE EDUCAÇÃO INFANTIL E FAMÍLIA: experiências compartilhadas

A instituição que oferta Educação Infantil para os bebês, crianças bem pequenas e crianças pequenas não é o único lugar de aprendizagens durante a primeira infância. Sendo assim, não é possível imputar à Educação Infantil toda a responsabilidade em relação aos pequenos. Somente pelo trabalho intersetorial – educação, saúde, cultura, esporte, assistência social, sociedade civil organizada e, sobretudo, a família e/ou responsáveis –, é possível assegurar que os direitos das crianças sejam efetivados cotidianamente. Nesse sentido, é essencial a interação família e/ou responsáveis e instituição educativa, tendo como fio condutor a intenção de garantir à criança seu desenvolvimento integral.

Há legislações vigentes que indicam e confirmam a necessidade de refletir, promover e aperfeiçoar a interação família e/ou responsáveis e instituição que oferta Educação Infantil, tais como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB e o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, que ressaltam que os direitos fundamentais das crianças sejam assumidos como responsabilidade de todos. Ainda no que se refere às legislações que asseguram o direito de participação das famílias

e/ou responsáveis, as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica – DCN reafirmam que:

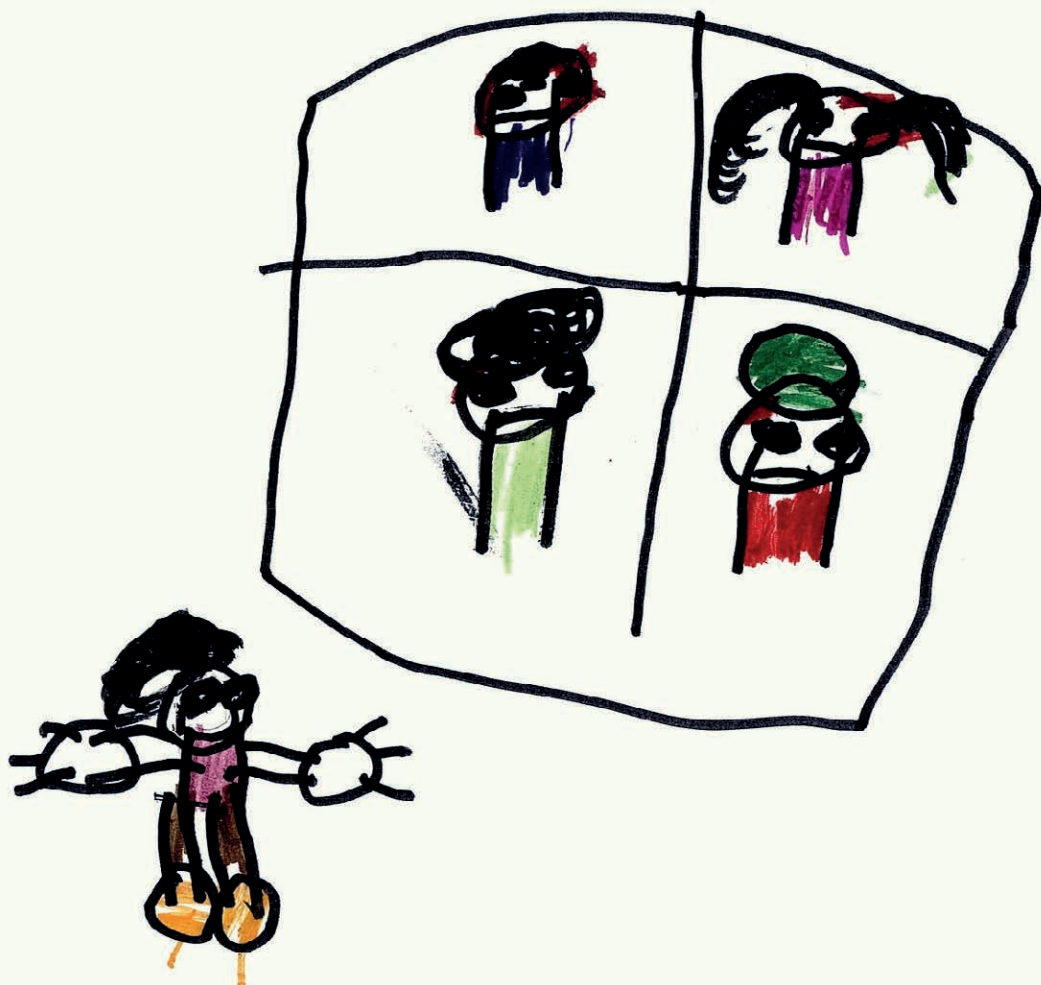
O atendimento aos direitos da criança na sua integralidade requer que as instituições de Educação Infantil, na organização de sua proposta pedagógica e curricular, assegurem espaços e tempos para participação, o diálogo e a escuta cotidiana das famílias, o respeito e a valorização das diferentes formas em que as famílias se organizam (BRASIL, 2013, p. 92).

Essa proximidade entre instituição que oferta Educação Infantil e família e/ou responsáveis não pode ser esporádica, mas sim sistemática e com intencionalidade educativa, uma vez que os efeitos são constituídos a partir desse vínculo. Assim, para que os laços sejam estreitados, a relação seja de confiança mútua e o núcleo das ações seja a criança, a instituição educativa para a primeira infância precisa se organizar no sentido de:

- ter uma postura acolhedora em relação às famílias e/ou responsáveis de todas as crianças;
- considerar famílias e/ou responsáveis e comunidade parceiros protagonistas da instituição educativa;
- programar formas de conversar com as famílias e/ou responsáveis, individualmente ou em grupos, de modo a conhecer suas expectativas, preocupações, reivindicações e trocar informações sobre as crianças;
- apresentar e discutir o cotidiano e a Proposta Pedagógica da instituição que oferta Educação Infantil por meio de fotos, projeções de slides ou filmes de uma atividade, de exposições de produções infantis, de reuniões ou participação direta das famílias e/ou responsáveis nas atividades da instituição educativa;
- convidar a família e/ou responsáveis para produzir algo ou realizar atividades ou projetos com as crianças;
- envolver a família e/ou responsáveis em projetos, tais como narração e ou leitura de histórias para as crianças em casa, pesquisas etc.

A instituição que atende à Educação Infantil deve ser, por sua natureza, um lugar de encontros e diálogos. Isso posto, essa instituição educativa e a família e/ou responsáveis, exercendo funções distintas e complementares, precisam ter um objetivo comum: possibilitar às crianças o seu desenvolvimento integral, considerando os ritmos e tempos de cada sujeito.





Alteração da imagem em respeito à Lei 13.709/2018 - LGPD

12. POR UMA EDUCAÇÃO INFANTIL INCLUSIVA E ACOLHEDORA

A Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (BRASIL, 2011), da qual o Brasil é signatário, estabeleceu o compromisso de os Estados-Parte assegurarem às pessoas com deficiência um sistema educacional inclusivo em todos os níveis e modalidades de educação. Assim, em 2008, o Brasil, para se adequar a esse compromisso, publicou a Política Nacional da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2010b).

A partir dessa Política Nacional (BRASIL, 2010b, p. 9), a Educação Especial no Brasil passou a constituir “um paradigma educacional fundamentado na concepção de direitos humanos, que conjuga igualdade e diferença como valores indissociáveis, e que avança em relação à ideia de equidade formal ao contextualizar as circunstâncias históricas da produção da exclusão”.

Na defesa pela educação inclusiva, Vigotski (2012b), no início do século XX, já defendia a ideia de que o desenvolvimento incompleto das pessoas com deficiência se deve ao fato não da sua deficiência, mas à exclusão da coletividade. Esse autor

abordou a importância da colaboração entre pessoas com e sem deficiência, destacando que essa é benéfica para ambas.

Ainda na luta pela inclusão, Vigotski (2012b) defendeu que a Educação Especial deveria superar o estigma do assistencialismo, pois, por muito tempo, esteve associada mais ao cuidado do que à educação, sendo vista como uma ação de caridade, um favor prestado por algumas instituições. Entretanto, a educação é um direito de todas as pessoas, com e sem deficiência, e o ideal é que seja ofertada inclusivamente nas instituições de educação coletivas comuns, levando-se em conta a diversidade da humanidade.

Vigotski (2012b) também afirmou que compete aos profissionais que atuam na Educação Especial realizar um trabalho pedagógico com as crianças com deficiência, percebendo-as como seres de possibilidades e capazes de se desenvolverem. Para ele, a situação de deficiência não pode limitar o trabalho docente, e sim deve suscitar a superação de supostas limitações sociais. Nesse sentido, a educação deve ter como finalidade que as pessoas superem a deficiência e se desenvolvam das mais diversas maneiras. A proposta de trabalho com essas crianças precisa, a partir do reconhecimento da singularidade de cada um e da compreensão de que todo sujeito emprega caminhos específicos para aprender e se desenvolver, pautar-se em uma prática que valorize a diversidade, e não a homogeneidade nesses percursos, empregando ideias destemidas e criativas e, assim, possibilitando aprendizagem e desenvolvimento a todos os sujeitos.

A Política Nacional da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2010b, p. 21) caracterizou a Educação Especial como uma

[...] modalidade de ensino que perpassa todos os níveis, etapas e modalidades, realiza o atendimento educacional especializado, disponibiliza os recursos e serviços e orienta quanto a sua utilização no processo de ensino e aprendizagem nas turmas comuns do ensino regular.

Assim, no que diz respeito à Educação Infantil, todas as crianças devem ser matriculadas em instituições de educação coletiva e inclusiva e aquelas que têm necessidades específicas, como deficiências, transtornos do espectro autista⁴ ou altas habilidades/superdotação, têm direito a uma segunda matrícula no turno contrário, no Atendimento Educacional Especializado – AEE, que tem como público-alvo pessoas com deficiências (física/motora, intelectual, visual, auditiva, múltiplas), transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação (BRASIL, 2010b).

Pensar no serviço da Educação Especial na Educação Infantil no âmbito do Distrito Federal nos remete à Educação Precoce, serviço de AEE ofertado pela SEEDF a bebês e crianças bem pequenas (de zero a três anos e onze meses de idade).

⁴ Em 2013, o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM-V alterou a nomenclatura para Transtorno do Espectro Autista – TEA.

Além da Educação Precoce, há outros serviços de apoio pedagógico no contexto da instituição que oferta Educação Infantil:

- Serviços itinerantes;
- Salas de Recursos;
- Centros de Ensino Especial;
- Classes Hospitalares;
- Atendimento domiciliar.

A Educação Especial, como modalidade que perpassa a Educação Infantil entre as demais etapas da Educação Básica, requer discussões e ações conjuntas, essenciais para delinear um caminho mais adequado à diversidade existente entre nossas crianças. Portanto, é no compartilhamento de reflexões e experiências que se torna possível promover a percepção e elaboração de um conjunto de conhecimentos e práticas sobre a inclusão.

A inclusão das crianças com necessidades específicas carece de interações, acolhida e escuta sensível, atenta e com intencionalidade educativa. Isso depende de profissionais da educação comprometidos em entender as necessidades e interesses infantis, suas formas de expressão e seu direito de se desenvolver e conhecer o mundo nas relações com outros sujeitos, com e sem necessidades específicas.

A abordagem do tema da educação inclusiva remete à inclusão de pessoas com necessidades específicas, todavia, convém pensar na educação para incluir a diversidade humana. Dessa forma, a perspectiva de educação inclusiva deste Currículo engloba o acolhimento e respeito à diversidade humana em todos os seus aspectos: étnico-raciais, gênero, classe social, idade, credo, bem como o respeito às peculiaridades das diversas populações: do campo, quilombolas, indígenas, estrangeiras, assentadas e acampadas da reforma agrária, de povos tradicionais, entre outras.

Portanto, trata-se de um projeto de educação para a emancipação humana, que conhece, respeita e acolhe a diversidade, entendendo que, de fato, todas as pessoas são diferentes (em características, necessidades, gostos, anseios, crenças, formas de pensar e se posicionar no mundo), e essas diferenças não se constituem em ameaça, mas em riqueza para a humanidade.





Alteração da imagem em respeito à Lei 13.709/2018 - LGPD

13. TRANSIÇÕES NA EDUCAÇÃO INFANTIL

As transições estão presentes na Educação Infantil das mais diversas formas: transição de casa para a instituição de Educação Infantil; transição de uma instituição de Educação Infantil para outra, tais como da instituição parceira para a pública; transição no interior da própria instituição educativa e transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental.



É importante mencionar que a transição de casa para a Educação Infantil pode ocorrer em qualquer período da infância, ou seja, pode ser entre os bebês, as crianças bem pequenas e as crianças pequenas. Nesse sentido, a atenção ao acolhimento e

às estratégias pedagógicas para esse momento precisam considerar as especificidades de cada um nesses períodos, observando as necessidades de cada criança.

É preciso sensibilidade para o acolhimento, para a inserção e para as diversas possibilidades de transição que ocorrem na Educação Infantil, tais como períodos prolongados em que a criança fica afastada da instituição educativa e, ao retornar, depara-se com algum tipo de conflito por estar novamente adentrando um espaço que se diferencia, em vários aspectos, de sua casa; transições que ocorrem entre os períodos de férias ou de passagem de um ano para outro, entre outras. A passagem do conhecido para o desconhecido pode desencadear sentimentos de ansiedade, expectativas positivas e negativas, tensões, estresses, medos, traumas e crises, que, caso ocorram, incidem sobre o desenvolvimento integral da criança (FACCI, 2004).

Aos adultos cabe um olhar cuidadoso e uma postura acolhedora e afetuosa sobre os processos vivenciados pela criança, criando estratégias adequadas aos diferentes momentos de acolhida, inserção e transição. Assim, durante a inserção inicial, as instituições que ofertam Educação Infantil devem favorecer um ambiente físico e social onde as crianças se sintam protegidas, acolhidas e seguras para arriscarem e enfrentarem desafios.

Em relação à transição para o Ensino Fundamental, as DCNEI recomendam:

Na transição para o Ensino Fundamental a proposta pedagógica deve prever formas para garantir a continuidade no processo de aprendizagem e desenvolvimento das crianças, respeitando as especificidades etárias, sem antecipação de conteúdos que serão trabalhados no Ensino Fundamental (BRASIL, 2010a, p. 30).

É perfeitamente possível uma passagem instigante e interessante entre as etapas da Educação Básica. Ao inserir-se no Ensino Fundamental, não é preciso que os pequenos se deparem com um hiato entre as experiências vivenciadas na Educação Infantil e as práticas educativas da nova etapa. Nesse sentido, o projeto da *Plenarinha* tem contribuído ao buscar desenvolver atividades que envolvam tanto as crianças da Educação Infantil como as que se encontram no primeiro ano do Ensino Fundamental.

Evidencia-se, portanto, a necessidade de se estabelecer um diálogo entre as etapas, com ações que superem a tradicional dicotomia que tem contaminado essa passagem. Seguem algumas sugestões para as instituições de educação coletiva para a primeira infância, visando minimizar os impactos que ocorrem em momentos de transição:

- perceber a convergência necessária entre as etapas, tendo a educação como um direito das crianças, compreendendo-as como sujeitos de cultura e cidadãos de direitos;
- ler, estudar e discutir os currículos tanto da Educação Infantil quanto do Ensino Fundamental, mais especificamente dos anos que compreendem o Bloco Inicial de Alfabetização – BIA do 2º Ciclo;
- possibilitar momentos de visita e primeiro contato com a instituição educativa que receberá a criança da Educação Infantil no ano seguinte;
- envolver as famílias e/ou responsáveis no processo de transição entre as etapas, por se tratar de um momento de insegurança e dúvidas para muitos.

Outra questão que merece nota é afirmar que a Educação Infantil não tem por intuito preparar as crianças para o Ensino Fundamental. É certo que, na condição de etapas da Educação Básica, a Educação Infantil e o Ensino Fundamental precisam estabelecer uma articulação, entendendo que a criança que chega a essa etapa continua sendo criança e precisa ser compreendida dentro de suas especificidades.

De acordo com as DCNEI (2010a) e a BNCC (2017), a natureza, a identidade e os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento presumidos nos dispositivos legais não abordam a alfabetização como uma obrigação na Educação Infantil. É evidente que, nessa fase, a criança já inicia seu processo de leitura de mundo, por meio de inúmeras atividades, mas isso ocorre de uma forma mais ampla, para além da codificação ou decodificação da língua escrita. A primeira etapa da Educação Básica tem finalidades próprias que devem ser alcançadas na perspectiva do desenvolvimento infantil, ao se respeitar as brincadeiras e interações e o cuidar e educar, no tempo singular da primeira infância.



Alteração da imagem em respeito à Lei 13.709/2018 - LGPD

14. AVALIAR: processo sensível, sistemático e cuidadoso

Avaliar é uma ação indispensável para compreender, validar ou redimensionar o trabalho pedagógico. Em se tratando do trabalho em instituições de educação coletiva para a primeira infância, é preciso pensar sobre avaliação na e da Educação Infantil.

Sobre a avaliação na Educação Infantil, as DCNEI alertam que as instituições devem “criar procedimentos para acompanhamento do trabalho pedagógico e para avaliação do desenvolvimento das crianças, sem objetivo de seleção, promoção ou classificação” (BRASIL, 2010a, p. 29). Essa ideia reafirma o que já havia estabelecido a LDB, no art. 31, Seção II: “a avaliação far-se-á mediante acompanhamento e registro do seu desenvolvimento, sem o objetivo de promoção, mesmo para o acesso ao ensino fundamental”.

Assim sendo, a avaliação das crianças tem como referência os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento expressos no Currículo e não deve assumir

finalidades seletivas e classificatórias, tampouco uma prática para avanços de estudos.

A ação avaliativa, na Educação Infantil, dá-se no sentido de compreender os processos, e não os produtos das atividades. Assim, por meio das brincadeiras e interações, os profissionais da educação acompanham como as crianças recebem suas propostas e como se apropriam do patrimônio cultural da humanidade, como se posicionam nas relações sociais, como desenvolvem a criatividade, a imaginação, as experimentações e vivências e o fazem não para atribuir notas ou atestar fracassos ou avanços, mas para, de acordo com Vigotski (2012a), atuar na zona de desenvolvimento iminente, a fim de colaborar com o desenvolvimento de novas formações nas crianças.

De acordo com as DCNEI, no que tange à avaliação, é necessário observar crítica e criativamente as ações, brincadeiras e interações das crianças; utilizar múltiplas formas de registro feitos pelos adultos e pelas crianças, como fotografias, desenhos, álbuns, relatórios e outros; propor a continuidade dos processos de aprendizagem, respeitando os diferentes momentos de transição vividos pelas crianças, e realizar uma documentação que permita às famílias e/ou responsáveis o conhecimento do trabalho da instituição da Educação Infantil e os processos de aprendizagem e desenvolvimento das crianças.

A observação sistemática, crítica e criativa do comportamento de cada criança, de grupos de crianças, das brincadeiras e interações entre as crianças no cotidiano, e a utilização de múltiplos registros realizados por adultos e crianças (relatórios, fotografias, desenhos, álbuns etc.), feita ao longo do período em diversificados momentos, são condições necessárias para compreender como a criança se apropria de modos de agir, sentir e pensar culturalmente constituídos. Conhecer as preferências das crianças, a forma delas participarem nas atividades, seus parceiros prediletos para a realização de diferentes tipos de tarefas, suas narrativas, pode ajudar o professor a reorganizar as atividades de modo mais adequado ao alcance dos propósitos infantis e das aprendizagens coletivamente trabalhadas (BRASIL, 2013, p. 95).

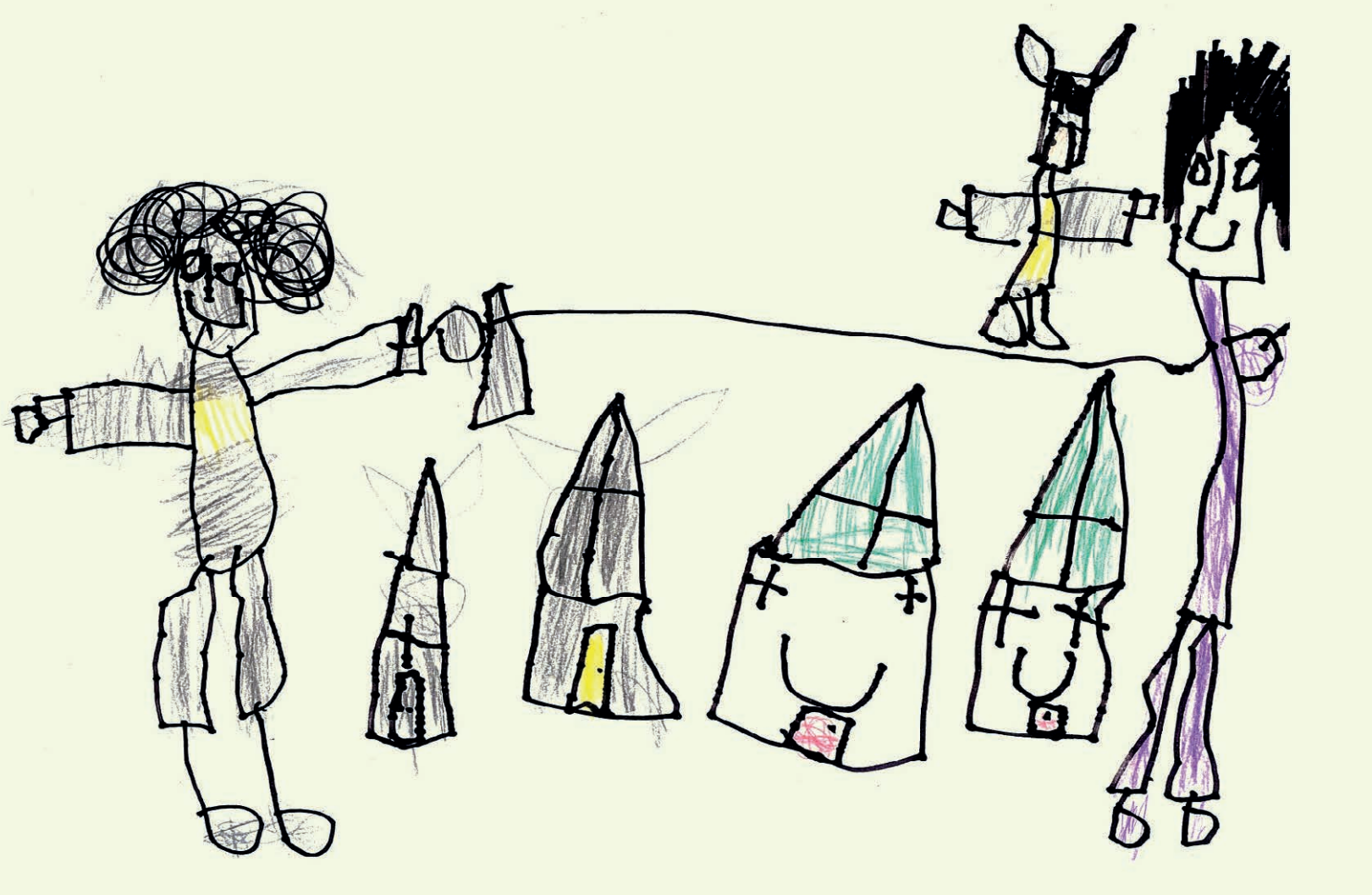
A avaliação na Educação Infantil busca responder se e quando os direitos e objetivos de aprendizagem e desenvolvimento estão em processo de consolidação. Objetiva, portanto, cotejar a educação ofertada e os parâmetros indicadores de qualidade. Nesse sentido, a qualidade, embora seja um termo polissêmico, pode encontrar amparo se for negociada entre os envolvidos (BONDIOLI, 2004).

A finalidade básica da avaliação é servir para tomar decisões educativas, para observar e acompanhar o processo de desenvolvimento da criança e para planejar situações, relações ou ações na instituição que oferta Educação Infantil. Essa avaliação é responsabilidade dos professores, dos demais profissionais da instituição, das crianças e de seus familiares ou responsáveis. As crianças devem participar da avaliação nas atividades e em seu registro, inclusive iniciando o processo de autoavaliação, ao compreender que estão implicadas na organização do trabalho pedagógico, no planejamento, na execução, na avaliação e retomada dos projetos e ações.

A visão educacional proposta neste Currículo entende que, ao *dessilenciar* as crianças, escutando suas vozes, pode-se contribuir para torná-las cidadãs responsáveis por meio da autorregulação e do automonitoramento das próprias aprendizagens. Diante dessa perspectiva, compartilha-se do entendimento de que o uso ético e encorajador dos dados emanados pela autoavaliação podem garantir estreitamento e fortalecimento dos vínculos entre crianças e adultos.

No que diz respeito à avaliação da Educação Infantil, esta é de fundamental importância para que se assegure a qualidade no atendimento às crianças na primeira infância. Os Indicadores da Qualidade na Educação Infantil (BRASIL, 2009) apontam sete dimensões que indicam a qualidade na primeira etapa da Educação Básica: 1) planejamento institucional; 2) multiplicidade de experiências e linguagens; 3) interações; 4) promoção da saúde; 5) espaços, mobiliários e materiais; 6) formação e condições de trabalho dos professores e demais profissionais da educação; 7) cooperação e troca com as famílias e/ou responsáveis e participação na rede de proteção social.

O referido documento aponta, portanto, os aspectos que são indispensáveis para uma oferta de qualidade de Educação Infantil e propõe uma metodologia de avaliação periódica desses aspectos, de maneira que os coletivos das instituições educativas caminhem em busca de melhores ofertas. Importante salientar que essa avaliação deve ser colaborativa, característica do serviço prestado à primeira infância como um todo.



Alteração da imagem em respeito à Lei 13.709/2018 - LGPD

15. EDUCAÇÃO INFANTIL: 1º Ciclo da Educação Básica

Os princípios orientadores de um currículo que se propõe a ser integrado – unicidade teoria-prática, interdisciplinaridade, contextualização e flexibilização – apresentam grandes possibilidades de serem incorporados ao dia a dia das instituições que ofertam Educação Infantil, favorecendo uma organização temporal que respeite o ciclo de aprendizagens dos bebês, das crianças bem pequenas e das crianças pequenas.

A possibilidade de se (re)organizar em ciclos, de adotar o currículo integrado e de assumir modificações faz a instituição que oferta Educação Infantil *se movimentar*, porque tais elementos propõem alternativas de mudança, de início de novo momento de inquietação e de questionamentos no que diz respeito ao planejamento pedagógico, à avaliação, à didática aplicada e ao processo de desenvolvimento das aprendizagens.

A reorganização dos tempos e dos espaços exige mobilização de todo o corpo docente no sentido de encontrar soluções, discutir estratégias e tomar decisões quanto ao planejamento e avaliação das ações pedagógicas. A responsabilidade da elaboração desse projeto educativo cabe, ao mesmo tempo, a todos profissionais da

educação e a cada um em particular, uma vez que todas as decisões são o resultado das discussões do coletivo. Mais que uma instituição que oferta Educação Infantil organizada em ciclos, esta é uma instituição educativa que se reinventa, ao buscar mudar e inovar, de modo a garantir a constituição da aprendizagem e do desenvolvimento em todas as etapas e modalidades da Educação Básica.

Isso posto, o Currículo em Movimento do Distrito Federal para a Educação Infantil já propõe que as instituições de educação coletiva para a primeira infância reflitam sobre novas possibilidades de organização curricular a partir de faixas etárias ampliadas, considerando que as interações e brincadeiras são seus eixos fundamentais para o desenvolvimento das crianças, sendo:

- **Bebês:** 0 a 1 ano e 6 meses;
- **Crianças bem pequenas:** 1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses;
- **Crianças pequenas:** 4 anos a 5 anos e 11 meses.

1º Ciclo da Educação Básica – Educação Infantil



Convém salientar que a organização em ciclos apresenta uma ideia de progressão das aprendizagens e desenvolvimento das crianças que ocorre por meio das ações pedagógicas entre crianças da mesma idade e de idades diferentes e entre adultos. Vale destacar que, nesse modelo de organização escolar, é preciso considerar a unidade existente no contexto educativo.

Conforme já mencionado, as crianças são organizadas considerando as especificidades da periodização da infância, porém, como o Currículo tem por base a Psicologia Histórico-Cultural, essa organização não é rígida, permitindo a fluidez. No capítulo a seguir, que trata dos Campos de Experiência, serão apresentados objetivos de aprendizagem e desenvolvimento, sendo eles distribuídos entre os bebês, as crianças bem pequenas e as crianças pequenas. Na organização curricular proposta, entre as colunas, há linhas pontilhadas, para demonstrar a existência da fluidez, pois, além das peculiaridades de cada período da infância, existem as possibilidades de influências do contexto social e cultural.



Alteração da imagem em respeito à Lei 13.709/2018 - LGPD

16. O MUNDO INFANTIL IMERSO EM CAMPOS DE EXPERIÊNCIAS

Na Educação Infantil, as aprendizagens e o desenvolvimento das crianças têm como eixos estruturantes o *educar* e o *cuidar*, bem como o *brincar* e o *interagir*. Portanto, fica claro que essa etapa da Educação Básica não se organiza com base em conteúdos, componentes curriculares ou áreas do conhecimento.

As crianças têm muito a aprender. Suas aprendizagens devem se apoiar nos direitos de conviver, brincar, participar, explorar, expressar e se conhecer. Todos eles emergem dos princípios éticos, estéticos e políticos expressos nas DCNEI (BRASIL, 2010a, p. 16) que devem pautar as propostas pedagógicas para a Educação Infantil:

1. **Éticos**, no sentido de proporcionar o desenvolvimento da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade e do respeito ao bem comum, ao meio ambiente, às diferentes culturas, identidades e singularidades;

2. **Políticos**, voltados para o exercício da criticidade e para o respeito à democracia e aos direitos de cidadania;

3. Estéticos, para desenvolver a sensibilidade, a criatividade, a ludicidade e a liberdade de expressão nas diversas manifestações culturais e artísticas.

Esses princípios engendram os seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento, de acordo com a BNCC (BRASIL, 2017):

1. Conviver democraticamente com outras crianças e adultos, relacionando-se e compartilhando distintas situações, de modo a utilizar diferentes linguagens, ampliar o conhecimento de si e do outro, bem como o respeito em relação à natureza, à cultura e às diferenças entre as pessoas;

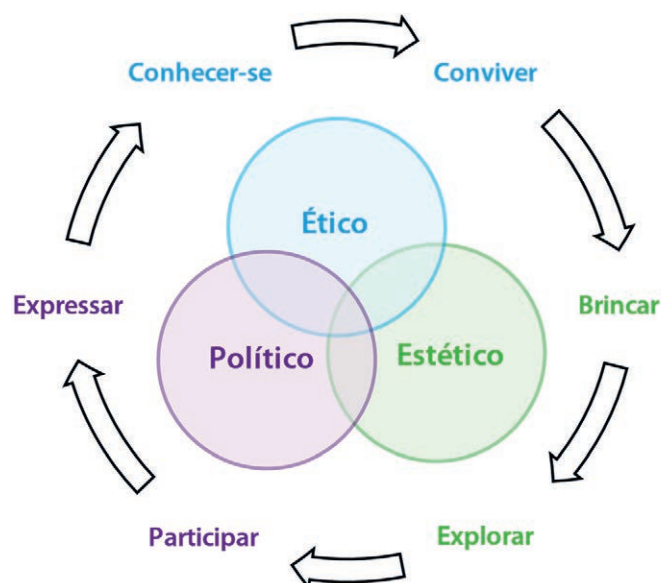
2. Brincar cotidianamente de diversas formas, em diferentes espaços e tempos, com diferentes parceiros (crianças e adultos), ampliando e diversificando seu acesso a produções culturais, seus conhecimentos, imaginação, criatividade, experiências emocionais, corporais, sensoriais, expressivas, cognitivas, sociais e relacionais;

3. Participar ativamente, com adultos e outras crianças, tanto do planejamento da gestão da instituição que oferta Educação Infantil quanto das atividades da vida cotidiana: escolha das brincadeiras, materiais e ambientes, por meio do desenvolvimento das diferentes linguagens, elaboração de conhecimentos e do posicionamento próprio;

4. Explorar movimentos, gestos, sons, palavras, emoções, transformações, relacionamentos, histórias, objetos, elementos da natureza, na instituição de Educação Infantil e fora dela, ampliando seus saberes, linguagens e conhecimentos;

5. Expressar, por meio de diferentes linguagens, como sujeito dialógico, criativo e sensível, suas necessidades, emoções, sentimentos, dúvidas, hipóteses, descobertas, opiniões, questionamentos, registros de conhecimentos elaborados a partir de diferentes experiências que envolvam a produção de linguagens e a fruição das artes nas suas diversas manifestações;

6. Conhecer-se e constituir sua identidade pessoal, social e cultural, ao construir uma imagem positiva de si e de seus grupos de pertencimento nas diversas experiências de cuidados, interações, brincadeiras e linguagens vivenciadas na instituição de Educação Infantil.

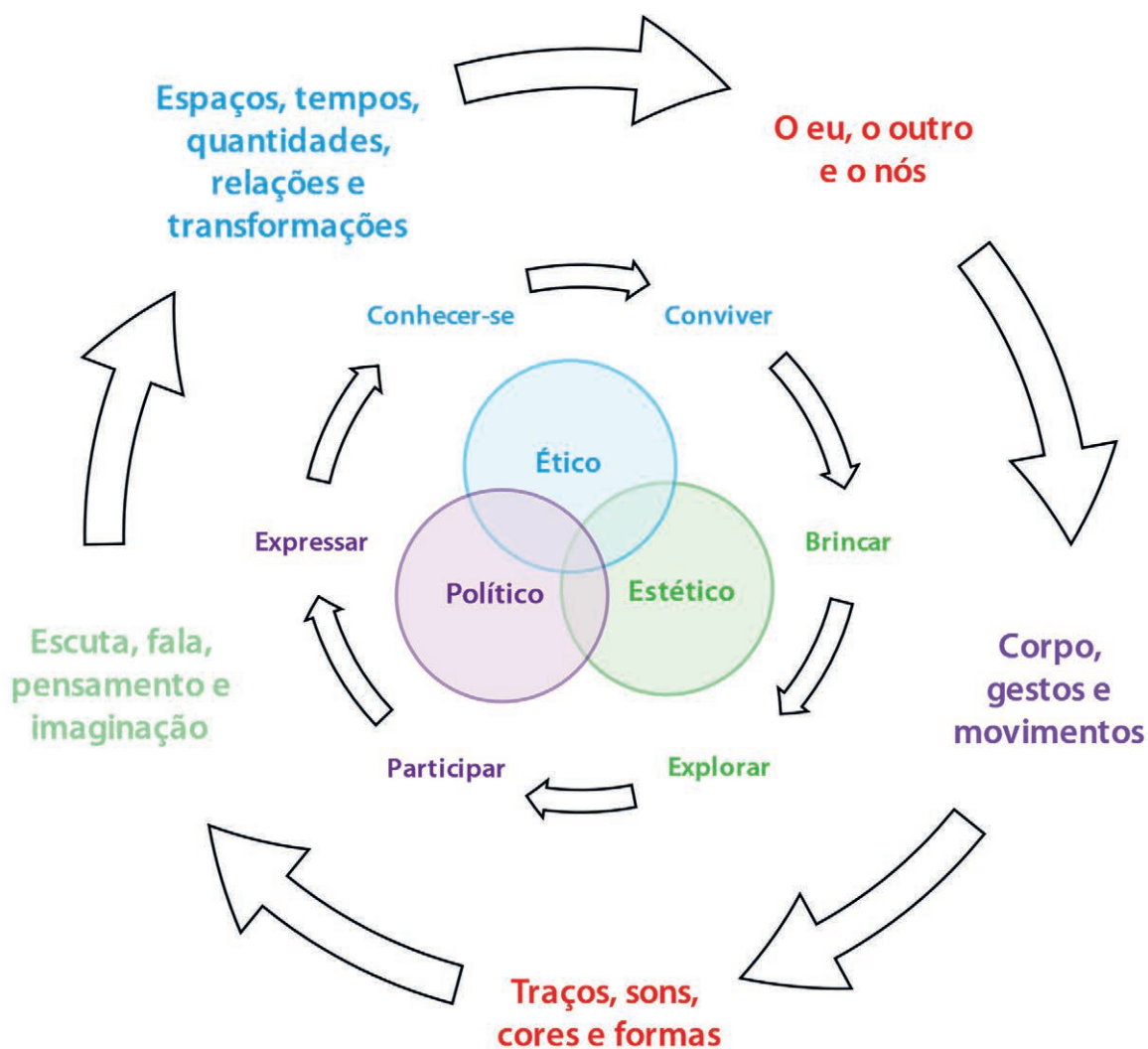


À luz das DCNEI e da BNCC, a 2ª edição do Currículo em Movimento do Distrito Federal – Educação Infantil adota uma organização que emerge dos direitos de aprendizagem e desenvolvimento, que asseguram

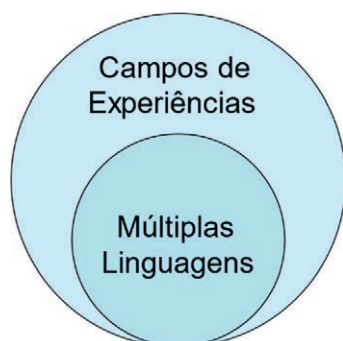
[...] as condições para que as crianças aprendam em situações nas quais possam desempenhar um papel ativo em ambientes que as convidam a vivenciar desafios e a sentirem-se provocadas a resolvê-los, nas quais possam construir significados sobre si, os outros e o mundo social e natural (BRASIL, 2017, p. 33).

Dos direitos de aprendizagem e desenvolvimento, emergem os cinco campos de experiência, a saber: O eu, o outro e o nós; Corpo, gestos e movimentos; Traços, sons, cores e formas; Escuta, fala, pensamento e imaginação; Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações.

Ainda de acordo com a BNCC, os campos de experiências “constituem um arranjo curricular que acolhe as situações e as experiências concretas da vida cotidiana das crianças e seus saberes, entrelaçando-os aos conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural” (BRASIL, 2017, p. 38).



Na 1ª edição do caderno da Educação Infantil deste Currículo, a organização curricular se dava em sete linguagens, numa alusão à poesia “As cem linguagens da criança”, de Loris Malaguzzi (EDWARDS; GANDINI; FORMAN, 1999), que aborda o trabalho desenvolvido em Reggio Emilia – Itália por esses autores. Já nesta edição, apresenta-se a organização em campos de experiência, entendendo que estes permitem interlocução e dinamismo entre as referidas linguagens.



Essa organização se coloca como uma tentativa de não fragmentar os conhecimentos e de considerar a multidimensionalidade das crianças. Espera-se que os campos de experiência aqui destacados subsidiem a organização curricular realizada pela instituição de Educação Infantil, contemplando os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento que precisam ser trabalhados no contexto da Educação Infantil.

A concepção expressa neste Currículo é de que, ao realizar atividades, desenvolver projetos, vivenciar experiências nos âmbitos de formação pessoal e social e conhecimento de mundo, e ao adotar as múltiplas linguagens expressas pelos campos de experiência, a criança tenha o direito a aprender. Desse modo, a organização curricular por meio dos campos de experiência propicia um novo olhar em relação à criança e exige considerar que as aprendizagens e o desenvolvimento sejam propiciados por uma multiplicidade de linguagens. Palavras, gestos, afetividade, desenho, olhares, enfim tudo que compõe o espaço educativo deve funcionar como referência de constância e continuidade para a criança, tornando a instituição que oferta Educação Infantil propícia a abrir caminhos para a descoberta e para as manifestações infantis.

A partir desse entendimento, a Educação Infantil tem como atribuição instigar a criança a conhecer o mundo ao valorizar o conhecimento de cada uma em suas ações/attitudes de organização das ideias para conviver em sociedade. Assim, os pequenos vão se apropriando da cultura⁵ que a humanidade criou ao longo da história e, por meio das linguagens organizadas por campos de experiências, leem e internalizam o mundo ao seu redor, fazendo uso dessas linguagens como ferramentas para a compreensão do mundo e produção de novos significados.

A necessidade de contemplar as múltiplas linguagens é evidenciada ao se reconhecer a necessidade de garantir espaço e tempo para interações socioculturais,

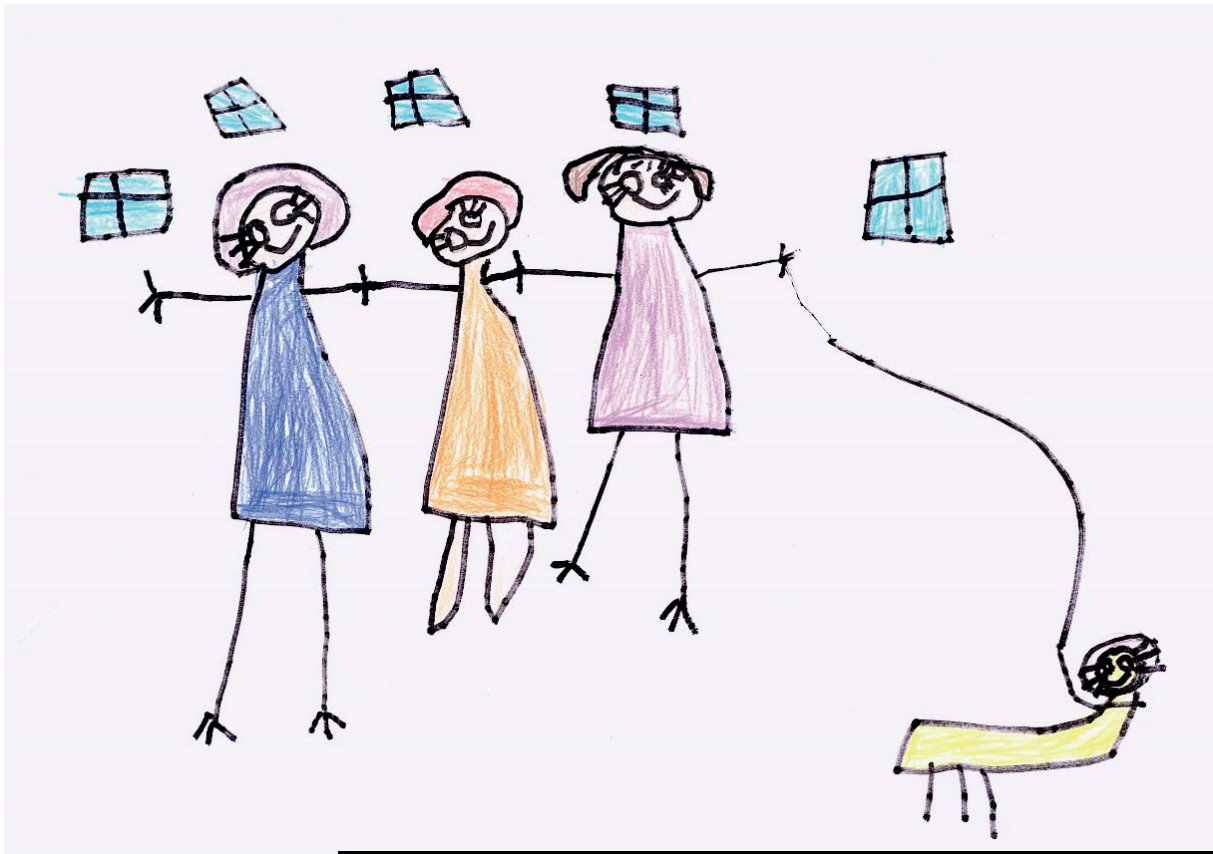
⁵ Cultura humana aqui é entendida como o conjunto de objetos, instrumentos, ciência, valores, hábitos e costumes, lógica e linguagens (MELLO, 2007) que nos tornam humanos.

brincadeiras, atividades expressivas, artísticas, jogos e música, entre outras atividades, até porque “desde que nascem, as crianças estão mergulhadas em contextos sociais diversos que lhes apresentam aromas, sons, cores, formas, texturas, gestos, choros e variadas manifestações culturais e expressivas que, em profusão, anunciam o mundo” (GOBBI, 2010). Nesse sentido, as diversas linguagens não são ilhas; conectam-se e complementam-se, dando origem aos campos de experiência. Assim, uma única atividade pode explorar várias linguagens.

O modo de organização das atividades colabora para que a criança experimente diferentes linguagens a partir do mesmo campo de experiência, de maneira articulada, como também para que ela viva situações de aprendizagens coletivas e/ou individuais, em que a emergência dos conflitos e dos consensos coexiste como parte dos processos. O que se quer é que tal organização curricular por campos de experiência contribua para um desenvolvimento coletivo e abrangente das crianças.

A Constituição Federal (1988), a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996), as Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil (2010) e a Base Nacional Comum Curricular (2017) guiam a elaboração dessa organização que se pretende, ao buscar estabelecer as relações entre o comum, aquilo que deve pautar a educação de todos, e o particular, ou seja, o contexto distrital e/ou da instituição que oferta Educação Infantil, contemplando a diversidade e especificidades de cada coletivo (BARBOSA, 2009). Tal organização sistematiza as intenções educativas e as ações pedagógicas por meio dos direitos de aprendizagem e desenvolvimento e dos campos de experiência, ao propiciar diálogo com as diversas linguagens em um sentido mais ampliado que implica escolhas, decisões e planejamento para se materializar no cotidiano da instituição que oferta Educação Infantil e na vida das crianças.

16.1. O eu, o outro e o nós



Alteração da imagem em respeito à Lei 13.709/2018 - LGPD

Este campo de experiência propõe que as crianças descubram a si mesmas, aos grupos das quais fazem parte (família e/ou responsáveis, instituição de educação para a primeira infância, igreja, academia etc.) e a outros coletivos, no sentido de formar sua identidade e alteridade. Fomenta-se o fortalecimento das crianças nos seus grupos e o respeito aos demais que delas diferem, elementos fundamentais da beleza e riqueza da diversidade humana.

A proposta perpassa a constituição da autonomia, da autorregulação, do autocuidado, bem como dos sentimentos de reciprocidade. A partir desse entendimento, o cuidado com os outros e com o meio ambiente, o pertencimento e responsabilidade com as pessoas, os animais, a natureza e o planeta também são reforçados.

Tendo em mente a interlocução entre as múltiplas linguagens da infância, as linguagens mais presentes neste campo de experiência são: cuidados consigo e com o outro e interações com a natureza e a sociedade.

A constituição da identidade da criança está ligada ao conhecimento, controle e domínio do próprio corpo, bem como ao conhecimento de suas capacidades e limitações. De fato, esse conhecimento é o primeiro referencial da criança para se descobrir como pessoa e se inserir na vida de sua comunidade. O cotidiano do bebê e da criança é assinalado por sua inserção em diversas práticas sociais, processo fundamental para que conquistem conhecimentos sobre a vida social, ampliem suas experiências e estabeleçam novas formas de relação consigo, com o outro, com os instrumentos e com a natureza.

A partir do que vivem e sabem sobre as crianças, os profissionais da educação devem proporcionar situações para que elas compreendam e internalizem a organização da sociedade, as diferenciações dos grupos sociais, as maneiras de viver e de trabalhar, o sentimento de pertencimento aos grupos sociais, dentre outros elementos que constituem a vida cultural humana.

Importa abordar os acontecimentos, as manifestações culturais e as relações sociais em determinadas condições para elaborar as noções de tempo, de espaço e de consequências. Conhecer a própria história e a história da humanidade e constituir sua identidade coletiva também são prerrogativas dessa abordagem. Além disso, a criança, por ser um sujeito histórico-cultural, eminentemente social, também produz história e cultura.

EIXOS TRANSVERSAIS: EDUCAÇÃO PARA A DIVERSIDADE / CIDADANIA E EDUCAÇÃO EM E PARA OS DIREITOS HUMANOS / EDUCAÇÃO PARA A SUSTENTABILIDADE**EIXOS INTEGRADORES – CUIDAR E EDUCAR / BRINCAR E INTERAGIR
CAMPO DE EXPERIÊNCIA – O EU, O OUTRO E O NÓS
OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO
1º CICLO**

BEBÊS (0 a 1 ano e 6 meses)	CRIANÇAS BEM PEQUENAS (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses)	CRIANÇAS PEQUENAS (4 anos a 5 anos e 11 meses)
• Interagir com crianças de diferentes faixas etárias e com adultos, percebendo que suas ações têm efeitos nas outras pessoas e constituindo relações de amizade. • Perceber as possibilidades e os limites de seu corpo nas brincadeiras e nas interações das quais participa.	• Demonstrar atitudes de cuidado e solidariedade na interação com crianças de diferentes faixas etárias e com adultos. • Demonstrar imagem positiva de si e confiança em sua capacidade para enfrentar dificuldades e desafios.	• Demonstrar empatia pelos outros, percebendo que as pessoas têm diferentes sentimentos, necessidades e maneiras de pensar e agir. • Agir de maneira independente, com confiança em suas capacidades, reconhecendo suas conquistas e limitações.
• Interagir com crianças de diferentes faixas etárias e com adultos ao experimentar espaços, objetos e brinquedos. • Comunicar necessidades, desejos e emoções, utilizando gestos, balbucios, palavras. • Perceber seu corpo e expressar suas sensações em momentos de alimentação, higiene, brincadeira e descanso. • Perceber limites e regras nas relações interpessoais. • Resolver conflitos nas interações e brincadeiras, com a orientação de um adulto.	• Compartilhar os objetos e os espaços com crianças de diferentes faixas etárias e com adultos e negociar sua participação em brincadeiras. • Comunicar-se com seus pares e os adultos, buscando compreendê-los e fazendo-se compreender. • Perceber que as pessoas têm características físicas diferentes (altura, etnia, preferências, local de moradia), respeitando e valorizando a diversidade. • Conhecer, utilizar e negociar regras básicas de convívio social nas interações, nas brincadeiras e no uso de espaços diversos. • Usar estratégias pautadas no respeito mútuo para lidar com conflitos nas interações com crianças e adultos, com a orientação de um adulto.	• Ampliar as relações interpessoais, desenvolvendo afeto, atenção, limites e atitudes de participação e cooperação. • Comunicar suas ideias e sentimentos a pessoas e grupos diversos, por meio de contatos diretos ou possibilitados pelas tecnologias da comunicação. • Demonstrar valorização das características de seu corpo (cor dos olhos, cabelos, pele) e respeitar as características dos outros (crianças e adultos) com os quais convive. • Compreender que as regras são passíveis de questionamento, discussão e reformulação entre os elementos do grupo. • Desenvolver o senso de resiliência (saber perder, saber ganhar, aceitar a opinião das outras pessoas, reconsiderar seu ponto de vista).

BEBÊS (0 a 1 ano e 6 meses)	CRIANÇAS BEM PEQUENAS (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses)	CRIANÇAS PEQUENAS (4 anos a 5 anos e 11 meses)
• Conhecer sua história de vida, individual e coletiva, por meio de apreciação de fotografias e construção de álbuns fotográficos.	• Identificar, nomear e distinguir os membros de sua família, reconhecendo que há diferentes configurações familiares.	• Reconhecer sua história de vida, individual e coletiva, por meio de construção de linha do tempo com fotografias e árvore genealógica, identificando e respeitando diferentes configurações familiares.
• Perceber e experimentar as possibilidades do próprio corpo, de movimentos e expressões.	• Reconhecer sua sexualidade, percebendo que existem diferenças físicas e comportamentais entre as pessoas, e iniciar a formação de sua imagem corporal.	• Reconhecer as mudanças ocorridas nas suas características desde o nascimento, a fim de perceber as transformações.
• Perceber a importância da higiene após atividades que envolvam tinta, areia, terra, bem como antes e após as refeições, desenvolvendo atitudes de saúde e bem-estar individual e coletivo.	• Desenvolver hábitos de higiene: pedir para ir ao banheiro, lavar as mãos, limpar o nariz, escovar os dentes, percebendo-os como necessidades para seu bem-estar.	• Reconhecer que bons hábitos alimentares, de higiene e prática de lazer contribuem para a promoção da saúde e bem-estar físico e mental.
• Experimentar novos alimentos, líquidos, pastosos e sólidos, com ênfase nos sabores, cheiros e cores.	• Estabelecer o controle progressivo de suas necessidades fisiológicas e realizar, de modo independente, atividades de alimentação e higienização.	• Diferenciar alimentos doces e salgados, amargos e azedos, alimentando-se de modo independente, usando talheres, copos e guardanapos.
• Perceber a necessidade de cuidar dos objetos de uso pessoal e coletivo, assim como dos ambientes.	• Realizar pequenas tarefas do cotidiano que envolvam atitudes de manutenção, preservação e cuidados com os pertences pessoais e coletivos.	• Vivenciar rotinas: organização dos tempos, espaços e materiais, de modo a constituir, gradualmente, sua autorregulação e autonomia.
• Perceber o ambiente de educação coletiva como um local afetivo e protetor, que lhe transmite segurança e acolhimento.	• Reconhecer a importância da troca e da partilha dos brinquedos e outros materiais disponibilizados no grupo.	• Identificar-se como membro de diversos grupos sociais (família, instituição de Educação Infantil) e distinguir seu papel dentro de cada um.
• Observar sua imagem no espelho e em diferentes fotografias.	• Perceber sua imagem no espelho e em diferentes fotografias.	• Reconhecer sua imagem no espelho e em diferentes fotografias.
• Experimentar a capacidade de fazer escolhas (por brinquedos, alimentos, atividades).	• Desenvolver, gradativamente, a capacidade de fazer escolhas, identificando situações de risco nos diferentes espaços e reagindo com atitude de cuidado.	• Identificar e elaborar regras e limites nas relações, desenvolvendo, progressivamente, a capacidade de autorregulação.
• Perceber que existem diferentes formas de se comunicar com as demais pessoas do convívio social.	• Identificar e utilizar diferentes possibilidades de comunicação com as pessoas do convívio social, respeitando as regras sociais.	• Identificar e utilizar diferentes possibilidades de comunicação com as pessoas do convívio social, respeitando e negociando as regras sociais.

BEBÊS (0 a 1 ano e 6 meses)	CRIANÇAS BEM PEQUENAS (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses)	CRIANÇAS PEQUENAS (4 anos a 5 anos e 11 meses)
Participar de atividades que envolvam histórias, brincadeiras, jogos e canções que digam respeito às tradições culturais de sua comunidade e de outros grupos.	Conhecer as histórias e culturas africana, indígena e europeia como originárias da cultura brasileira, valorizando suas peculiaridades.	Reconhecer as diferenças culturais, estabelecendo relações de aprendizagem mútua, respeito e igualdade social.
Participar de festejos e datas comemorativas, explorando a história, as tradições e os motivos pelos quais são comemorados.	Experimentar sabores, sons, ritmos, hábitos e histórias das comunidades brasileiras (zonas rural e urbana, povos indígenas).	Participar de celebrações das datas comemorativas numa perspectiva cultural e suprarreligiosa, cultivando e fortalecendo valores como solidariedade e respeito.
Perceber as diferentes profissões existentes e sua importância para a vida em sociedade.	Identificar diferentes profissões existentes na sociedade, incluindo o trabalho no campo, e reconhecer sua importância na coletividade.	Reconhecer a importância das diferentes profissões para a vida em sociedade, identificando seus instrumentos característicos e funções sociais.
Perceber os diferentes meios utilizados para transporte de um lugar a outro.	Identificar os meios de transporte e alguns sinais de trânsito, bem como ações de segurança (uso da cadeirinha, cinto de segurança, faixa de pedestre).	Identificar a evolução dos meios de transporte, sinais de trânsito e discutir sobre as regras de trânsito em culturas diversas.
Conhecer os diferentes tipos de moradia (casa, apartamento, entre outros).	Identificar diferentes tipos de moradia, nomeando os cômodos (convencionais ou não) e identificando suas utilidades.	Distinguir diferentes tipos de moradia, desde os tempos das cavernas até os dias atuais, relacionando-os aos materiais de que são construídos ao levar em conta aspectos econômicos, culturais e sociais.
Vivenciar ações de cuidado consigo e com os outros.	Experimentar, nas relações, o sentimento de justiça e respeito à diversidade.	Desenvolver, gradativamente, atitudes antirracistas, antissexistas, anti-homofóbicas e anti-bullying.
Passear pelas imediações da instituição de Educação Infantil.	Passear e observar as características das imediações da instituição de Educação Infantil.	Passear, observar e discutir acerca das características das imediações da instituição de Educação Infantil.
Ouvir histórias sobre Brasília e curiosidades que envolvem esse contexto.	Conhecer a história de Brasília, curiosidades e a história de vida de pessoas que constituem esse contexto.	Conhecer e discutir acerca da história de Brasília, curiosidades e a história de vida das pessoas que constituem esse contexto.

16.2. Corpo, gestos e movimentos



Alteração da imagem em respeito à Lei 13.709/2018 - LGPD

Esse campo de experiência propõe o trabalho voltado ao desenvolvimento corporal da criança que, ao se expressar, interage com o mundo desde cedo por meio de gestos e movimentos corporais, sejam eles dotados de intencionalidade ou de impulsos próprios da infância, bem como de espontaneidade ou coordenação de movimentos, gestos e sentidos. A criança brinca e interage em diversas situações sociais e culturais as quais está exposta, estabelecendo relações que produzem conhecimentos sobre si e o outro e, progressivamente, tomando consciência de sua corporeidade.

Na Educação Infantil, as linguagens se entrelaçam e as diversas dimensões de aprendizagem se fundem na expressão da criança, o que torna essencial o trabalho corporal como instrumento de interação e comunicação que possibilita seu desenvolvimento e aprendizagem. O trabalho corporal educativo na Educação Infantil deve levar em conta a centralidade do corpo da criança, voltando-o para o conhecimento e reconhecimento de suas potencialidades, limites, sensações e funções corporais. Dessa forma, o corpo, como veículo de expressão das diversas linguagens (a música, a dança, o teatro e as brincadeiras, dentre outras), comunica-se com outros campos de experiência, de modo a promover possibilidades de desenvolvimento integral.

Nesse processo, é fundamental considerar ainda as contribuições de todas as matrizes culturais que compõem a sociedade brasileira. Assim, jogos e brincadeiras de origem africana, indígena e europeia, que deram origem à população brasileira, por exemplo, devem ser considerados para o planejamento das ações na Educação Infantil.

Os cuidados físicos necessários com o corpo perpassam as interações da criança com o meio, com o outro e consigo mesma, fato que torna o trabalho educativo corporal primordial ao desenvolvimento da noção do que é seguro ou do que pode promover riscos para sua integridade física. No entanto, ressalta-se que tais cuidados devem propiciar à criança condições de expressão sem que supostas limitações tolham seu desenvolvimento.

O trabalho pedagógico nesse campo de experiência deve propiciar explorações de movimentos que envolvam o próprio repertório da criança, ampliando-o à descoberta de variados modos de ocupação dos espaços com o corpo, bem como de atividades que lhe possibilite expressões cognitivas e afetivas em suas relações sociais e culturais, entrelaçadas às diversas linguagens e campos de experiências trabalhados. Para tal, o repertório deve abranger atividades que envolvam mímica, expressões faciais e gestuais; sonoridades; olhares; sentar com apoio; rastejar, engatinhar, escorregar e caminhar, apoiando-se ou livremente; correr; alongar; escalar; saltar; dar cambalhotas; equilibrar-se e rolar. Além dessas, o repertório pode incluir também as atividades que surgirem das brincadeiras e interações propostas no trabalho educativo com outras linguagens e campos de experiência, em que a autonomia e o protagonismo infantil devem ser levados em consideração nos objetivos pretendidos nesse campo de experiência.

EIXOS TRANSVERSAIS: EDUCAÇÃO PARA A DIVERSIDADE / CIDADANIA E EDUCAÇÃO EM E PARA OS DIREITOS HUMANOS / EDUCAÇÃO PARA A SUSTENTABILIDADE**EIXOS INTEGRADORES – CUIDAR E EDUCAR / BRINCAR E INTERAGIR
CAMPO DE EXPERIÊNCIA – CORPO, GESTOS E MOVIMENTOS
OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO
1º CICLO**

BEBÊS (0 a 1 ano e 6 meses)	CRIANÇAS BEM PEQUENAS (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses)	CRIANÇAS PEQUENAS (4 anos a 5 anos e 11 meses)
• Movimentar as partes do corpo para exprimir corporalmente emoções, necessidades e desejos.	• Apropriar-se de gestos e movimentos de sua cultura no cuidado de si, nos jogos e brincadeiras.	• Criar com o corpo formas diversificadas de expressão de sentimentos, sensações e emoções, tanto nas situações do cotidiano quanto em brincadeiras, dança, teatro, música, entre outros.
• Experimentar as possibilidades corporais nas brincadeiras e interações em ambientes acolhedores e desafiantes.	• Deslocar seu corpo no espaço, orientando-se por noções como: em frente, atrás, no alto, embaixo, dentro, fora, entre outros, ao se envolver em brincadeiras e diferentes atividades.	• Demonstrar controle e adequação do uso de seu corpo em brincadeiras e jogos, na escuta e reconto de histórias, em atividades artísticas, entre outras.
• Imitar gestos e movimentos de outras crianças, de adultos e de animais.	• Experimentar formas de deslocamentos no espaço (pular, saltar...), combinando movimentos e seguindo orientações.	• Criar movimentos, olhares e mímicas em brincadeiras, jogos e atividades artísticas como dança, teatro e música.
• Participar do cuidado do seu corpo e da promoção do seu bem-estar.	• Demonstrar progressiva independência no cuidado do seu corpo.	• Cuidar de sua higiene, alimentação, conforto e aparência.
• Utilizar os movimentos de preensão, encaixe e lançamento, ampliando suas possibilidades de manuseio de diferentes materiais e objetos.	• Desenvolver progressivamente as habilidades manuais, desenvolvendo controle para desenhar, pintar, rasgar, folhear, entre outros.	• Coordenar suas habilidades manuais no atendimento adequado a seus interesses e necessidades em situações diversas.
• Conquistar a posição de levantar, percebendo os movimentos dos pés e pernas para andar e das mãos e braços como apoio.	• Movimentar o corpo de diversas maneiras em espaços amplos e de circulação livre.	• Reconhecimento progressivo do próprio corpo em brincadeiras, jogos e demais atividades, assim como na interação com os outros.
• Vivenciar brincadeiras da cultura infantil, de acordo com as regras estabelecidas (brincar de esconder o rosto com as mãos, jogar o objeto para que seja buscado etc.).	• Participar de brincadeiras da cultura infantil, de acordo com as regras estabelecidas (brincar de pega-pega, correndo pelos espaços na tentativa de fugir e não ser alcançado, entre outras).	• Reconhecer e valorizar as brincadeiras da cultura infantil, de acordo com as regras estabelecidas (brincar de pique-esconde, entre outras brincadeiras).
• Observar as diversas expressões corporais, possibilitando a familiarização com a imagem de seu próprio corpo refletida no espelho.	• Observar e nomear as diversas expressões corporais, possibilitando a familiarização com a imagem de seu próprio corpo refletida no espelho.	• Reconhecer, observar e nomear as diversas expressões corporais, possibilitando a familiarização com a imagem de seu próprio corpo refletida no espelho.

BEBÊS (0 a 1 ano e 6 meses)	CRIANÇAS BEM PEQUENAS (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses)	CRIANÇAS PEQUENAS (4 anos a 5 anos e 11 meses)
• Perceber as partes do corpo de modo a desenvolver consciência de suas potencialidades (força, velocidade, resistência, agilidade, equilíbrio e flexibilidade).	• Conhecer e nomear as partes do corpo de modo a desenvolver consciência de suas potencialidades (força, velocidade, resistência, agilidade, equilíbrio e flexibilidade).	• Experimentar diferentes situações que ampliem a consciência de suas potencialidades e limites do corpo (força, velocidade, resistência, agilidade, equilíbrio e flexibilidade).
• Perceber as conquistas corporais e dos colegas.	• Ampliar as próprias conquistas corporais e perceber as conquistas corporais dos colegas.	• Reconhecer e valorizar as conquistas corporais e a dos colegas em diversas situações.
• Interagir com outras crianças e com adultos por meio dos movimentos.	• Participar e criar situações que envolvam movimentos com outras crianças e com adultos.	• Criar e compartilhar situações que envolvam movimentos, com outras crianças e com adultos.
• Interagir, de forma individual e coletiva, em brincadeiras livres e dirigidas, jogos verbais etc.	• Participar, de forma individual e coletiva, em brincadeiras livres e dirigidas, jogos, danças, ginásticas etc.	• Reconhecer sua atuação de forma individual e coletiva em brincadeiras livres e dirigidas, entre outras atividades.
• Experimentar movimentos pela participação em diferentes modalidades de dança.	• Participar e ampliar os movimentos pela utilização de diferentes modalidades de dança.	• Criar e valorizar movimentos pela utilização de diferentes modalidades de dança.
• Perceber sensações e ritmos por meio de movimentos corporais associados a diferentes sons.	• Expressar sensações e ritmos por meio de movimentos corporais associados a diferentes sons.	• Reconhecer e nomear as sensações e ritmos (rápido, lento, forte, fraco...) por meio de movimentos corporais associados a diferentes sons.
• Perceber gestos, movimentos e ritmos corporais relacionados às necessidades, intenções e ambientes, para desenvolver a independência.	• Reconhecer e fazer uso de gestos, movimentos e ritmos corporais para comunicar suas necessidades, intenções, de modo a desenvolver a independência.	• Adequar gestos, movimentos e ritmos corporais a suas necessidades, intenções e ambientes, para desenvolver a independência.
• Participar de danças folclóricas (quadrilhas, brincadeiras de roda, brinquedos cantados etc.).	• Conhecer e participar de danças folclóricas (quadrilhas, brincadeiras de roda, brincadeiras cantadas etc.).	• Reconhecer, participar e valorizar as manifestações culturais como um patrimônio imaterial (quadrilhas, brincadeiras de roda, brincadeiras cantadas etc.).
• Experimentar atividades que envolvam sensações táteis e percepção das partes do próprio corpo.	• Participar de atividades que envolvam sensações táteis e percepção das partes do próprio corpo e do corpo de outras crianças.	• Identificar e nomear situações que envolvam sensações táteis e percepção das partes do próprio corpo e do corpo de outras crianças.
• Experimentar situações que evidenciem seus limites e potencialidades corporais.	• Participar e compartilhar situações que desafiem os limites e as potencialidades corporais.	• Reconhecer e compartilhar, superar e ampliar os limites e as potencialidades corporais.
• Vivenciar situações que exercitem os músculos da face por meio de brincadeiras, jogos e ginásticas (fazer caretas diversas; assoprar apitos, línguas de	• Participar e compartilhar situações que exercitem os músculos da face por meio de brincadeiras, jogos e ginásticas (fazer caretas diversas; assoprar apitos,	• Identificar e compartilhar situações que exercitem os músculos da face por meio de brincadeiras, jogos e ginásticas (fazer caretas diversas; assoprar apitos,

BEBÊS (0 a 1 ano e 6 meses)	CRIANÇAS BEM PEQUENAS (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses)	CRIANÇAS PEQUENAS (4 anos a 5 anos e 11 meses)
sogra, penas, chama de vela, balão de ar; mastigação; imitar os sons produzidos pelos animais; fazer bolhas de sabão; jogar beijos etc.).	línguas de sogra, penas, chama de vela, balão de ar; mastigação; imitar os sons produzidos pelos animais; fazer bolhas de sabão; jogar beijos etc.).	línguas de sogra, penas, chama de vela, balão de ar; mastigação; imitar os sons produzidos pelos animais; fazer bolhas de sabão; jogar beijos etc.).
• Perceber os sinais vitais (respiração, batimentos cardíacos e pulsação).	• Perceber a diferença do ritmo respiratório e dos batimentos cardíacos durante as atividades ativas e tranquilas, visando ao desempenho eficaz nas ações e tendo como base os sinais do corpo.	• Reconhecer a importância e a diferença do ritmo respiratório e dos batimentos cardíacos durante as atividades ativas e tranquilas, visando ao desempenho eficaz nas ações e tendo como base os sinais do corpo.
• Vivenciar diversas manifestações culturais, como brincadeiras, brincadeiras de roda, jogos, danças, festejos e canções tradicionais (pipa, cantigas de roda, pega-pega, cabra-cega, barra-manteiga, corda, pião, ciranda, esconde-esconde, elástico, bambolê etc.) e demais manifestações que digam respeito às tradições culturais de sua comunidade e de outras.	• Participar e reconhecer diversas manifestações culturais, como brincadeiras, brincadeiras de roda, jogos, danças, festejos e canções tradicionais (pipa, cantigas de roda, pega-pega, cabra-cega, barra-manteiga, corda, pião, ciranda, esconde-esconde, elástico, bambolê etc.) e demais manifestações que digam respeito às tradições culturais de sua comunidade e de outras.	• Participar, reconhecer e valorizar as diversas manifestações culturais, como brincadeiras, brincadeiras de roda, jogos, danças, festejos e canções tradicionais (pipa, cantigas de roda, pega-pega, cabra-cega, barra-manteiga, corda, pião, ciranda, esconde-esconde, elástico, bambolê etc.) e demais manifestações que digam respeito às tradições culturais de sua comunidade e de outras.
• Manusear objetos com uma ou ambas as mãos, para perceber o seu aspecto físico.	• Reconhecer a diferença, semelhança e aspectos físicos dos objetos usando mãos e pés.	• Investigar objetos com uma ou ambas as mãos, identificando suas qualidades e as diferenças entre eles por seu aspecto físico.
• Manusear diferentes brinquedos de materiais alternativos.	• Interagir com crianças de diferentes idades e adultos, utilizando brinquedos de materiais alternativos.	• Manipular materiais diversos para confeccionar brinquedos com materiais alternativos.
• Observar os papéis sociais e imitar por meio do próprio corpo nas brincadeiras de faz de conta.	• Participar de brincadeiras de faz de conta, expressando diferentes papéis sociais por meio do próprio corpo.	• Reconhecer e expressar as características dos diferentes papéis sociais nas brincadeiras de faz de conta.
• Vivenciar os processos simbólicos, por meio da dramatização de histórias, músicas, entre outros, tendo o corpo como protagonista.	• Participar e perceber os processos simbólicos, por meio da dramatização de histórias, músicas, entre outros, tendo o corpo como protagonista.	• Participar e reconhecer os processos simbólicos, por meio da dramatização de histórias, músicas, entre outros, tendo o corpo como protagonista.
• Vivenciar situações que envolvam a linguagem não verbal, de forma que a criança imite os elementos do mundo que a cerca por meio do corpo.	• Perceber a linguagem não verbal, fazendo uso da imitação, invenção e reinvenção dos elementos do mundo que a cerca por meio do corpo.	• Reconhecer e utilizar a linguagem não verbal, por meio da imitação e mímica, de forma a inventar e reinventar os movimentos dos elementos do mundo que a cerca.

BEBÊS (0 a 1 ano e 6 meses)	CRIANÇAS BEM PEQUENAS (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses)	CRIANÇAS PEQUENAS (4 anos a 5 anos e 11 meses)
• Movimentar, por meio do engatinhar, arrastar e rolar, em diferentes espaços, passando sobre obstáculos, por baixo de mesas e cadeiras e outros objetos.	• Ampliar os movimentos por meio do arrastar e rolar em diferentes espaços, passando sobre obstáculos, por baixo de mesas e cadeiras e outros objetos, em caminhos marcados no chão.	• Participar, em diferentes espaços, de situações com obstáculos, por baixo e por cima de diferentes objetos, em caminhos marcados no chão, escalando, equilibrando com um ou os dois pés.
• Desenvolver o equilíbrio pela posição de sentar, andar e ficar parado, de modo a tonificar sua musculatura.	• Perceber o equilíbrio do corpo ao andar e ao ficar parado, com e sem apoio de elementos e objetos do ambiente.	• Dominar o equilíbrio corporal em diferentes situações de movimentos (andando em linha reta, parado, pulando, saltando).
• Perceber diversas formas de comunicação (gestual e verbal).	• Participar e reconhecer diversas formas de comunicação (gestual e verbal).	• Participar e ampliar suas diversas formas de comunicação (gestual e verbal).
• Vivenciar atividades que envolvam habilidades de locomoção: arrastar e rolar.	• Participar de circuitos que envolvam habilidades de locomoção: arrastar, andar para frente, andar de costas.	• Realizar circuitos de locomoção: arrastar, rolar, saltar, pular com um pé ou com os dois, fazer estrelinha, andar.
• Experimentar atividades de relaxamento em diferentes contextos e situações.	• Participar de atividades de relaxamento pela escuta do próprio corpo, de músicas e sons da natureza.	• Praticar atividades de relaxamento pelo controle da respiração e escuta de variados sons.
• Desenvolver a coordenação visomotora utilizando diferentes materiais e situações.	• Vivenciar situações que ampliem a coordenação visomotora.	• Realizar e compartilhar, com seus pares e com adultos, atividades de coordenação visomotora.
• Experimentar situações que envolvam coordenação motora global, por meio de brincadeiras e atividades de espaços estruturados, com diferentes objetos de formas e cores variadas, bastões, cones, brinquedos etc.	• Participar de situações que envolvam coordenação motora global, por meio de brincadeiras, jogos, danças, ginásticas (atividades exploratórias de espaços estruturados com diferentes implementos – cordas, arcos, bastões, cones, brinquedos...).	• Ampliar as possibilidades de desenvolvimento da coordenação motora global por meio de brincadeiras, jogos, danças, ginásticas (atividades exploratórias de espaços estruturados com diferentes materiais – cordas, arcos, bastões, cones, brinquedos...).
• Manipular, em suas brincadeiras, objetos de diferentes tamanhos, formas, texturas e pesos (latas, caixas de papelão, copos plásticos, bastões de madeira, bolas de meia, sacos de estopa, pedaços de espuma, EVA etc.).	• Participar de brincadeiras com objetos de diferentes tamanhos, formas, texturas e pesos (pneus, latas, caixas de papelão, copos plásticos, bastões de madeira, bolas de meia, sacos de estopa, pedaços de espuma, isopor, EVA etc.).	• Criar brincadeiras com objetos de diferentes tamanhos, formas, texturas e pesos (pneus, latas, caixas de papelão, copos plásticos, bastões de madeira, bolas de meia, sacos de estopa, tampinhas de garrafa, pedaços de espuma, isopor, EVA etc.).

BEBÊS (0 a 1 ano e 6 meses)	CRIANÇAS BEM PEQUENAS (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses)	CRIANÇAS PEQUENAS (4 anos a 5 anos e 11 meses)
• Vivenciar diferentes situações motoras com objetos diversos (altos, baixos, curtos, compridos, finos, grossos, largos, estreitos, cheios, vazios etc.).	• Utilizar diferentes estratégias motoras para separar objetos altos de baixos, curtos de compridos, finos de grossos, largos de estreitos, cheios de vazios etc.	• Ampliar as diferentes estratégias motoras para separar objetos altos de baixos, curtos de compridos, finos de grossos, largos de estreitos, cheios de vazios etc.
• Conhecer brincadeiras e jogos com diferentes materiais e formas de apresentação.	• Reconhecer as brincadeiras, jogos, gestos, regras e outras formas de brincar.	• Reelaborar as brincadeiras e jogos, incluindo a criação de outros gestos e regras, em substituição e acréscimo aos tradicionais.
• Manipular objetos e materiais de formatos e tamanhos variados para desenvolver força e coordenação motora.	• Participar de atividades que envolvam materiais diversos e de variados tamanhos para desenvolver a coordenação motora fina que envolva ações de rasgar, dobrar e amassar vários tipos de papéis, empilhar, encaixar, pinçar, recortar, colar, modelar com massa ou argila, montar quebra-cabeças, manipular grãos diversos etc.	• Realizar atividades com materiais diversos e de variados tamanhos para desenvolver a coordenação motora fina que envolva ações de alinhar, traçar, contornar vários tipos de papéis, empilhar, encaixar, rosquear, pinçar, recortar, colar, pintar, modelar com massa ou argila, montar quebra-cabeças, manipular grãos diversos etc.
• Interagir, com crianças de diferentes faixas etárias e com os adultos, em atividades de locomoção (rastejar, rolar, sentar, ficar em pé etc.), de variadas formas (rápido, devagar, câmera lenta).	• Realizar atividades de locomoção (andar, correr, saltar, trotar etc.), de variadas formas (rápido, devagar, câmera lenta).	• Criar e participar de atividades de locomoção (andar, correr, saltar, trotar etc.), de variadas formas (rápido, devagar, câmera lenta).
• Participar de passeios e conversas com os bebês na instituição e/ou nas proximidades.	• Realizar passeios a pé, na própria instituição e/ou nas proximidades, seguidas de conversas sobre tudo que foi observado e sobre todas as ações e reações do corpo durante o trajeto.	• Dialogar e expressar as observações e sensações do próprio corpo em passeios a pé, na própria instituição e/ou nas proximidades.
• Desenvolver as habilidades locomotoras de arrastar, sentar, engatinhar, levantar e correr.	• Ampliar gradativamente as habilidades locomotoras de caminhar, correr, saltar, saltitar, pular, escorregar, rolar etc., visando à orientação espacial e à lateralidade, por meio de brincadeiras, jogos, ginásticas, danças etc.	• Demonstrar as habilidades de caminhar, correr, saltar, saltitar, pular, escorregar, rolar etc., visando à orientação espacial e à lateralidade, por meio de brincadeiras, jogos, ginásticas, danças etc.
• Conhecer e vivenciar as diferentes manifestações culturais que envolvam a comunidade da qual fazem parte.	• Reconhecer o repertório de jogos, brincadeiras, brinquedos, festejos, histórias e modos de vida das crianças, característicos de diferentes culturas e da tradição cultural de sua comunidade.	• Participar de pesquisas sobre o repertório de jogos, brincadeiras, brinquedos, festejos, histórias e modos de vida das crianças, característicos de diferentes culturas e da tradição cultural de sua comunidade.

BEBÊS (0 a 1 ano e 6 meses)	CRIANÇAS BEM PEQUENAS (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses)	CRIANÇAS PEQUENAS (4 anos a 5 anos e 11 meses)
• Experimentar as brincadeiras por meio de ações corporais (bater palmas, bater os pés, fazer barulhos com os lábios...).	• Participar de brincadeiras por meio de ações corporais, em que se explorem as diferentes possibilidades do corpo.	• Participar de brincadeiras por meio de ações corporais, em que se utilizem os conceitos de: antes/depois, curto/longo, cedo/tarde, lento/rápido, forte/fraco.
• Vivenciar situações que desenvolvam a percepção de lateralidade.	• Desenvolver sua dominância lateral através de ações habituais e brincadeiras.	• Reconhecer sua dominância lateral em ações habituais e brincadeiras.
• Iniciar o processo de segurar os utensílios da prática alimentar com autonomia e orientação do adulto.	• Segurar o prato e talher para alimentar-se com autonomia e realizar a prática do autosservimento com a orientação do adulto.	• Demonstrar autonomia no processo de alimentação e realizar a prática do autosservimento com a orientação do adulto.

16.3. Traços, sons, cores e formas



Alteração da imagem em respeito à Lei 13.709/2018 - LGPD

Esse campo de experiência abrange o trabalho educativo que evidencia as manifestações artísticas, culturais e científicas como aporte de desenvolvimento infantil, sejam elas locais ou de maior amplitude, como regionais, nacionais ou internacionais.

Nele, reconhece-se que a criança está imersa na cultura desde seu nascimento e convive com manifestações diversas, por meio de variados veículos aos quais está exposta, como dramatização, dança, vídeos, jogos de faz de conta, brincadeiras, sonoridades e músicas que ouve cotidianamente, cores que permeiam suas atividades sociais e culturais, dentre outros.

A criança como sujeito social e cultural produz cultura e traz consigo experiências e vivências provenientes de suas relações nos diversos grupos sociais aos quais pertence, como família, igreja, clubes, dentre outros, que compõem rico material de trabalho no espaço da Educação Infantil.

O trabalho nesse campo de experiência deve propiciar o desenvolvimento da expressão criativa da criança ao levar em consideração seu percurso de aprendizagem, os processos pelos quais passou e as relações imbricadas neles. Portanto, cabe ressaltar que, como organizador da prática educativa com a criança, o professor de Educação Infantil, ao voltar seu olhar e escuta sensível ao que a criança expressa, precisa ampliar sua percepção acerca dos contextos envolvidos em seu desenvolvimento nesse campo de experiência, valorizando as diversas

formas de expressão e linguagens, como as artes visuais, a música, a dança e o teatro, de maneira a não hierarquizar ou suprimir a oferta dessas formas de expressão à criança.

Dessa forma, deve-se atentar para a expressão da criança ao traçar, ao desenhar, livremente ou em atividades intencionais de comando de grafismo, ao eleger suas paletas de cores, seus movimentos corporais, suas dramatizações, suas elaborações e percepções sonoro-musicais, bem como para o seu olhar diante da produção digital ofertada massivamente pelos meios de comunicação ou materiais audiovisuais aos quais está exposta. Essa expressão deve conter elementos voltados à liberdade de criação, de imaginação e de experimentação.

Cabe, na Educação Infantil, possibilitar espaços que não limitem o desenvolvimento da criança, e sim que propiciem o contato com suas potencialidades de criação e participação em situações promotoras de sensibilização, de produção coletiva e individual, de valorização da própria expressão e apreciação do trabalho do outro (VIGOTSKI, 2003; 2009). Conduzir a criança à criticidade necessária ao desenvolvimento de sua própria identidade nesse campo de experiência a coloca em seu verdadeiro lugar de direito na educação: o de protagonista, ofertando-lhe condições de eleger e estabelecer a fruição e suas predileções perante as manifestações artísticas e culturais com as quais interage, propiciando-lhe também o trabalho com a dimensão estética da arte. Não obstante, o professor deverá expandir esse campo de experiência de modo a ofertar um cardápio de possibilidades para as atividades da criança, perpassar o material cultural produzido em diversos tempos e espaços pela humanidade, bem como dar espaço ao novo produzido no “aqui e agora” do cotidiano da Educação Infantil, evidenciando a importância e o respeito à autoria.

As atividades nesse campo de experiência devem ainda primar pelo desenvolvimento do senso estético da criança e do conhecimento de si mesma e dos outros, ao levar em consideração os contextos da realidade na qual cada uma está inserida. Assim, de modo a vislumbrar possibilidades de trabalho sustentável para além das convenções estabelecidas por meio de materiais educativos formatados, as atividades devem propor manipulações de materiais de diversas texturas, cores, sonoridades, tamanhos, formas e, assim, compor um cardápio que favoreça tanto a ação individual da criança, quanto a ampliação das possibilidades do trabalho coletivo.

A manifestação artística musical, por exemplo, precisa ser explorada para além das funções de comando atitudinal como geralmente se observa nos espaços de Educação Infantil. A educação da escuta atenta e intencional às variedades sonoras existentes no cotidiano da criança vai além do trabalho puramente imitativo ou reprodutivo de técnicas de utilização instrumental, ou do mero canto de canções infantis sem intencionalidade educativa musical. Ela deve promover condições do desenvolvimento de um trabalho investigativo cujo material sonoro observado e reconhecido em suas características (altura, timbre, andamento, intensidade etc.) pode se tornar produção de elementos e trilhas sonoras para

histórias, composições individuais ou coletivas, enriquecendo a expressão, a fruição e a apreciação musical da criança (MARTINEZ; PEDERIVA, 2014).

Partindo de uma educação sonora significativa, a criticidade e a ampliação cultural da criança e de seus pares alicerçam seu desenvolvimento nessa linguagem, possibilitando-o sem que juízos de valores externos desqualifiquem suas expressões de musicalidade, afinal a música é uma atividade humana como outras quaisquer (PEDERIVA; TUNES, 2013; MARTINEZ, 2017).

Assim, o desenvolvimento das linguagens corporais que denotam expressão artística como a dança e o teatro devem ser encarados como cotidianos na Educação Infantil, pois a criança interpreta papéis para compreender situações vivenciadas ao seu redor. A Psicologia Histórico-Cultural evidencia a dramaticidade da criança como própria dela em seu desenvolvimento; de forma similar, o desenho também se manifesta como ferramenta de expressão que traduz sua visão de mundo bem como as variadas técnicas próprias das artes visuais.

Dessa maneira, tais linguagens trabalhadas, inclusive simultaneamente como linguagens complementares, podem ofertar meios mais amplos de desenvolvimento da criança, incluindo o trabalho com o material audiovisual, que também surge como uma ferramenta importante, o que pode contribuir para revelar o olhar da criança sobre o cotidiano, como, por exemplo, quando ela fotografa uma cena, um objeto ou determinadas formas, evidenciando sua particularidade, suas relações e seu interesse investigativo nos objetos fotografados.

Observa-se, então, que as possibilidades de trabalho por meio de variadas atividades propostas nesse campo de experiência devem almejar o desenvolvimento integral da criança, ressaltando o que ela traz consigo e suas possibilidades de desenvolvimento e aprendizagem, como protagonista em seus processos educativos na Educação Infantil.

Cabe ao professor dessa etapa ocupar seu lugar no desenvolvimento das linguagens abarcadas nesse campo de experiência, assumindo o papel de um organizador do espaço educativo que tenha como principal foco o desenvolvimento da criança por meio das atividades propostas, planejadas e ordenadas.

Os mecanismos de desenvolvimento das atividades educativas, nesse campo de experiência, não devem se restringir aos fatores específicos das linguagens, mas sim abranger contextos da vida humana nos quais as crianças estão inseridas. Para tal, o professor de Educação Infantil torna-se um investigador juntamente com suas crianças e pares e possibilita a participação colaborativa da comunidade, bem como eventualmente de parceiros das áreas específicas quando desejado.

EIXOS TRANSVERSAIS: EDUCAÇÃO PARA A DIVERSIDADE / CIDADANIA E EDUCAÇÃO EM E PARA OS DIREITOS HUMANOS / EDUCAÇÃO PARA A SUSTENTABILIDADE		
EIXOS INTEGRADORES – CUIDAR E EDUCAR / BRINCAR E INTERAGIR CAMPO DE EXPERIÊNCIA – TRAÇOS, SONS, CORES E FORMAS OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO 1º CICLO		
BEBÊS (0 a 1 ano e 6 meses)	CRIANÇAS BEM PEQUENAS (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses)	CRIANÇAS PEQUENAS (4 anos a 5 anos e 11 meses)
Ter contato com a produção artística de outras crianças.	Valorizar produções artísticas individuais e coletivas no âmbito das linguagens artísticas.	Valorizar e criar produções artísticas individuais e coletivas em suas respectivas linguagens.
Interagir com produções artísticas individuais e coletivas.	Interagir com produções artísticas individuais e coletivas, desenvolvendo a dimensão estética da arte.	Ampliar o repertório e a criação de produções artísticas individuais e coletivas, nas diversas linguagens artísticas, desenvolvendo a dimensão estética da arte.
Tatear tintas coloridas.	Desenhar e colorir utilizando materiais variados, tais como tinta, lápis de cor, giz de cera, entre outros.	Expressar-se livremente, por meio de desenhos e pinturas, verbalizando o significado de sua produção.
Manusear materiais diversos (papel, papelão, embalagens, objetos, dentre outros) em diferentes planos, texturas e espaços.	Manusear e experimentar diferentes planos, texturas e espaços de materiais diversos (jornais, papel, papelão, embalagens, objetos, dentre outros).	Manusear e experimentar materiais diversos (jornais, papel, papelão, embalagens, objetos, dentre outros) em diferentes planos, texturas e espaços, criando objetos artísticos.
Manusear objetos e brinquedos coloridos.	Conhecer as cores primárias e secundárias.	Reconhecer as cores primárias e secundárias.
Manusear materiais naturais de cores diferentes (legumes, terra, areia, café, dentre outros).	Conhecer tintas alternativas feitas a partir de materiais naturais.	Produzir tintas alternativas a partir de materiais naturais (pó de café, urucum, cenoura, beterraba, folhas verdes, terras, dentre outros), utilizando-as em estado original ou acrescentando cola na formulação.
Manusear texturas ásperas, macias, enrugadas, lisas, de diversos materiais.	Experimentar e conhecer diversas texturas de variados materiais, relacionando texturas/objetos/materiais.	Experimentar e reconhecer a relação entre texturas/objetos/materiais, utilizando-os em diversas criações artísticas.

BEBÊS (0 a 1 ano e 6 meses)	CRIANÇAS BEM PEQUENAS (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses)	CRIANÇAS PEQUENAS (4 anos a 5 anos e 11 meses)
• Escutar diferentes fontes sonoras: ○ corpo (balbucios, vocalizações, onomatopeias e palmas); ○ natureza (sons da chuva, do vento, de animais, das folhas secas, pedras, dentre outros); ○ objetos cotidianos e materiais reutilizáveis (caixas de papelão, potes de plástico, panelas, colher de pau, madeira, garrafas, tampinhas, dentre outros).	• Explorar diferentes fontes sonoras: ○ corpo (voz/canto, estalos, passos, palmas, onomatopeias, dentre outros); ○ natureza (sementes, madeira, folhas, cascas, pedras de diferentes formas e tamanhos, dentre outros); ○ objetos cotidianos e materiais reutilizáveis (caixas de papelão, embalagens plásticas, sacos de papel, potes de plástico, panelas, colher de pau, madeira, garrafas, vidros, tampas, tampinhas, dentre outros).	• Utilizar, de forma dirigida, diferentes fontes sonoras para acompanhar canções, cantigas e brincadeiras cantadas. ○ corpo (voz/canto, estalos, passos, palmas, onomatopeias, dentre outros); ○ natureza (sementes, madeira, folhas, cascas, pedras de diferentes formas e tamanhos, dentre outros); ○ objetos do cotidiano e materiais reutilizáveis (caixas de papelão, embalagens plásticas, sacos de papel, potes de plástico, panelas, colher de pau, madeira, garrafas, vidros, tampas, tampinhas, tubos de papelão e PVC, tubos flexíveis, dentre outros).
• Explorar sons produzidos com objetos do cotidiano e materiais reutilizáveis.	• Criar livremente sons com o corpo, com objetos do cotidiano e com materiais reutilizáveis para acompanhamento de músicas cantadas e/ou ouvidas.	• Identificar sons e suas diversas fontes sonoras, por meio de jogos de escuta atenta/cabra-cega, caixa surpresa, o que é o que é, dentre outros.
• Ouvir histórias sonorizadas.	• Participar ativamente de histórias sonorizadas, utilizando diversas fontes sonoras.	• Criar, individual ou coletivamente, histórias para sonorizá-las, utilizando diversas fontes sonoras.
• Vivenciar sensações por meio da escuta de histórias sonorizadas.	• Perceber e expressar sensações, sentimentos e pensamentos por meio da escuta e participação ativa de histórias sonorizadas.	• Perceber e expressar sensações, sentimentos e pensamentos por meio de participação ativa e criação de histórias sonorizadas.
• Imitar sonorizações vocais livremente e ao ouvir cantigas.	• Interpretar canções individual e coletivamente.	• Criar pequenas paródias individuais e coletivas.
• Ouvir músicas folclóricas, erudita e popular.	• Escutar atentamente, em mídias, apresentações ou concertos, estilos e gêneros musicais (música folclórica, erudita, popular, dentre outros) do contexto da criança, seja familiar, comunitário e/ou da instituição educacional.	• Escutar atentamente, em mídias, apresentações ou concertos, estilos e gêneros musicais (música folclórica, erudita, popular, dentre outros) do contexto da criança, seja familiar, comunitário e/ou da instituição educacional, identificando livremente algumas diferenças existentes entre eles.

BEBÊS (0 a 1 ano e 6 meses)	CRIANÇAS BEM PEQUENAS (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses)	CRIANÇAS PEQUENAS (4 anos a 5 anos e 11 meses)
Expressar-se vocalizando balbucios, primeiras palavras e sons vocais diversos.	Expressar-se musicalmente de modo livre e direcionado por meio do canto, em variados momentos do cotidiano.	Cantar de modo livre e direcionado, em variados momentos do cotidiano, observando a maneira mais confortável de cantar, de acordo com sua voz (adequação do tom da música).
Escutar cantigas e canções marcadas com palmas, sua pulsação rítmica – tempo forte da música e da palavra.	Experimentar a pulsação rítmica – tempo forte da música e da palavra por meio de escuta de cantigas, de jogos musicais corporais e brincadeiras cantadas, utilizando palmas e pés para marcação do tempo forte.	Perceber a pulsação rítmica – tempo forte da música e da palavra, utilizando sons corporais e objetos do cotidiano para a marcação do tempo forte ao escutar e cantar cantigas e músicas diversas, ao participar de jogos musicais corporais e de brincadeiras cantadas.
Manipular objetos do cotidiano e materiais reaproveitáveis produzindo sons livremente.	Confeccionar instrumentos e objetos sonoros com materiais reaproveitáveis, explorando suas sonoridades (chocalhos com vasilhames e grãos, clavas com pedaços de cabo de vassoura, tambores com potes e caixas diversos, dentre outros).	Confeccionar instrumentos e objetos sonoros com materiais reaproveitáveis, utilizando-os para acompanhar músicas cantadas e pequenas composições autorais individuais ou coletivas (chocalhos com vasilhames, grãos e miçangas, clavas com pedaços de cabo de vassoura, tambores com potes e caixas diversos, dentre outros).
Escutar os sons de brinquedos e objetos que emitem sons variados.	Explorar sonoridades de instrumentos musicais convencionais, tais como: tambores, sinos, xilofones, teclados, coquinhos, triângulos, pauzinhos (clavas), brinquedos e objetos que emitam sons variados.	Organizar a pulsação rítmica para acompanhar músicas cantadas, utilizando instrumentos musicais convencionais ou instrumentos confeccionados com materiais reaproveitáveis.
Ouvir músicas cantadas intercaladas de canto e momentos de silêncio.	Desenvolver noções de som e silêncio utilizando a pesquisa sonora com instrumentos musicais convencionais e objetos sonoros.	Cantar intercalando som e silêncio, utilizando instrumentos e objetos sonoros para acompanhamento.
Ouvir músicas cantadas com variações da intensidade do som (forte/fraco) e perceber a intensidade por meio da vibração, tateando caixas de som durante a execução de músicas.	Cantar músicas explorando a intensidade do som (forte/fraco) e perceber a intensidade por meio da vibração, tateando caixas de som durante a execução de músicas.	Cantar músicas e acompanhá-las com instrumentos convencionais ou confeccionados com materiais diversos, explorando a intensidade do som (forte/fraco), e amplificar a intensidade das músicas cantadas e tocadas por meio de microfones e comparar sua vibração, tateando caixas de som durante a execução.

BEBÊS (0 a 1 ano e 6 meses)	CRIANÇAS BEM PEQUENAS (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses)	CRIANÇAS PEQUENAS (4 anos a 5 anos e 11 meses)
• Ouvir músicas cantadas com variações da altura do som (agudo/grave).	• Cantar músicas explorando a altura dos sons (agudo/grave).	• Cantar músicas acompanhadas de instrumentos musicais convencionais ou confeccionados, explorando a altura dos sons (agudo/médio/grave).
• Ouvir músicas usando livremente materiais de registro (tinta, giz colorido, dentre outros).	• Expressar graficamente diversos sons, utilizando registro espontâneo por meio de grafismo, colagem, pintura, dentre outros.	• Criar e decodificar registros sonoros utilizando seu próprio código de diferentes formas como o grafismo, pinturas e colagens.
• Participar de atividades com músicas usadas como fundo para realização de trabalho corporal livre.	• Participar de atividades com músicas usadas como fundo para a formação de repertório de memória e realização de trabalho corporal livre.	• Participar de atividades com músicas usadas como fundo para a formação de repertório de memória e realização de trabalho corporal livre e direcionado.
• Ouvir gravações de seus próprios sons corporais (balbucios, estalos de língua, bocejos, vibrações e articulações labiais, primeiras palavras, dentre outros).	• Gravar em celular, ouvir e apreciar suas produções musicais individuais e coletivas, nos diversos espaços e momentos da instituição educacional, incluindo os festejos.	• Gravar em celular e ouvir suas produções musicais individuais e coletivas, identificando elementos tais como: objetos e instrumentos utilizados, quem está cantando em tal ou qual período da música, qual som se apresenta mais forte e mais fraco na música.
• Manusear algodão, esponjas, brinquedos, dentre outros materiais, para sentir as diferentes texturas.	• Explorar e manipular materiais tridimensionais com diversas superfícies, planos, formas, volumes e objetos (areia molhada, argila, massa de modelar) para sentir as diferentes texturas e perceber suas formas.	• Explorar e manipular materiais tridimensionais com diversas superfícies, planos, formas, volumes e objetos (areia molhada, argila, massa de modelar, dentre outros), modelando suas formas e texturas para criar obra artística.
• Experimentar livremente o contato com materiais diversos (gizão de cera; papéis de tamanhos, cores, texturas e formatos variados; tintas variadas; materiais de pintura; esponjas; entre outros).	• Expressar-se livremente por meio de desenho, pintura, colagem, modelagens, recortes, manipulação de papéis utilizando diversos materiais (lápis; gizão de cera; papéis de tamanhos, cores, texturas e formatos variados; colas líquidas e em bastão; tintas variadas, de pintura a dedo, com pincéis grandes; entre outros).	• Criar livremente utilizando diversos materiais (lápis; gizão de cera; canetas grandes; papéis de tamanhos, cores, texturas e formatos variados; colas líquidas e em bastão; tintas variadas, de pintura a dedo, com pincéis grandes, grossos e finos; entre outros), expressando sua arte por meio de desenho, pintura, colagem, escultura, modelagens.
• Observar imagens por meio de fotografias, pinturas e objetos.	• Observar diversas imagens/cenas/obras por meio de fotografias, pinturas, objetos, esculturas, cenas cotidianas, gravuras e obras de artistas.	• Observar e reconhecer diversas imagens/cenas/obras por meio de fotografias, pinturas, objetos, esculturas, cenas cotidianas, gravuras e obras de artistas.

BEBÊS (0 a 1 ano e 6 meses)	CRIANÇAS BEM PEQUENAS (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses)	CRIANÇAS PEQUENAS (4 anos a 5 anos e 11 meses)
• Observar figuras humanas, de animais e de objetos livremente.	• Criar livremente figuras humanas, de animais e de objetos por meio de desenhos, pinturas, colagens e modelagens.	• Criar livremente figuras humanas, de animais, de objetos e de cenas por meio de desenhos, pinturas, colagens e modelagens, contextualizando-as intencionalmente.
• Observar figuras humanas, de animais e de objetos, atribuindo-lhes nomes.	• Observar figuras humanas, de animais e objetos, para perceber forma e volume exercitando a percepção visual, raciocínio, atenção e imaginação.	• Desenhar observando modelo real de pessoas, animais e objetos para perceber forma, volume e luz, exercitando a percepção visual, raciocínio, atenção, interpretação e imaginação.
• Desenhar livremente.	• Desenhar descrevendo histórias, lugares e acontecimentos narrados.	• Desenhar e criar narrativas de histórias, lugares e acontecimentos.
• Expressar seus próprios traços usando diferentes materiais (tinta, areia, dentre outros).	• Desenhar com interferência gráfica de imagens, usando papéis de formatos e tamanhos diferentes, vazados ou não, ou formas geométricas que servirão de suporte para o desenho.	• Desenhar com interferência gráfica de imagens – personagens de tirinhas, fotografias, imagens de revistas e formas geométricas –, usando papéis de formatos e tamanhos diferentes, vazados ou não, que servirão de suporte para o desenho.
• Manusear livros de diferentes tamanhos e materiais (tecido, EVA, plástico e/ou papel).	• Pesquisar e colecionar (com a família/responsáveis) imagens narrativas para confecção de álbuns de história de vida.	• Pesquisar e colecionar (com a família/responsáveis) imagens narrativas e experimentos científicos para confecção de álbuns temáticos.
• Manusear obras de Arte (esculturas).	• Emitir opiniões em relação a obras de Arte.	• Emitir opiniões e sentimentos em relação a diversas obras de Arte.
• Imaginar em que um objeto poderia transformar-se.	• Desenvolver os sentidos, a percepção e a imaginação por meio da apreciação artística.	• Desenvolver a sensibilidade, sentimentos e imaginação por meio da apreciação e da produção artística.
• Olhar imagens dispostas em variados suportes (fotografias, pinturas e objetos).	• Descrever imagens dispostas em variados suportes (fotografias, pinturas, objetos, esculturas, cenas cotidianas, gravuras e obras de artistas).	• Descrever e interpretar imagens dispostas em variados suportes (fotografias, pinturas, objetos, esculturas, cenas cotidianas, gravuras e obras de artistas).
• Observar diversas imagens em jogos de esconde-esconde.	• Ativar a imagem mental de objetos e imagens reais, por meio da observação, memória e imaginação.	• Desenhar de maneira a ativar a imagem mental de objetos e imagens reais, desenvolvendo memória, observação e imaginação.

BEBÊS (0 a 1 ano e 6 meses)	CRIANÇAS BEM PEQUENAS (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses)	CRIANÇAS PEQUENAS (4 anos a 5 anos e 11 meses)
• Imitar gestos, sons e movimentos corporais de outras crianças, adultos e animais.	• Imitar gestos, sons e movimentos corporais de outras crianças, adultos e animais, em brincadeiras, contação de histórias e dramatizações.	• Imitar e criar gestos, sons e movimentos corporais de outras crianças, adultos e animais em brincadeiras, contação de histórias e dramatizações.
• Observar dramatizações de histórias, apresentações e jogos teatrais.	• Apreciar dramatizações de histórias, apresentações e jogos teatrais, observando sua temática.	• Ampliar progressivamente as possibilidades de apreciação de dramatizações, criação de histórias, apresentações e jogos teatrais, observando suas temáticas.
• Experimentar diferentes sentimentos em brincadeiras de esconder e mostrar o rosto e objetos.	• Experimentar intencionalmente a expressividade (triste, alegre, bravo) em brincadeiras teatrais.	• Experimentar intencionalmente a expressividade (triste, alegre, bravo), por meio de jogos e brincadeiras teatrais, utilizando bonecos e máscaras.
• Participar de brincadeiras de faz de conta.	• Criar situações cênicas em jogos de faz de conta.	• Criar e improvisar situações cênicas em jogos de faz de conta.
• Experimentar elementos visuais e sonoros de representação teatral.	• Conhecer gradativamente os elementos visuais e sonoros da representação teatral: personagens, texto, caracterização, cenário e sonoplastia.	• Conhecer e utilizar gradativamente os elementos visuais e sonoros da representação teatral: personagens, texto, caracterização, cenário e sonoplastia.
• Observar fantasias utilizadas em brincadeiras de faz de conta.	• Participar da elaboração de cenários, figurino e maquiagem em situações de dramatização de histórias conhecidas ou inventadas pelo grupo.	• Participar da elaboração de roteiros cênicos, cenários, figurino e maquiagem em situações de dramatização de histórias conhecidas ou inventadas pelo grupo.
• Vivenciar situações de plateia por meio de apresentações teatrais.	• Vivenciar situações como plateia e artista por meio de jogos teatrais e faz de conta.	• Ampliar a noção de plateia e artista por meio de vivências em jogos teatrais e faz de conta.
• Assistir teatro de sombras, pantomima, fantoches, bonecos, máscaras, entre outras possibilidades.	• Participar de jogos teatrais com sombras, pantomima, fantoches, bonecos, máscaras, entre outras possibilidades.	• Participar e criar jogos teatrais com sombras, pantomima, fantoches, bonecos, máscaras, entre outras possibilidades.
• Vivenciar movimentos corporais por meio de vários tipos de sons e músicas.	• Experimentar e vivenciar movimentos corporais por meio de vários tipos de sons e músicas de diversos estilos e culturas.	• Explorar, vivenciar e organizar movimentos corporais por meio de vários tipos de sons e músicas de diversos estilos e culturas.

BEBÊS (0 a 1 ano e 6 meses)	CRIANÇAS BEM PEQUENAS (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses)	CRIANÇAS PEQUENAS (4 anos a 5 anos e 11 meses)
• Observar partes de seu corpo.	• Observar as características corporais individuais, destacando a forma, o volume e o peso.	• Observar e descrever as características corporais individuais: a forma, o volume e o peso.
• Experimentar brincadeiras dançadas como as cirandas e rodas.	• Vivenciar brincadeiras dançadas como as cirandas, rodas e outras possibilidades da cultura popular.	• Vivenciar e protagonizar brincadeiras dançadas como as cirandas, rodas e outras possibilidades da cultura popular.
• Brincar com diferentes brinquedos de materiais alternativos.	• Interagir com crianças de diferentes idades, utilizando brinquedos de materiais alternativos.	• Confeccionar brinquedos com materiais alternativos.
• Participar de brincadeiras de faz de conta, observando diferenças entre animais e personagens humanos.	• Participar e interagir em brincadeiras de faz de conta, de modo a vivenciar diferentes papéis sociais.	• Reconhecer as características dos diferentes papéis sociais e realizar brincadeiras de faz de conta.

16.4. Escuta, fala, pensamento e imaginação



Alteração da imagem em respeito à Lei 13.709/2018 - LGPD

Na Educação Infantil, é importante que as crianças participem de experiências de falar e ouvir, de forma a potencializar sua participação na cultura falada – oral ou gestual –, pois “é na escuta de histórias, na participação em conversas, nas descrições, nas narrativas elaboradas individualmente ou em grupo e nas implicações com as múltiplas linguagens que a criança se constitui ativamente como sujeito singular e pertencente a um grupo social” (BRASIL, 2017, p. 40).

Este campo de experiência estabelece interlocuções mais prementes com as linguagens oral, escrita, corporal, artística e interações com a natureza e a sociedade, embora dialogue com as demais linguagens. No tocante às experiências com a linguagem oral e escrita, é importante reafirmar que não se espera que as crianças, na Educação Infantil, dominem o sistema alfabético. O que se pretende é que reflitam sobre esse sistema e participem criticamente da cultura escrita, de modo a desenvolver o prazer pela literatura, fruindo e exercitando a leitura e a escrita de acordo com suas possibilidades, ao ter como recursos as interações, as diversas linguagens e a imaginação.

De acordo com os pressupostos teóricos deste Currículo – Psicologia Histórico-Cultural e Pedagogia Histórico-Crítica –, o ser humano, por meio das relações com outros humanos e, em sociedade, inserido em um tempo e uma cultura, aprende a falar e a ouvir, a se posicionar e a acolher a opinião das outras pessoas, mesmo quando divirja do dele. A instituição que oferta Educação Infantil tem, pois, grande importância no sentido de introduzir as crianças nessas práticas, de modo a possibilitar vivências em que experimentem o falar e o ouvir, o pensar e o imaginar, apropriando-se, assim, das marcas da humanidade.

De acordo com as DCNEI (2010a), cresce em importância a organização de atividades desafiantes, de contato com diferentes gêneros escritos, como a leitura diária de livros pelos adultos, a contação de histórias e o incentivo para que as crianças manuseiem livros, gibis e revistas, produzam textos mesmo sem saber ler e escrever convencionalmente, vivenciando, assim, processos imaginativos e criativos que colaborem para o desenvolvimento do pensamento. Nas diversas interações que ocorrem no âmbito da instituição que oferta Educação Infantil, as crianças vão aprimorando sua capacidade de expressão, argumentação, elaboração de perguntas e respostas, narração de fatos em sequência temporal e causal, resolução de situações-problema, entre outros elementos.

Na Educação Infantil, cujo objetivo não consiste em ensinar a escrever convencionalmente, a criança utiliza sua produção gráfica, o desenho, a fim de se comunicar. O propósito de comunicação faz do desenho um alicerce importante para a apropriação da língua escrita pela criança. Todavia, outras formas de expressão, aliadas ao desenho, devem ser contempladas no planejamento docente: a música, a brincadeira, a dança, o teatro, entre outras.

Quanto ao aspecto da imaginação, esta ocupa um papel importante na perspectiva Histórico-Cultural. De acordo com Elkonin (2009), a capacidade de imaginação e substituição simbólica transformam o manuseio de objetos em brincadeira, pois esta só existe se há ficção.

Sobre a imaginação, Vigotski (2009) advertiu que, apesar de ser comum a crença de que as crianças têm uma imaginação mais rica do que os adultos, isso não procede. Para ele, a imaginação se alimenta da realidade, logo, quanto mais experiência, mais imaginação. O que ocorre é que as crianças costumam acreditar no seu poder imaginativo, e os adultos não. Dessa forma, brincar é vital para o desenvolvimento da criança em todos os aspectos: social, emocional, cognitivo, motor, volitivo e fala.

EIXOS TRANSVERSAIS: EDUCAÇÃO PARA A DIVERSIDADE / CIDADANIA E EDUCAÇÃO EM E PARA OS DIREITOS HUMANOS / EDUCAÇÃO PARA A SUSTENTABILIDADE
**EIXOS INTEGRADORES – CUIDAR E EDUCAR / BRINCAR E INTERAGIR
CAMPO DE EXPERIÊNCIA – ESCUTA, FALA, PENSAMENTO E IMAGINAÇÃO
OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO
1º CICLO**

BEBÊS (0 a 1 ano e 6 meses)	CRIANÇAS BEM PEQUENAS (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses)	CRIANÇAS PEQUENAS (4 anos a 5 anos e 11 meses)
Reconhecer quando é chamado por seu nome e reconhecer os nomes das pessoas com quem convive.	Dialogar com crianças de diferentes idades e adultos, expressando seus desejos, necessidades, sentimentos e opiniões.	Expressar ideias, desejos e sentimentos sobre suas vivências, por meio da linguagem oral e escrita (escrita espontânea), de fotos, desenhos e outras formas de expressão.
Demonstrar interesse ao ouvir a leitura de poemas e apresentação de músicas.	Identificar e criar diferentes sons e reconhecer rimas e aliterações em cantigas de roda e textos poéticos.	Inventar brincadeiras cantadas, poemas e canções, criando rimas, aliterações e ritmos.
Demonstrar interesse ao ouvir histórias lidas ou contadas, observando ilustrações e os movimentos de leitura do adulto-leitor (modo de segurar o livro e de virar as páginas).	Demonstrar interesse e atenção ao ouvir a leitura de histórias e outros textos, diferenciando escrita de ilustrações, com orientação do adulto-leitor, a direção da leitura (de cima para baixo, da esquerda para a direita).	Escolher e folhear livros, procurando se orientar por temas e ilustrações, acompanhando a narrativa.
Reconhecer elementos das ilustrações de histórias, apontando-os, a pedido do adulto-leitor.	Formular e responder perguntas sobre fatos da história narrada, identificando cenários, personagens e principais acontecimentos.	Recontar histórias ouvidas e planejar coletivamente roteiros de encenações, definindo os contextos e os personagens, a estrutura da história.
Imitar as variações de entonação e gestos realizados pelos adultos, ao ler histórias e ao cantar.	Relatar experiências e fatos acontecidos, histórias ouvidas, filmes ou peças teatrais assistidos etc.	Recontar histórias ouvidas para produção de reconto escrito, tendo o professor como escriba.
Comunicar-se com outras pessoas usando movimentos, gestos, balbucios, fala e outras formas de expressão.	Criar e contar histórias oralmente, com base em imagens ou temas sugeridos.	Produzir suas próprias histórias orais e escritas (escrita espontânea), em situações com função social significativa.
Conhecer e manipular materiais impressos e audiovisuais em diferentes portadores (livro, revista, gibi, jornal, cartaz, CD, tablet etc.).	Manusear diferentes portadores textuais, demonstrando reconhecer seus usos sociais.	Levantar hipóteses sobre gêneros textuais veiculados em portadores diversos, recorrendo a estratégias de observação e leitura.

BEBÊS (0 a 1 ano e 6 meses)	CRIANÇAS BEM PEQUENAS (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses)	CRIANÇAS PEQUENAS (4 anos a 5 anos e 11 meses)
Participar de situações de escuta de textos em diferentes gêneros textuais (poemas, fábulas, contos, receitas, quadrinhos, anúncios etc.).	Manipular textos e participar de situações de escuta para ampliar seu contato com diferentes gêneros textuais (parlendas, poesia, telefonemas, histórias, tirinhas, cartazes, cardápios, notícias etc.).	Selecionar textos de gêneros conhecidos para a leitura de um adulto e/ou para sua própria leitura (partindo de seu repertório sobre esses textos, como a recuperação pela memória, pela leitura das ilustrações etc.).
Conhecer e manipular diferentes instrumentos e suportes de escrita para desenhar, pintar, rabiscar, desenvolvendo seu aspecto sensorial-tátil.	Manusear, de diversas maneiras diferentes, instrumentos e suportes para desenhar, pintar, rabiscar e traçar escrita espontânea, desenvolvendo seu aspecto sensorial-tátil.	Levantar hipóteses em relação à linguagem escrita, realizando registros de letras por meio de escrita espontânea.
Vivenciar diferentes formas de expressão para se comunicar (sorriso, choro, beijo, balanço da cabeça negativa ou afirmativa etc.).	Perceber e utilizar diferentes formas de expressão para se comunicar (sorriso, choro, beijo, balanço da cabeça negativa ou afirmativa etc.).	Reconhecer e utilizar diferentes formas de expressão para se comunicar (sorriso, choro, beijo, balanço da cabeça negativa ou afirmativa etc.).
Observar imagens e gestos que representam ideias.	Perceber as imagens e gestos que representam ideias a fim de relacioná-los à sua vivência.	Expressar-se usando imagens e gestos, representando ideias e fazendo relações.
Imitar sons e palavras ouvidas.	Reconhecer e imitar diferentes sons e palavras ouvidas.	Expressar-se por meio das palavras de forma clara e organizada.
Perceber que o som produzido por seu corpo é uma maneira de comunicação, iniciando a emissão de vocalizações.	Perceber que o som produzido por seu corpo é uma maneira de comunicação, desenvolvendo a capacidade de diferenciação da fala humana.	Explorar diferentes sons produzidos com o corpo e reconhecê-los como forma de comunicação (assoviar, estalar os dedos, bater palmas, bater o pé etc.).
Escutar e tentar imitar as palavras que são pronunciadas.	Escutar e tentar pronunciar as palavras.	Reconhecer e valorizar o uso adequado das palavras.
Expressar-se livremente, utilizando vocalizações com seus pares de diferentes idades e com os adultos.	Interagir, por meio da oralidade, com seus pares de diferentes idades e com os adultos.	Comunicar-se por meio da linguagem oral com seus pares e com os adultos, expressando clareza de pensamentos.
Observar as habilidades básicas necessárias à produção e emissão correta de fonemas em meio às práticas comunicativas.	Desenvolver, paulatinamente, as habilidades básicas necessárias à produção e emissão correta de fonemas, expressando-se e reproduzindo mensagens verbais com gradativa clareza e fluência.	Reconhecer as habilidades básicas necessárias à produção e emissão correta de fonemas, expressando-se e reproduzindo mensagens verbais com gradativa clareza e fluência.

BEBÊS (0 a 1 ano e 6 meses)	CRIANÇAS BEM PEQUENAS (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses)	CRIANÇAS PEQUENAS (4 anos a 5 anos e 11 meses)
• Observar situações comunicativas.	• Participar de situações comunicativas, compreendendo a existência de diferentes assuntos.	• Transmitir avisos, recados e outros procedimentos correlatos.
• Vivenciar momentos de conversa com crianças da mesma idade, de idades diferentes e com adultos.	• Exercitar a capacidade de lembrar e executar ações em passos sequenciais, seguindo instruções verbais.	• Demonstrar a capacidade de lembrar e executar ações em passos sequenciais, seguindo instruções verbais.
• Observar a narração de fatos.	• Participar de narração de fatos em sequência temporal e causal.	• Narrar fatos em sequência temporal e causal.
• Observar a oralidade como forma de manifestar desejos, necessidades e opiniões.	• Expressar oralmente desejos, experiências, necessidades e opiniões.	• Reconhecer e valorizar a oralidade como forma de expressar desejos, experiências, necessidades e opiniões.
• Observar a exposição de ideias e fatos com a orientação de adultos e utilização de recursos, como ilustrações, objetos etc.	• Vivenciar exposição de ideias e fatos com auxílio de adultos e utilização de recursos como ilustrações, objetos etc.	• Expor ideias e fatos com e sem auxílio de adultos e utilização de recursos como ilustrações, objetos etc.
• Ouvir histórias contadas com objetos diversos, iluminação e sonorização.	• Reconhecer as características de objetos, personagens, cenas de histórias e situações cotidianas.	• Descrever as características de objetos, personagens, cenas de histórias e situações cotidianas.
• Vivenciar conversas em grupos com crianças de diferentes faixas etárias e com os adultos.	• Participar de conversas em grupos, apoiando-se na fala complementar de seus pares de diferentes idades e dos adultos.	• Participar de conversas em grupos, apoiando-se não apenas na fala complementar do adulto, mas também em sua memória.
• Vivenciar diferentes brincadeiras em contextos diversos.	• Desenvolver a autoexpressão nas brincadeiras de faz de conta, lançando mão da imaginação e memória.	• Criar e reconhecer a autoexpressão nas brincadeiras de faz de conta, lançando mão da imaginação e memória.
• Expressar-se por meio de desenhos (grafismos).	• Reconhecer o próprio desenho e o desenho dos colegas.	• Explicar o próprio desenho e tentar fazer o mesmo com o dos colegas.
• Perceber a diferença ao ser chamado pelo próprio nome em relação ao nome dos colegas.	• Reconhecer o próprio nome e o nome dos colegas.	• Reconhecer e identificar, de diversas formas, o próprio nome e o nome dos colegas.

BEBÊS (0 a 1 ano e 6 meses)	CRIANÇAS BEM PEQUENAS (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses)	CRIANÇAS PEQUENAS (4 anos a 5 anos e 11 meses)
• Manusear rótulos e embalagens no cotidiano.	• Manusear rótulos e embalagens no cotidiano, a fim de perceber suas funções e diferenças.	• Identificar e reconhecer rótulos e embalagens no cotidiano, a fim de perceber suas funções e diferenças.
• Vivenciar situações individuais e coletivas de leitura.	• Participar em situações individuais e coletivas de leitura, como forma de vivência estética.	• Demonstrar interesse em situações individuais e coletivas de leitura, como forma de vivência estética.
• Ter contato com alguns dos suportes convencionais e incidentais dos gêneros textuais (revista, jornal, rádio, TV, computador, faixas, muros, paredes, janelas de veículos etc.).	• Explorar os suportes convencionais e incidentais dos gêneros textuais (revista, jornal, outdoor, quadro de avisos, rádio, TV, computador, faixas, muros, paredes, janelas de veículos, ambiente virtual – computador, tablet, celular etc.).	• Reconhecer os suportes convencionais e incidentais dos gêneros textuais (revista, jornal, outdoor, quadro de avisos, rádio, TV, computador, faixas, muros, paredes, janelas de veículos, ambiente virtual – computador, tablet, celular etc.).
• Vivenciar brincadeiras de diferentes culturas.	• Vivenciar e respeitar brincadeiras de diferentes culturas.	• Vivenciar, respeitar e conhecer a história de brincadeiras de diferentes culturas.
• Acompanhar leituras por meio de ilustrações.	• Participar de leituras por meio de gravuras, imagens etc.	• Realizar leituras por meio de gravuras, imagens etc.
• Vivenciar o contato com diferentes tipos de livros.	• Compreender que livros e outros impressos têm autor, ilustrador e capa.	• Compartilhar informações de que livros e outros impressos têm autor, ilustrador e capa.
• Manusear diferentes suportes literários com a finalidade de observar as formas, texturas, cores e ilustrações.	• Vivenciar procedimentos de leitura de textos literários e não literários, apoiando-se em modelos de outras pessoas, mesmo não lendo de forma convencional.	• Realizar procedimentos de leitura, de textos literários e não literários, apoiando-se em modelos de outras pessoas, mesmo não lendo de forma convencional.
• Experimentar tentativas espontâneas de representar, por meio do grafismo (desenho), as histórias ouvidas.	• Representar, por meio do grafismo (desenho), as histórias ouvidas.	• Recriar, de forma gráfica (desenho ou escrita espontânea), as histórias ouvidas.
• Perceber a existência da leitura/escrita.	• Perceber a leitura/escrita como uma prática para mudança de ação (placas de sinalização, avisos, instruções, cartazes de rua etc.).	• Reconhecer e valorizar a leitura/escrita como uma prática para mudança de ação (placas de sinalização, avisos, instruções, cartazes de rua etc.).
• Ouvir e perceber o ritmo e a entonação por meio de leitura de textos realizada pelo adulto para melhor compreensão dos sentidos.	• Perceber e imitar o ritmo e a entonação da leitura de textos (palavras e frases) realizada pelo adulto para melhor compreensão dos sentidos.	• Perceber a importância do ritmo e da entonação da leitura de textos (palavras e frases) realizada pelo adulto para melhor compreensão dos sentidos.

BEBÊS (0 a 1 ano e 6 meses)	CRIANÇAS BEM PEQUENAS (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses)	CRIANÇAS PEQUENAS (4 anos a 5 anos e 11 meses)
• Perceber a existência de meios de comunicação entre humanos.	• Reconhecer a importância dos meios de comunicação entre humanos no decorrer da história.	• Reconhecer a evolução dos meios de comunicação entre humanos no decorrer da história.
• Perceber que existem diferentes formas de se comunicar (fala oral, gestual, movimentos e expressões corporais).	• Identificar e utilizar diferentes possibilidades de comunicação com os outros (fala oral, gestual, escrita, movimentos e expressões corporais, por meio de instrumentos – meios de comunicação).	• Reconhecer a evolução dos meios de comunicação entre humanos no decorrer da história, experimentando particularmente as novas tecnologias.
• Ouvir canções e histórias de diferentes culturas.	• Ouvir e respeitar canções e histórias de diferentes culturas.	• Vivenciar, respeitar e conhecer a cultura de diferentes povos.
• Ouvir a recitação de parlendas, adivinhas, canções, poemas e trava-línguas.	• Participar da recitação de parlendas, adivinhas, canções, poemas e trava-línguas.	• Recitar parlendas, adivinhas, canções, poemas e trava-línguas.
• Expressar-se por meio de desenhos (grafismos).	• Registrar ideias e sentimentos por meio do desenho, comunicando experiências de lugares, pessoas e objetos.	• Expressar ideias e sentimentos por meio do desenho, comunicando experiências de lugares, pessoas e objetos.
• Manusear diferentes materiais para a realização de pinturas (papel pardo, pisos, paredes, guache, gizão de cera, caco de telha, carvão, giz, pincel etc.).	• Experimentar diferentes materiais para a realização de pinturas (papel pardo, pisos, paredes, guache, gizão de cera, caco de telha, carvão, giz, pincel etc.).	• Reconhecer as diferentes possibilidades de escolha de materiais para a realização de pinturas (papel, pisos, paredes, guache, gizão de cera, giz, pincel etc.).
• Ter contato com letras, números e desenhos, entre outros sinais gráficos.	• Diferenciar letras de números e desenhos, entre outros sinais gráficos.	• Reconhecer e diferenciar letras, números, desenhos e outros sinais gráficos.
• Vivenciar diferentes posições espaciais e corporais (sentado, em pé, deitado de bruços, entre outras) para desenhar.	• Experimentar diferentes posições espaciais e corporais (sentado, em pé, deitado de bruços, entre outras) para desenhar.	• Reconhecer diferentes possibilidades de posições espacial e corporal (sentado, em pé, deitado de bruços, entre outras) para desenhar.
• Realizar produções de rabiscos e garatujas.	• Perceber, de forma gradativa, a ideia de representação por meio da produção de rabiscos e garatujas na realização de tentativas de escritas não convencionais.	• Desenvolver, de forma gradativa, a ideia de representação por meio da produção de rabiscos e garatujas na realização de tentativas de escritas não convencionais.
• Perceber que possui um nome, entendendo sua utilidade como elemento de identificação pessoal.	• Perceber a importância do nome, entendendo sua utilidade como elemento de identificação pessoal.	• Escrever o próprio nome e reconhecer a sua importância e sua utilidade como elemento de identificação pessoal.

BEBÊS (0 a 1 ano e 6 meses)	CRIANÇAS BEM PEQUENAS (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses)	CRIANÇAS PEQUENAS (4 anos a 5 anos e 11 meses)
• Observar a escrita do próprio nome.	• Reconhecer as letras que compõem o próprio nome em diferentes situações.	• Identificar e registrar as letras que compõem o próprio nome em diferentes situações.
• Observar e brincar com o alfabeto.	• Identificar, de forma paulatina, o alfabeto, principalmente quando associado a um nome familiar.	• Registrar, de forma paulatina, o alfabeto, principalmente quando associado a um nome familiar.
• Desenvolver a oralidade.	• Perceber a relação entre grafema/fonema do próprio nome e de palavras de uso cotidiano.	• Estabelecer a relação entre grafema/fonema do próprio nome e de palavras de uso cotidiano.
• Explorar diferentes materiais que riscam (giz de cera, tinta guache, cola colorida, carvão), percebendo como elementos culturais (processo do grafismo).	• Experimentar diferentes materiais que riscam (giz de cera, tinta guache, cola colorida, carvão) para expressar sentimentos e ideias que são elementos culturais (processo do grafismo).	• Reconhecer e utilizar diferentes materiais que riscam (giz de cera, tinta guache, cola colorida, carvão) para expressar sentimentos, ideias, com a compreensão que são elementos culturais (processo do grafismo).
• Experimentar a expressão gráfica por meio da escrita espontânea, visando ao desenvolvimento de movimentos manuais.	• Experimentar a expressão gráfica por meio da escrita espontânea, visando ao desenvolvimento de movimentos manuais, na perspectiva do aprendizado futuro da escrita.	• Desenvolver maior controle da expressão gráfica por meio da escrita espontânea, visando ao desenvolvimento de movimentos manuais, na perspectiva do aprendizado futuro da escrita.
• Observar e manusear letras de diferentes cores e texturas, tamanhos e formatos.	• Manusear letras de diferentes cores e texturas, tamanhos e formatos.	• Perceber a importância da utilização das letras do alfabeto para a escrita de palavras.
• Vivenciar brincadeiras relacionadas à fala do próprio nome.	• Experimentar jogos que relacionam a fala com a escrita por meio da dança, do teatro, da música, da matemática.	• Participar da criação de diversos jogos que relacionam a fala com a escrita, por meio da dança, do teatro, da música, da matemática.
• Aprender, paulatinamente, as regras sociais por meio da fala e da brincadeira.	• Imitar e compreender as regras sociais por meio da fala e da brincadeira.	• Compreender as regras sociais por meio da fala e da brincadeira, elaborando novos comportamentos.
• Conhecer as regras sociais de diferentes povos.	• Conhecer e respeitar as regras sociais de diferentes povos.	• Compreender que as regras sociais de diferentes povos fazem parte de sua identidade e história e que precisam ser respeitadas.

16.5. Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações



Alteração da imagem em respeito à Lei 13.709/2018 - LGPD

Este campo de experiência do Currículo propõe que as crianças experimentem o mundo ao seu redor, enquanto investigam, descobrem, interagem, elaboram e transformam a sociedade na qual estão inseridas.

De acordo com Arce, Silva e Varotto (2011), a criança, desde pequena, busca compreender, assim como o cientista, o mundo ao seu redor, partindo de sentimentos de admiração, encantamento e curiosidade diante dele. Esses sentimentos devem ser nutridos pelos adultos, que, intencionalmente, planejam propostas de pesquisa, investigação, exploração, constatação e refutação de ideais acerca do mundo, proporcionando atividades que estimulem a resolução de problemas inerentes à fase e ao contexto das crianças.

Levando em conta a interlocução entre as múltiplas linguagens da infância, neste campo de experiência, as linguagens mais presentes são a matemática e interações com a natureza e a sociedade, embora também haja conexões com as demais.

Este Currículo não propõe o ensino da Matemática de modo sistemático, mas o desenvolvimento da linguagem matemática. Assim, considerando que “enquanto atividade humana, a matemática é uma forma particular de organizarmos os objetos e eventos no mundo” (NUNES; CARRAHER; SCHLIEMANN, p. 13, 1988), sugere-se que, por meio da manipulação e experimentação proporcionadas pelas interações e brincadeiras, as crianças vivenciem a matemática debatendo e

discutindo ideias que permitam a compreensão e o desenvolver de conceitos matemáticos.

Uma vez que a matemática está presente na vida de todos, é indispensável que, desde a mais tenra idade, as crianças participem de situações que possibilitem a apropriação e o emprego desta linguagem. Isso se realiza mediante atividades que contemplem a matemática para além do uso dos números e possibilitem que se “recriem, em contextos significativos para as crianças, relações quantitativas, medidas, formas e orientações espaço temporais” (DCNEI, 2010a, p. 25-26).

Segundo Arce, Silva e Varotto (2011), frequentemente, a Educação Infantil tem organizado suas propostas apenas de acordo com o que é perceptível aos órgãos sensoriais. Todavia, esse processo necessita ser acompanhado da dedução e da investigação, que exigem da criança um planejamento mental e, conseqüentemente, favorecem o desenvolvimento dos processos de percepção, atenção, memória, fala, imaginação e criação.

No processo de interação com o mundo físico e natural, a criança elabora explicações para os fenômenos e acontecimentos, bem como opera e refuta conceitos. De acordo com as DCNEI (BRASIL, 2010a), as propostas pedagógicas devem incentivar a curiosidade, a exploração, o encantamento, o questionamento, a indagação e o conhecimento das crianças em relação ao mundo físico, social, ao tempo e à natureza; a isso se propõe esse campo de experiência.

EIXOS TRANSVERSAIS: EDUCAÇÃO PARA A DIVERSIDADE / CIDADANIA E EDUCAÇÃO EM E PARA OS DIREITOS HUMANOS / EDUCAÇÃO PARA A SUSTENTABILIDADE
**EIXOS INTEGRADORES – CUIDAR E EDUCAR / BRINCAR E INTERAGIR
CAMPO DE EXPERIÊNCIA – ESPAÇOS, TEMPOS, QUANTIDADES, RELAÇÕES E TRANSFORMAÇÕES
OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO
1º CICLO**

BEBÊS (0 a 1 ano e 6 meses)	CRIANÇAS BEM PEQUENAS (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses)	CRIANÇAS PEQUENAS (4 anos a 5 anos e 11 meses)
• Explorar e descobrir as propriedades de objetos (odor, cor, textura, temperatura, tamanho).	• Explorar e descrever semelhanças e diferenças entre as propriedades dos objetos (odor, cor, textura, temperatura, tamanho).	• Estabelecer relações de comparação entre objetos, observando suas propriedades.
• Explorar relações de causa e efeito (transbordar, tingir, misturar, mover e remover etc.) na interação com o mundo físico.	• Observar, relatar e descrever incidentes do cotidiano e fenômenos naturais (luz solar, vento, chuva etc.).	• Observar e descrever mudanças em diferentes materiais, resultantes de ações sobre eles, em experimentos envolvendo fenômenos naturais e artificiais.
• Explorar o ambiente pela ação e observação, manipulando, experimentando e fazendo descobertas.	• Identificar situações de cuidado de plantas e animais nos espaços da instituição e fora dela.	• Compartilhar com outras crianças situações de cuidado de plantas e animais nos espaços da instituição e fora dela.
• Manipular e experimentar o espaço por meio de experiências de deslocamento de si e dos objetos.	• Arrumar o espaço por meio de experiências de deslocamento de si e dos objetos.	• Identificar relações espaciais (dentro e fora, em cima, embaixo, acima, abaixo, do lado).
• Manipular materiais diversos e variados para comparar as diferenças e semelhanças entre eles.	• Classificar objetos, considerando determinado atributo (tamanho, peso, cor, forma etc.).	• Classificar e seriar objetos e figuras de acordo com suas semelhanças e diferenças.
• Observar a utilização de conceitos básicos de tempo (agora, antes, durante, depois, ontem, hoje, amanhã, lento, rápido, depressa, devagar).	• Utilizar conceitos básicos de tempo (agora, antes, durante, depois, ontem, hoje, amanhã, lento, rápido, depressa, devagar).	• Relatar fatos a partir da utilização de conceitos básicos de tempo (agora, antes, durante, depois, ontem, hoje, amanhã, lento, rápido, depressa, devagar).
• Participar de atividades de contagem oral em situações diversas (canções, histórias, brincadeiras).	• Contar oralmente objetos, pessoas, livros etc., em contextos diversos.	• Relacionar números às suas respectivas quantidades e identificar o antecessor e sucessor.
• Perceber quantidades distintas em relação aos brinquedos, livros, entre outros materiais.	• Acompanhar o registro de números: quantidade de crianças (presentes e ausentes) e a quantidade de objetos da mesma natureza (bonecas, bolas etc.).	• Acompanhar o registro de números em situações do cotidiano: a quantidade de crianças (presentes e ausentes) e a quantidade de objetos da mesma natureza (bonecas, bolas etc.).

BEBÊS (0 a 1 ano e 6 meses)	CRIANÇAS BEM PEQUENAS (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses)	CRIANÇAS PEQUENAS (4 anos a 5 anos e 11 meses)
• Observar atividades de seriação com brinquedos de tamanhos diferentes.	• Realizar seriação de objetos, posicionando-os do menor para o maior, do mais alto para o mais baixo, do mais largo para o menos largo e vice-versa.	• Organizar objetos por critérios de semelhanças e diferenças, agrupando-os numa categoria (classificação).
• Manipular formas geométricas em brinquedos, objetos e livros.	• Manipular e identificar formas geométricas no cotidiano, por meio de observação e manipulação de objetos, livros e elementos da natureza.	• Identificar formas geométricas em apreciação de obras de arte, desenhos, pinturas, colagens etc.
• Perceber cores nos ambientes, na natureza, em brinquedos e objetos.	• Identificar e nomear cores nos ambientes, na natureza, em brinquedos e objetos.	• Realizar experimentos para produzir novas cores, misturando materiais diversos: tinta, massinha de modelar, anilina, dentre outros, e relacionar cores nos objetos e nos elementos da natureza.
• Perceber objetos e situações que comportem comparações entre os atributos grande/pequeno, cheio/vazio, dentro/fora, igual/diferente, aberto/fechado, em cima/embaixo.	• Desenvolver, de maneira lúdica, noções matemáticas de alto/baixo, comprido/curto, maior/menor, muito/pouco, grosso/fino, largo/estrito, pesado/leve, longe/perto, quente/frio, rápido/devagar, dia/noite.	• Desenvolver, de maneira lúdica, noções matemáticas de mais/menos, começo/meio/fim, antes/agora/depois, cedo/tarde, ontem/hoje/amanhã, direita/esquerda, primeiro/entre/último, para frente/para trás/para o lado, para a direita/para a esquerda, para cima/para baixo.
• Deslocar-se no espaço, atendendo a direcionamentos: perto/longe, para frente/para trás, do lado da cadeira, embaixo da mesa, em cima da almofada etc.	• Identificar e reproduzir trajetos com dados predeterminados, por meio de brincadeiras e jogos.	• Utilizar desenhos, imagens e mapas simples para localizar objetos e pessoas.
• Ouvir histórias em que haja a presença do uso do dinheiro.	• Compreender a função social do dinheiro, de forma lúdica, em situações de vivência e manipulação (dinheiro de brinquedo) para a descoberta de que as cédulas e moedas têm valores e que são utilizadas na aquisição de produtos e serviços.	• Conhecer a história do dinheiro, como evoluiu do escambo, passando pelas moedas de metal, notas de papel, cartões de polietileno (plástico), chegando às moedas atuais.
• Participar de atividades lúdicas de colecionar objetos e materiais diversos.	• Comparar coleções de objetos, identificando relações de igualdade e diferença (mais que, menos que, maior que, menor que, igual a).	• Construir coleções maiores utilizando o processo de inclusão (Exemplo: juntar a coleção de bananas e a coleção de morangos na coleção de frutas; a coleção de bonecas e a coleção de bolas na coleção de brinquedos).
• Perceber a passagem do tempo, com enfoque nas marcações dia/noite; ontem/hoje/amanhã, envolvendo a utilização de calendário e relógio.	• Identificar e marcar a passagem do tempo, destacando datas importantes e eventos (aniversários, festas, passeios, estações do ano etc.) por meio de calendário e relógio.	• Conhecer os diversos mecanismos que os seres humanos empregaram para marcar o tempo: relógio de sol, de areia, de água, de bolso, de pêndulo, atômico, analógico e digital.

BEBÊS (0 a 1 ano e 6 meses)	CRIANÇAS BEM PEQUENAS (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses)	CRIANÇAS PEQUENAS (4 anos a 5 anos e 11 meses)
Participar de atividades lúdicas de medidas: comprimento, volume, capacidade.	Realizar estimativas de medições: comprimento, volume, capacidade.	Realizar medições e comparações de diversos objetos, espaços e pessoas, utilizando instrumentos diversificados: palmos, palitos, folhas de papel, metro.
Participar de atividades lúdicas com massinha de modelar e água, explorando a conservação de quantidade.	Realizar experimentos de conservação de quantidade.	Compreender que a quantidade não depende da arrumação, forma ou posição dos objetos.
Perceber a existência de números.	Identificar e nomear os números, diferenciando-os de outras marcas gráficas.	Identificar, nomear e registrar números em atividades lúdicas.
Utilizar linguagem corporal para comunicar ideias matemáticas.	Utilizar linguagem oral e pictórica para comunicar ideias matemáticas.	Utilizar e compartilhar linguagem oral e pictórica para comunicar ideias matemáticas.
Experimentar estratégias pessoais para resolução de situações-problema e estimular o raciocínio lógico.	Desenvolver estratégias pessoais para resolução de situações-problema e estimular o raciocínio lógico.	Representar com desenhos estratégias utilizadas para a resolução de situações-problema e desenvolver noções de operações matemáticas em situações concretas.
Perceber a existência de números e manipular números com diversos materiais (madeira, EVA etc.).	Reconhecer a ordem numérica e a relação entre o número (falado e escrito) e a quantidade que ele representa.	Comparar quantidades, utilizando recursos pessoais, como desenho e correspondência (biunívoca).
Perceber a existência de listas, tabelas e gráficos (pictóricos e corporais).	Participar na elaboração de listas, tabelas e gráficos (pictóricos e corporais), com o registro do professor em variados suportes.	Analisar, de maneira oral, listas, tabelas e gráficos (pictóricos e corporais), com o registro do professor em variados suportes.
Explorar os espaços da instituição de Educação Infantil.	Identificar, nomear e localizar os espaços da instituição de Educação Infantil.	Observar e explorar a paisagem do entorno da instituição de Educação Infantil.
Observar a existência de espaços sociais públicos e espaços privados.	Diferenciar espaços sociais públicos e privados, conforme suas características e utilidades.	Desenvolver atitudes de manutenção dos espaços públicos, privados, coletivos e do meio ambiente.
Observar, em gravuras e vídeos, realidades geográficas urbanas e rurais.	Identificar e distinguir realidades geográficas urbanas e rurais, desenvolvendo o respeito pelas diversidades.	Identificar componentes que formam determinadas paisagens do meio ambiente (rios, vegetações, construções, campos, mar, montanhas, seres vivos), distinguindo entre paisagens naturais e modificadas (pela ação humana ou pela ação da natureza), de modo a desenvolver atitudes de respeito e cuidado.

BEBÊS (0 a 1 ano e 6 meses)	CRIANÇAS BEM PEQUENAS (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses)	CRIANÇAS PEQUENAS (4 anos a 5 anos e 11 meses)
• Observar as medidas (peso, altura etc.), em diferentes objetos.	• Expressar medidas (peso, altura etc.), elaborando gráficos básicos com orientação do professor.	• Comparar medidas (peso, altura etc.), elaborando gráficos básicos.
• Observar objetos e materiais utilizados em diferentes atividades no dia a dia.	• Conhecer ações relacionadas ao consumo sustentável (economia de matéria prima, água, energia) e atitudes como reduzir, reciclar e reutilizar, desenvolvendo práticas de cuidado com o meio ambiente.	• Realizar ações relacionadas ao consumo sustentável (economia de matéria prima, água, energia) e atitudes como reduzir, reciclar e reutilizar, desenvolvendo práticas de cuidado com o meio ambiente.
• Participar de atividades de cuidados com os objetos e materiais de uso coletivo e individual.	• Compreender a importância da conservação, do uso racional e do reaproveitamento de objetos utilizados individual e coletivamente.	• Compreender e incentivar entre seus pares a conservação, o uso racional e o reaproveitamento de objetos utilizados individual e coletivamente.
• Observar a relação de causa e efeito nas propriedades dos objetos (som, odor, mudanças de forma ou tamanho, consistência, temperatura, luzes etc.)	• Levantar hipóteses a respeito dos processos de transformação das propriedades dos objetos (som, odor, mudanças de forma ou tamanho, consistência, temperatura, luzes etc.)	• Participar de pesquisa sobre a ação da luz, do calor, do som, da força e do movimento, a exemplo do cozimento dos alimentos e a relação entre um impulso e o ganho de velocidade de um carrinho.
• Ampliar o conhecimento do mundo, por meio da observação, exploração e interação com objetos, materiais e pessoas do seu convívio.	• Observar e participar de ações que envolvam separação de materiais recicláveis e reutilizáveis.	• Participar de feiras, exposições e mostras de trabalhos científicos, em interface com outras linguagens.
• Observar realização de experimentos científicos.	• Participar de experimentos, observações, pesquisas e outros procedimentos científicos para ampliação dos conhecimentos e vocabulário.	• Registrar os experimentos realizados por meio de desenhos.
• Participar colaborativamente das atividades de higiene pessoal.	• Identificar os materiais utilizados na higiene corporal, a fim de utilizá-los gradativamente, com autonomia.	• Realizar sua higiene pessoal com autonomia.
• Perceber as relações de interdependência entre os seres vivos.	• Observar os elementos da natureza, tais como água, luz, solo, ar, identificando-os, nomeando-os e relacionando-os aos seres vivos.	• Compreender as necessidades vitais dos seres vivos, discutindo a importância da preservação de seu habitat natural para a satisfação de tais necessidades.
• Perceber que cada ser ocupa seu espaço e tem um papel a desempenhar no ecossistema.	• Identificar os seres vivos a partir da observação de suas características físicas, tipo de alimentação, habitat, modos de locomoção e sua relação com o ambiente e outros seres vivos.	• Identificar alguns animais ameaçados de extinção, desenvolvendo pensamento crítico sobre a caça e a criação em cativeiro.
• Perceber cuidados básicos com os animais e plantas.	• Conhecer os ciclos de vida de plantas, animais e seres humanos.	• Valorizar os cuidados básicos com os animais (higienização, vacinação, alimentação, carinho) e com as plantas (cultivo de hortas, jardins).

BEBÊS (0 a 1 ano e 6 meses)	CRIANÇAS BEM PEQUENAS (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses)	CRIANÇAS PEQUENAS (4 anos a 5 anos e 11 meses)
Participar do cultivo (regar) de horta, observando o crescimento das hortaliças.	Participar do plantio e cultivo de horta ou jardim, desenvolvendo hábitos de cuidado e responsabilização com o meio ambiente.	Identificar as partes das plantas: raiz, caule, folha, flor, fruto e semente, conhecendo a função de cada uma.
Perceber a ação humana na preservação do meio ambiente.	Identificar ações humanas que contribuem para a preservação ou degradação do meio ambiente.	Conhecer princípios da “Carta da Terra para Crianças”.
Experimentar alimentos diversos a fim de constituir uma relação saudável com a alimentação.	Reconhecer diversos tipos e origens de alimentos, compreendendo a importância de uma alimentação saudável.	Participar de atividades de preparação de alimentos, aprendendo sobre higiene, escolha e consumo de alimentos saudáveis.
Observar elementos da natureza: sol, ar, água e solo.	Conhecer os elementos da natureza (sol, ar, água e solo), a fim de perceber sua influência no ambiente (chuva, seca, frio, calor).	Identificar alguns elementos poluidores e os efeitos para o meio ambiente.
Observar fenômenos da natureza (chuva, raio, relâmpago, vento) e experimentar as sensações causadas por eles.	Identificar fenômenos da natureza e sua influência nas ações humanas (construção de abrigos para proteção da chuva, construção de para-raios, bocas de lobo).	Identificar a relação entre os fenômenos da natureza em diferentes regiões (relevo, águas, clima) com as formas de vida dos grupos sociais (alimentação, trabalho, lazer).
Observar ludicamente a existência de mapas e globos.	Explorar maquetes, mapas e globos.	Manipular e reproduzir maquetes, mapas e globos com materiais diversificados.
Explorar, por meio dos sentidos, as características dos elementos naturais, dos materiais e do ambiente: quente, frio, liso, áspero, grosso, fino, doce, salgado, amargo, azedo, fortes e fracos etc.	Reconhecer, por meio dos sentidos, as características dos elementos naturais, dos materiais e do ambiente: quente, frio, liso, áspero, grosso, fino, doce, salgado, amargo, azedo, fortes e fracos etc.	Reconhecer e identificar, por meio dos sentidos, as características dos elementos naturais, dos materiais e do ambiente: quente, frio, liso, áspero, grosso, fino, doce, salgado, amargo, azedo, fortes e fracos etc.
Ouvir histórias sobre Brasília e sobre o Cerrado.	Desenvolver a oralidade e a elaboração de narrativas após leitura de histórias sobre Brasília e sobre o Cerrado.	Compartilhar narrativas após leitura de histórias sobre Brasília e sobre o Cerrado.
Visitar lugares de Brasília e do Cerrado.	Observar as características de Brasília e do Cerrado.	Discutir questões de sustentabilidade que envolvem Brasília e o Cerrado.
Conhecer plantas e animais do Cerrado.	Conhecer e nomear plantas e animais do Cerrado.	Conhecer e discutir sobre a preservação de plantas e animais do Cerrado.
Observar a vegetação nativa e as construções na cidade ou no campo.	Observar a vegetação nativa e as transformações que ocorrem a partir de construções na cidade ou no campo.	Observar e discutir questões sobre a vegetação nativa e as transformações que ocorrem a partir de construções na cidade ou no campo.

17. REFERÊNCIAS

ARCE, A.; MARTINS, L. M. (Orgs.). **Quem tem medo de ensinar na Educação Infantil? Em defesa do ato de ensinar**. Campinas, SP: Alínea, 2007.

ARCE, A.; SILVA, D. A. S. M. da; VAROTTO, M. **Ensinando ciências na educação infantil**. Campinas, SP: Alínea, 2011.

BARBOSA, M. C. S. **Por amor e por força: rotinas na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

_____. **Práticas cotidianas na educação infantil**: Bases para a reflexão sobre as orientações curriculares. Brasília: MEC, UFRGS, 2009. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/relat_seb_praticas_cotidianas.pdf. Acesso em: 01/10/2018.

BONDIOLI, A. **O projeto pedagógico da creche e a sua avaliação: a qualidade negociada**. Campinas: Autores Associados, 2004.

BRASIL. **Constituição Federal da República Federativa do Brasil**. Brasília: Presidência da República, Casa Civil, 1988.

_____. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Brasília: Presidência da República, Casa Civil, 1990.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília: Presidência da República, Casa Civil, 1996.

_____. **Indicadores da Qualidade na Educação Infantil**. Ministério da Educação/Secretaria da Educação Básica. Brasília: MEC/SEB, 2009.

_____. **Convenção sobre os direitos das Pessoas Com Deficiência** (2007). Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência: Protocolo Facultativo à Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência: decreto legislativo nº 186, de 09 de julho de 2008: decreto nº 6.949, de 25 de agosto de 2009. 4ª ed., rev. e atual. Brasília: Secretaria de Direitos Humanos, Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência, 2011.

_____. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC, SEB, 2010a.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Marcos Político-Legais da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Secretaria de Educação Especial. Brasília: Secretaria de Educação Especial, 2010b.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Educação Infantil e práticas promotoras de igualdade racial**. São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades – CEERT: Instituto Avisa lá - Formação Continuada de Educadores, 2012.

_____. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

_____. **Plano Nacional de Educação (2014-2024)**. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014, Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2014.

_____. MEC/SECADI/DPEE – SEB/DICEI. **Nota Técnica Conjunta n. 2**, de 04 de agosto de 2015. Orientações para a organização e oferta do Atendimento Educacional Especializado na Educação Infantil. Brasília: 2015.

_____. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: 2017.

CHAIM, M.M. **Aldeamentos Indígenas (Goiás 1749–1811)**. Segunda edição. São Paulo: Nobel, 1983.

DISTRITO FEDERAL. **Currículo em Movimento da Educação Básica**: Educação Infantil. Brasília: SEEDF, 2014.

_____. **Plano Distrital de Educação (2015-2014)**. Lei nº 5.499, de 14 de julho de 2015. Brasília: SEEDF, 2015.

_____. **Guia da VI Plenarinha da Educação Infantil**. Universo do Brincar: A criança do Distrito Federal e o Direito do Brincar. Brasília: SEEDF, 2018a.

_____. **Instituto Brasília Ambiental**. Bioma Cerrado. Brasília: Instituto Brasília Ambiental/IBRAM. 2018b. Disponível em: <http://www.ibram.df.gov.br/bioma-cerrado/>. Acesso em: 03/09/2018.

_____. **Governo do Distrito Federal - GDF**: Administrações Regionais. Brasília: 2018c. Disponível em: <http://df.gov.br/administracoes-regionais/>. Acesso em: 19/11/2018.

EDWARDS, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. **As cem linguagens da criança**: Abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Porto Alegre: Artmed, 1999.

ELKONIN, D. B. **Psicologia do jogo**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

_____. Enfrentando o problema dos estágios no desenvolvimento mental das crianças. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 43, p. 149-172, jan./mar. 2012.

FACCI, M. G. D. A periodização do desenvolvimento psicológico individual na perspectiva de Leontiev, Elkonin e Vigotski. **Cadernos CEDES**. Campinas, v. 24, n. 62, p. 64-81, 2004.

GOBBI, M. A. Múltiplas linguagens de meninos e meninas na educação infantil. In: I Seminário Nacional de Educação Infantil do Campo: Currículo em Movimento: Perspectivas atuais, 2010, Belo Horizonte. **Anais do I Seminário Nacional de Educação Infantil do Campo**: Currículo em Movimento: Perspectivas Atuais. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

KISHIMOTO, T. M. Brinquedos e brincadeiras na educação infantil. In: I Seminário Nacional de Educação Infantil do Campo: Currículo em Movimento: Perspectivas atuais, 2010, Belo Horizonte. **Anais do I Seminário Nacional de Educação Infantil do Campo**: Currículo em Movimento: Perspectivas atuais. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

LEONTIEV, ALEXIS N. Os princípios psicológicos da brincadeira pré-escolar. In: VIGOTSKII, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 2014, p. 119-142.

- MARTINEZ, A. P. A.; PEDERIVA, P. L. M. **Eu fico com a pureza da resposta das crianças**: A atividade musical na infância. Curitiba: Editora CRV, 2014.
- MARTINEZ, A. P. A. **Infâncias musicais**: O desenvolvimento da musicalidade dos bebês. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação, Universidade de Brasília-UnB, 2017.
- MELLO, S. A. Infância e humanização: algumas considerações na perspectiva histórico-cultural. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 25, n. 1, 83-104, jan./jun. 2007.
- NASCIMENTO, D. L. **Índios no Distrito Federal? A educação de crianças indígenas na capital do país**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação, Universidade de Brasília-UnB, 2018.
- NUNES, T.; CARRAHER, D.; SCHLIEMANN, A. **Na vida dez, na escola zero**. 16. ed. São Paulo: Cortez, 1988.
- PEDERIVA, P. L. M.; TUNES, E. **Da atividade musical e sua expressão psicológica**. Curitiba: Prismas/Appris, 2013.
- PRESTES, Z. **Quando não é quase a mesma coisa**: Traduções de Lev Semionovitch Vigotski no Brasil. Campinas: Autores Associados, 2012.
- _____. A sociologia da infância e a teoria histórico-cultural: algumas considerações. **Revista Educação Pública**, Cuiabá, v. 22, n. 49/1, p. 295-304, mai./ago. 2013.
- SAVIANI, D. **Escola e Democracia**. São Paulo: Cortez, 1991.
- SILVA, A. P. S.; PAUSCH, J. Orientações Curriculares Nacionais para a Educação infantil do Campo. In: I Seminário Nacional Currículo em Movimento: Perspectivas atuais, 2010, Belo Horizonte. Anais do **I Seminário Nacional de Educação Infantil do Campo**. Belo Horizonte: UFMG, 2010.
- SILVA, D. N. H. **Imaginação, criança e escola**. São Paulo: Summus, 2012.
- VIGOTSKI, L. S. **Psicologia Pedagógica**. São Paulo: ARTMED, 2003.
- _____. (VYGOTSKY). A brincadeira e o seu papel no desenvolvimento psíquico da criança. **Revista Virtual de Gestão de Iniciativas Sociais**. COOPE/UFRJ, junho/2008.
- _____. **Imaginação e criação na infância**. São Paulo: Ática, 2009.
- _____. (VYGOTSKI). **Obras Escogidas IV** – Paidología del adolescente; Problemas de la psicología infantil. Madrid: Machado Libros, 2012a.
- _____. (VYGOTSKI). **Obras Escogidas V** – Fundamentos de defectología. Madrid: Machado Libros, 2012b.

